

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LINARA BESSEGA SEGALIN

**“LEITURAS CONFIADAS ÀS MAIS INOCENTES E MAIS PURAS LEITORAS”?
AS MULHERES NOS ALMANAQUES GAÚCHOS (1889-1910)**

PORTO ALEGRE

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Bessega Segalin, Linara

"Leituras confiadas às mais inocentes e puras leitoras"? As mulheres nos almanaques gaúchos (1889-1910) / Linara Bessega Segalin. -- 2013.
177 f.

Orientador: Céli Regina Jardim Pinto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Relações de gênero. 2. Mulheres. 3. Disputa de poder. 4. Almanques. 5. Literatura Feminina. I. Pinto, Céli Regina Jardim, orient. II. Título.

LINARA BESSEGA SEGALIN

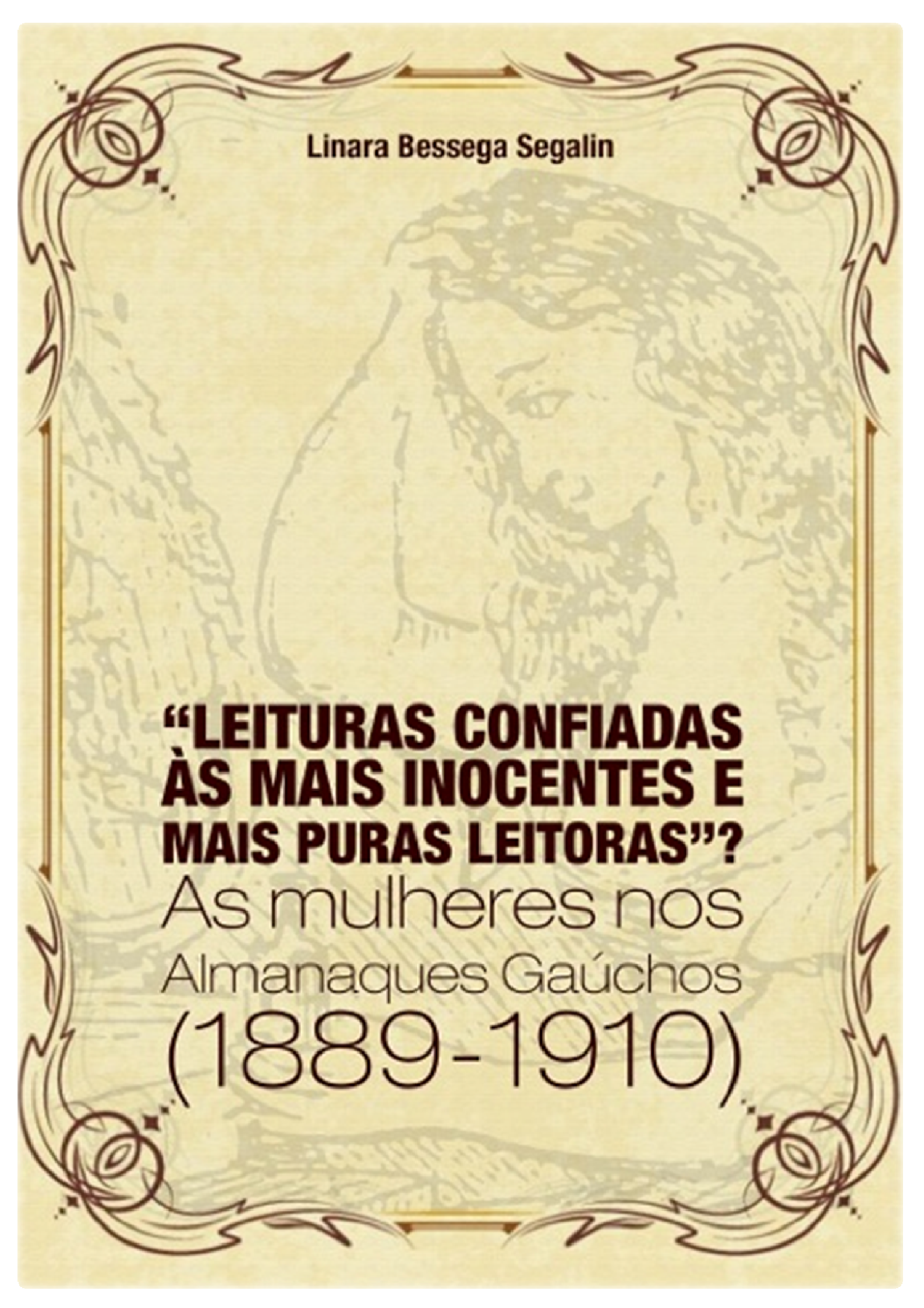
**“LEITURAS CONFIADAS ÀS MAIS INOCENTES E MAIS PURAS LEITORAS”?
AS MULHERES NOS ALMANAQUES GAÚCHOS (1889-1910)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Céli R. J. Pinto

PORTO ALEGRE

2013



Linara Bessega Segalin

**“LEITURAS CONFIADAS
ÀS MAIS INOCENTES E
MAIS PURAS LEITORAS”?**

As mulheres nos
Almanaques Gaúchos
(1889-1910)

LINARA BESSEGA SEGALIN

**“LEITURAS CONFIADAS ÀS MAIS INOCENTES E MAIS PURAS LEITORAS”?
AS MULHERES NOS ALMANAQUES GAÚCHOS (1889-1910)**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Céli R. J. Pinto

APROVADA EM: _____

Prof.^a Dr.^a Claudia Mauch (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Natalia Pietra Méndez (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Elisabete da Costa Leal (UFPEL)

Prof. Dra. Céli R. J. Pinto
Orientadora (UFRGS)

PORTO ALEGRE

2013

À minha família
Pela constante dedicação desprendida,
Apoio, carinho e zelo.
Aos meus pequenos amores, Jimmy e Zico,
Pelos momentos de descontração e alegria.

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite certamente responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Aí a nossa desgraça! Se eles nos perguntam sobre os fenômenos da natureza, os primeiros a atraírem a sua atenção, que resposta lhes damos? Eles querem saber o que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a lua está pregada no céu, de que é feita a luz, como e porque lampejam as estrelas, porque se use no horizonte a terra e as nuvens, e o que é a terra, a pedra, o movimento, a água, o sol, o som, a vaga, a flor, o inseto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo, e nós, a quem isso não foi nitidamente ensinado, ficamos avergonhadas, humilhadas, com um profundo desgosto de nós mesmas.

Julia Lopes de Almeida, 1897.

Eis; malandra, para que te serve a escrita;
Contra o meu desejo a arte te foi revelada

Horácio

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a construção de modelos femininos ideais e as disputas de poder entre homens e mulheres presentes nos textos do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e do *Almanaque Popular Brasileiro*, ambos editados em Pelotas, Rio Grande do Sul, importante centro de cultura do Estado à época, num período de intensas transformações sociais: o limiar do século XIX para século XX. Os almanaques, originários da Europa Medieval, estão presentes no Brasil desde o Império, tendo atingido seu auge de expressão justamente no período ora analisado, graças ao florescimento da imprensa e da indústria editorial. São publicações de caráter plural, cujas páginas dividem seu espaço entre tradição e modernidade, senso-comum e ciência. Os dois almanaques analisados tiveram intensa circulação e importância em todo estado do Rio Grande do Sul, sendo reconhecidos também nacionalmente e internacionalmente. Nos almanaques, é possível perceber a construção e divulgação de modelos femininos desejados para a sociedade da época, bem como modelos que deveriam ser repudiados. Uma grande quantidade de discursos disciplinadores das relações de gênero foi encontrada nas páginas dos dois almanaques. Também foi possível evidenciar uma significativa presença feminina atuando como escritoras e colaboradoras, mulheres que, igualmente, manifestaram-se sobre as relações entre homens e mulheres e sobre papel das mulheres na sociedade. Desta forma, revelaram-se os almanaques um espaço tanto de fixação de condutas de gênero, bem como de disputas de poder. Através de textos, poesias, crônicas e anedotas foi possível verificar o que os almanaques trazem com relação às relações de gênero vivenciadas na virada do século XIX e início do século XX e, ainda, (re) conhecer a trajetória de muitas das colaboradoras dos almanaques, enquanto figuras atuantes na luta pela inclusão social das mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Relações de gênero; Mulheres; Disputa de poder; Almanagues; Literatura Feminina.

ABSTRACT

The present study wants to analyze the construction of ideal female models and power disputes between genders presented in the texts of Literary and Statistical Almanac from Rio Grande do Sul and Brazilian Popular Almanac, both published in Pelotas, Rio Grande do Sul, an important center of culture in the State at that time, in a period of intense social transformations: the threshold of the nineteenth to the twentieth century. The almanacs, originating in Medieval Europe, are present in Brazil since the Empire Time, reaching its height of expression in the period now analyzed, thanks to the flourishing of the press and publishing industry. In these publications there are a plural character, whose pages divide this space between tradition and modernity, common sense and science. Both almanacs analyzed had intense circulation and importance throughout the state of Rio Grande do Sul, also being recognized nationally and internationally. In the almanacs, it is possible to see the construction and dissemination of female models wanted for the society of that age as well as models that should be repudiated. A large amount of disciplinary discourses of gender relations was found in the pages of the two almanacs. It was also possible to show a significant presence of women working as writers and collaborators, women also showed up on the relationship between gender and the role of women in society. By this way, the almanacs proved both a fixing space of gender conduct as well as power struggles between genders. Through texts, poems, stories and anecdotes it was possible to understand what the almanacs bring related with respect to gender relations experienced at the turn of the nineteenth and early twentieth century, and also (re) learn the history of many collaborators from the almanacs while active figure in the fight for women social inclusion in the society.

Keywords: Gender relations; Women; Power dispute; Almanacs; Women's Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1895	50
Figura 2: Capa do Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1906	51
Figura 3: Ilustração que acompanha o texto “Amor filial”. Tomé Gonçalves Ferreira Mendes. (Passo Fundo).	82
Figura 4: Ilustração que acompanha o <i>texto</i> “A mulher”, de Jose Palmella.....	88
Figura 5: Ilustração que acompanha do texto “Engano”- Nihil. (Pelotas – Rio Grande do Sul).	90
Figura 6: Ilustração que acompanha o texto “As mães de família”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. (Rio Pardo – Rio Grande do Sul).....	110

LISTA DE APÊNDICES

Tabela 1: Mulheres no Almanaque Literário e Estatístico da do Rio Grande do Sul.....	163
Tabela 2: Outras mulheres no Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul	166
Tabela 3: Mulheres no Almanaque Popular Brasileiro	171
Tabela 4: Outras mulheres no <i>Almanaque Popular Brasileiro</i>	174

LISTA DE ABREVIATURAS

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO – Educational Scientific and Culturel Organization / Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

OEA - Organização dos Estados Americanos

PRR – Partido Republicano Rio-Grandense

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 LEITURAS CONFIADAS ÀS MAIS INOCENTES E MAIS PURAS LEITORAS? NOTAS INTRODUTÓRIAS	16
1.1 ACERCA DAS FONTES, TEORIAS E METODOLOGIA	22
1.2 ESTRUTURANDO O CAMINHO TRILHADO	28
2 O CENÁRIO DE CIRCULAÇÃO DOS ALMANAQUES	33
2.1 ASPIRANDO A MODERNIDADE: O CENÁRIO HISTÓRICO-POLÍTICO-SOCIAL	33
2.1.1 O local de publicação dos almanques: a Pelotas da Belle Époque	38
2.2 SOBRE O SURGIMENTO DA IMPRENSA E A PUBLICAÇÃO DOS ALMANAQUES: O CENÁRIO INTELECTUAL	40
2.2.1 Os primórdios da imprensa no Brasil e em Pelotas	41
2.2.2. O que são os almanques? Quais são os seus conteúdos?	46
2.2.3 O Almanaque Popular Brasileiro e o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul	49
2.3 MULHERES CONTROLADAS, MAS QUE SUBVERTEM: O CENÁRIO DE GÊNERO	55
3 POESIAS QUE ENALTECEM E ANEDOTAS QUE IRONIZAM: A IMAGEM DAS MULHERES NOS ALMANAQUES	61
3.1 SÃO O QUE HÁ DE MAIS SUBLIME: A POESIA QUE ENALTECE E DISCIPLINA	61
3.2 SÃO O QUE HÁ DE MAIS PERVERSO: AS ANEDOTAS E PIADAS QUE IRONIZAM	67
4 O QUE OS HOMENS ESCREVEM SOBRE ELAS?	75
4.1 FALANDO DE AMOR... (MATERNO, FILIAL, CONJUGAL)	75
4.2 O TÍTULO MAIS REPETIDO: “A MULHER”	86
4.3 A VERDADEIRA BELEZA	89
4.4 “TIAS!?! QUE HORROR!”	91
4.5 O COMBATE AOS MODISMOS	101
4.6 MUDANÇAS À VISTA!	102
5 O QUE AS MULHERES ESCREVEM SOBRE ELAS?	104
5.1 SOBRE SEU ESPAÇO “DE PODER”: O LAR	104
5.2 O QUE PARA ELAS SIGNIFICAVA “SER MÃE”?	106
5.3 EM DEFESA DA PRIMEIRA MULHER	111
5.4 “DESPREZO POR NÓS MESMAS”: UMA EDUCAÇÃO SUPERFICIAL	113
5.5 SERIAM AS MULHERES FELIZES?	118
6 QUEM ESCREVE? DE ONDE ESCREVE? AS VOZES FEMININAS NOS ALMANAQUES	120
6.1 AS MULHERES NO ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL	125
6.2 AS MULHERES NO ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO	137
6.3 SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS VOZES FEMININAS NOS ALMANAQUES	143

7 ALMANAQUES: UM ESPAÇO DE FIXAÇÃO DE CONDUTA E DISPUTA DE PODER	145
REFERÊNCIAS	150
APÊNDICES	163
ANEXO.....	177

PREFÁCIO

“Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras”? Mulheres nos almanaques gaúchos (1889-1910).

O presente trabalho se propõe a fazer um estudo sobre a construção de modelos femininos ideais e as disputas de poder entre homens e mulheres presentes nos textos do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e do *Almanaque Popular Brasileiro*, dois almanaques sul-rio-grandenses que circularam em finais do século XIX e início do século XX. Os almanaques, originários da Europa Medieval, estão presentes no Brasil desde o Império, tendo atingido seu auge de expressão justamente no período de análise desta pesquisa, graças ao florescimento da imprensa e da indústria editorial; os almanaques caracterizam-se como publicações de caráter plural, dividindo o espaço de suas páginas entre tradição e modernidade, senso-comum e ciência.

A pesquisa realizada no PPGH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação da professora Dra. Céli Regina Jardim Pinto tem seus primeiros passos iniciados anos atrás, ainda na graduação em História na Universidade de Caxias do Sul, quando se estabeleceram os primeiros contatos com os almanaques e com a temática das Relações de Gênero. O interesse pelos estudos de gênero, como mencionado, foi despertado ainda na graduação em História na UCS por meio do incentivo da professora Dra. Natália Pietra Méndez e da professora Dra. Rejane Barreto Jardim que se dedicavam (e se dedicam) ao tema com profissionalismo e entusiasmo.

A monografia final do curso seguiu-se dentro dessa inspiração. Com o título de: *“A mulher entre o Anjo e o Demônio: Os discursos e as representações das mulheres nos almanaques, publicações positivistas e livros didáticos (1889-1930)”*, sob a orientação da Professora Dra. Loraine Slomp Giron, buscava analisar como estas três fontes distintas e destinadas a públicos igualmente distintos assemelhavam seus discursos com relação às mulheres, ora ridicularizando-as através de textos, anedotas e imagens, ora elevando-as como seres superiores em sentimentos, mas inferiores racionalmente. No entanto, a análise dessas fontes revelou, também, fortes indícios de resistência por parte das mulheres, seja pelo fato de retrucarem os dizeres masculinos, como observamos em textos presentes nos almanaques, seja pelo fato de existirem textos escritos por homens que repreendem certas atitudes transgressoras que estariam sendo cometidas pelas mulheres.

Pelo fato de ter sido uma pesquisa muito rica em informações e descobertas é que

decidimos continuá-la no mestrado, desta vez, focando especificamente os almanaques como fontes de pesquisa, visto que são fontes ainda pouco exploradas, mas muito valiosas para o estudo da História Social, Cultural e de Gênero.

Gostaria agora de tecer alguns agradecimentos.

Durante minha trajetória como mestranda muitas foram as mudanças na minha vida. Muitas foram as pessoas que passaram e deixaram marcas. Tantas coisas boas, felizmente poucas tristes, e muitas, muitas histórias para contar. Meu primeiro agradecimento é pelas coisas maravilhosas que vivi nesse período, momentos inesquecíveis que me fizeram enxergar o mundo de outra maneira e de querer viver intensamente.

De maneira especial, quero agradecer à minha orientadora, professora Dra. Céli Regina Jardim Pinto por ter acolhido o projeto, pelas ideias, críticas e sugestões que acabaram por aprimorar essa dissertação. Agradeço também por ter apoiado e incentivado a minha experiência em outro país, bem no meio dessa trajetória, entendendo que seria um momento importante para minha formação profissional.

Agora, é preciso voltar um pouco no tempo e agradecer às pessoas que fizeram parte do início desse projeto. A presente dissertação nasce pelos corredores da Universidade de Caxias do Sul, onde estudei durante a graduação. Dessa forma, devo agradecer imensamente à professora Dra. Natália Pietra Méndez, por ter sido um exemplo de profissional, uma pessoa na qual eu sempre me inspirei. A ela e à professora Dra. Rejane Barreto Jardim agradeço por terem despertado o meu interesse pela temática de gênero.

À professora Me. Maria Beatriz Pinheiro Machado, minha orientadora de Iniciação Científica, que me mostrou o mundo de coisas fascinantes proporcionado pela pesquisa em história. À professora Dr. Mara Cristina Rodrigues, pelo incentivo e por também ter sido uma inspiração enquanto exemplo de profissional.

Ainda na Universidade de Caxias do Sul, agradeço aos funcionários da Biblioteca Central por terem permanecido horas e horas de “castigo” ao meu lado enquanto eu trabalhava com minhas fontes de pesquisa (os almanaques) na sala gelada do Setor de Obras Raras.

Fundamentais no percurso de todo esse trajeto (dias tensos de seleção, ansiedade com o exame de qualificação e defesa, etc.) foram as pessoas que acompanharam tudo isso ao meu lado. Agradeço, de coração, ao Marcelo Ribas Massia que, como namorado, sempre me apoiou e incentivou, e hoje, como amigo, segue apoiando e incentivando. Agradeço também aos pais dele, Antonio Massia e Silvia Regina Ribas Massia, por me receberem com carinho na sua casa em Porto Alegre enquanto cursava as disciplinas do curso.

À minha família, em especial a minha mãe, Janete Bessega sempre se esforçando ao máximo para ajudar que meus sonhos se tornassem realidade; ao meu pai, Adir Segalin, pelo apoio principalmente nesses meses finais da escrita; aos meus avós, Luiz Bessega e Josefina Bessega, sempre carinhosos; à minha irmã, Luana Zaffari, minha melhor amiga; à minha tia Gilmara Bessega, uma segunda mãe para mim; ao meu primo, Lorenzo Marcon, uma figura de menino; ao Davi, Arthur, Pierre e Rodrigo, meus irmãos lindos e queridos.

A todos meus amigos e amigas do Brasil, Espanha e outras nacionalidades que cruzaram meu caminho, pelas experiências compartilhadas, pelos momentos de descontração e risos, noites de “copas y tapas”, de “botellones”, de “bailar hasta que salga el sol”. “Días y noches que no mueren”. Laços de amizade que, sem dúvida, encheram e enchem meus dias de alegria.

De volta ao mundo acadêmico, agradeço à coordenadora do PPGH, professora Dra. Regina Weber, por ter compreendido minha ausência no curso durante o período em que estive na Espanha realizando o *Master em História Social Comparada: Relaciones Políticas, Sociales y de Género en Europa y na América Latina*.

À Capes, pela concessão da bolsa durante o período compreendido entre junho de 2010 e novembro de 2011, fundamental para a realização da pesquisa.

Às professoras presentes na minha Banca de Qualificação, professora Dra. Claudia Wasserman e professora Dra. Elizabete da Costa Leal, pelas importantes sugestões que orientaram a continuidade do trabalho.

Aos professores e orientadores do Mestrado em *Historia Social Comparada* da Universidade de Murcia, em especial ao Dr. Francisco Chacón Jiménez, meu orientador; à professora Dra. Lucía Provencio Garrigós, minha co-orientadora, que em muito contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

Aos queridos amigos Ismael Gonçalves Alves e ao César Daniel Rolin pelas dicas e sugestões para compor esse trabalho.

Aos meus queridos e adorados bichinhos de estimação: o furão, Jimmy, e o gato, Zico, responsáveis por momentos de descontração, leveza, risos e felicidade.

Enfim, são muitas as pessoas a quem gostaria de agradecer, mas não é possível aqui, nomear a todos e todas. Portanto, aos que não foram mencionados nessas breves linhas, mas passaram por minha vida nesse período e sabem que, de uma maneira ou de outra, foram importantes, meu muito obrigado.

1 LEITURAS CONFIADAS ÀS MAIS INOCENTES E MAIS PURAS LEITORAS? NOTAS INTRODUTÓRIAS

A Boneca é uma das mais imperiosas necessidades e ao mesmo tempo um dos mais encantadores instintos da alma feminina.

Vestir, enfeitar, despir, tornar a vestir, ensinar, ralhar um pouquinho, animar, cantar, fazer dormir, afigurar-se que um objeto qualquer é um ser, eis resumindo o futuro da mulher.

Sonhando e tagarelando, fazendo enxovaizinhos, fraldas, cueiros, a criança passa a ser moça, a moça a ser mulher.

O primeiro filho é a continuação da última boneca.

Uma menina sem boneca é quase tão infeliz e tão incompleta como uma mulher sem filhos.

Victor Hugo

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1906, p. 144).

Textos como este, advindos de uma série de autores nacionais e internacionais, contendo indicações de como uma leitora inocente e pura deveria se comportar para se tornar digna da sociedade do final do século XIX e início do século XX, são comuns nas páginas dos dois almanaques analisados nesta pesquisa: o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque Popular Brasileiro*. Ambos os almanaques foram editados na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, importante centro de cultura do Estado, que à época, contava com inúmeras editoras e livrarias. Dentre as mais importantes figuravam as que editavam os almanaques aqui analisados, a Livraria Americana (*Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*) e a Livraria Universal (*Almanaque Popular Brasileiro*).

O período de 1889 a 1910 é marcado por inúmeras transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas. As transformações serão sentidas gradativamente por toda a sociedade através da divulgação e incorporação de novos valores e novas práticas nas relações cotidianas. A influência europeia, por exemplo, é sentida de forma particular na cidade de Pelotas, que vive, no período estudado, juntamente com a então capital do país, Rio de Janeiro, significativas influências da *Belle Époque* Francesa.

A *Belle Époque* (1880 e 1914) caracteriza-se por ser uma época de inovações artísticas, tecnológicas, arquitetônicas, científicas, culturais e de pluralismo de ideias. Um período de mudanças de comportamentos e estilos de vida. A arte, a pintura, a fotografia, a literatura e a moda refletiam e estimulavam as inovações de seu tempo. Foi uma época de rupturas, de sonhos e de ostentação. Paris tornou-se um centro de referência cultural para o mundo.

A influência da *Belle Époque* francesa, em Pelotas, precisa ser entendida através do

sucesso do empreendimento das charqueadas no sul do Estado. De acordo com Cunha (2009, p. 30-34), a cidade de Pelotas, fundada em 1835, iniciou sua prosperidade no século XVIII, mais precisamente no final do século XVIII, quando o português José Pinto Martins, que já se dedicava a salgar carne no Estado do Ceará, precisou encontrar outro lugar para exercer as suas atividades devido à seca que enfrentava o nordeste, escolhendo então, por saber das potencialidades do sul do Rio Grande do Sul, o atual território de Pelotas. Às margens do arroio Pelotas, em 1780, fundou a primeira charqueada. Devido à prosperidade do estabelecimento e dos métodos utilizados, muitas outras charqueadas foram surgindo, estimulando a exploração em larga escala da atividade saladeril no Rio Grande do Sul. Logo a atividade transformou-se numa poderosa indústria que mudaria a cidade de Pelotas, tornando-a, no século XIX, uma das mais prósperas cidades da Província do Rio Grande do Sul. O trabalho penoso das charqueadas era realizado à custa da mão-de-obra escrava, seguindo a estrutura escravocrata utilizada há tempos no Brasil.

Conforme assinala Cunha:

O núcleo das charqueadas construiu fortunas sólidas entre os pelotenses, e possibilitou, além da riqueza, o ócio dos charqueadores, principalmente nos tempos de entressafra. Com o tempo desocupado e o charque vendido a altos preços no mercado, os industrialistas vieram a fixar residência na vila que se erguia próxima aos saladeiros. Em Pelotas, construíram sobrados, muitos dos quais edificadas por engenheiros europeus. Ajudaram economicamente o país, nas suas lutas internas e externas, recebendo em troca títulos nobiliárquicos. Mandaram seus filhos estudar no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, na Europa - Portugal e França. Fizeram com que se desenvolvesse uma sociedade cheia de lazer para as coisas do espírito e para os encantos da sociedade. Pelotas transformou-se no centro de tradição cultural do Rio Grande do Sul no século XIX. Pela própria natureza do trabalho desenvolvido nos saladeiros, os charqueadores puderam manter um padrão de vida que se observa, como contrapartida da fortuna e do horror praticado nas charqueadas, o refinamento das maneiras e do espírito demonstrado na zona urbana (CUNHA, 2009, p. 34-5).

Como vimos, o empreendimento das charqueadas rendeu riquezas e permitiu aos aristocratas de gestos largos o contato com o hábito da leitura, a frequência dos salões e teatros. A fase de opulência cultural de Pelotas inicia-se, então, com as idas dos descendentes da indústria do charque à Europa para completar os estudos, e que, ao regressarem, traziam malas cheias de referências europeias. Aos poucos, Pelotas vê-se cheia de sobrados, local de passagem de importantes espetáculos teatrais, e de Salões Literários.

O cenário intelectual pelotense de finais do século XIX e início do século XX estava contagiado por uma efervescente cultura escrita, em que circulava uma quantidade expressiva de jornais, revistas e almanaques. Observa-se a influência de autores, sobretudo franceses e portugueses, além de autores nacionais, no desenvolvimento de uma literatura própria,

influenciada pelo Parthenon Literário¹, e que viria a fazer parte dos primórdios da literatura gaúcha.

É preciso destacar, no entanto, que a Pelotas do século XIX não era muito diferente das demais cidades do país no que tange ao analfabetismo, que acometia 34% da população, em número de 25.000 habitantes na época (LONER, 1998, p. 6 *apud* MARRONI, 2008, p. 64). Assim, é preciso enfatizar que os autores e editores eram, a um só tempo, não só produtores, mas também os consumidores do que era produzido no local. Cunha ressalta que os acontecimentos em Pelotas eram, na verdade, uma troca entre “amigos”, ainda que muitos estudantes e mulheres também lessem os jornais, revistas e almanaques (2009, p. 19).

O gênero de publicação que nos interessa aqui: os almanaques – caracterizam-se por serem um tipo de publicação de origens europeias medievais, que apesar da passagem dos séculos e dos diferentes contextos históricos em que foram editados, mantiveram-se fiéis aos seus objetivos de servirem como guia do tempo e oficina da vida.

*Il faut bien le comprendre, les almanachs ne sont pas apparus par hasard. Ils sont le fruit d'un besoin, celui d'apprendre. Les almanachs vont devenir, à partir des XV ème -XVI ème siècles, les instruments essentiels de la popularisation et de la vulgarisation du savoir.*²

Da ciência à magia, de textos comuns a textos literários, de conselhos práticos a anedotas, de receitas de cozinha a dados econômicos, de tradições a transformações e modernidades, disso compunha-se o repertório dos almanaques, publicações que ensinavam a utilizar o tempo, bem como a própria vida. São publicações de divulgação de saber e poder.

De acordo com Le Goff (1996), o primeiro almanaque teria surgido em 1445, na Europa. Em seguida, surgem o *Almanaque da Corporação dos Barbeiros* (1464) e o *Almanaque anual* (1471). *Le Grand Calendrier Compost des Bergers* (1491), foi o mais importante almanaque da França. Também tiveram grande importância os almanaques de profecias como o *Almanaque Nostradamus* (1550) também publicado na França.

Podemos verificar que os almanaques já se faziam presentes no Brasil desde o século XVIII como, por exemplo, o *Almanaque da Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa*.

¹ Fundada em Porto Alegre em 18 de junho 1868, tinha o propósito de organizar a vida literária no Rio Grande do Sul. A sociedade Partenon Literário cumpriria o seu propósito e assumiria uma posição de destaque, tornando-se o marco fundamental das letras e da cultura regional sul-rio-grandense. MOREIRA, Maria Eunice (Org). *Narradores do Partenon Literário*. Vol. 3. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002.

² “É preciso compreender que os almanaques não apareceram por acaso. Eles são fruto de uma necessidade, aquela de aprender. Os almanaques se tornaram, a partir dos séculos XV-XVI, os principais instrumentos de divulgação e popularização do saber”. Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.louisg.net/almanachs.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

Já no século XIX, temos o *Almanaque Familiar – Portugal e Brasil*, o *Almanaque Imperial do Comércio e das Corporações civis e militares* – Rio de Janeiro, o *Almanaque Geral do Império do Brasil* - Rio de Janeiro, o *Anuário Político, Histórico e Estatístico do Brasil* – Rio de Janeiro, *Almanaque de Lembranças* - Lisboa, *Almanaque de Campinas* - Campinas e o *Almanaque Popular Brasileiro* - Pelotas, que também é citado. Adentrando o século XX, encontra-se, entre outros, o *Almanaque Ilustrado do Brasil Portugal* – Rio de Janeiro e Lisboa, o *Almanaque da Antártica*, o *Almanaque das Senhoras* – Alagoas, o *Almanaque Brasileiro Garnier* – São Paulo, *Almanaque Agrícola Brasileiro* – São Paulo, *Almanaque Eu Sei Tudo* – Rio de Janeiro, *Almanaque Bertrand* – Lisboa/Rio de Janeiro e *Almanaque do Pensamento*. No século XXI, temos, por exemplo, o *Almanaque do Nordeste*.

Também é possível verificar uma grande variedade de almanaques de farmácia como, por exemplo, o *Farol da Medicina*, elaborado pela Drogaria Granado do Rio de Janeiro; o almanaque *A Saúde da Mulher*, elaborado pelo laboratório Daudt; o *Almanaque Capivarol*, editado no Rio de Janeiro pelo laboratório Bayer; o *Almanaque Isa* elaborado pelo Laboratório Kraemer, em Porto Alegre; o *Almanaque do Biotônico*, *Almanaque Fontoura e Jeca Tatuquinho* elaborados pelo laboratório Fontoura. De acordo com Park (1998), esses almanaques desempenharam um papel político e pedagógico no Brasil, pois transmitiam de forma simples a versão da ciência, tão importante naquele então final do século XIX e início do século XX³.

No Rio Grande do Sul, também percebemos a variedade e a diversidade dos almanaques. Entre eles, podemos citar, além dos aqui utilizados como fonte, o *Anuário da Província do Rio Grande do Sul* – Porto Alegre, o *Almanaque Enciclopédico Sul-Rio-Grandense* – Porto Alegre, o *Almanaque do Correio do Povo* - Porto Alegre, o *Almanaque de Pelotas - Pelotas*, o *Almanaque do Globo* – Porto Alegre, o *Almanaque da Serra* - Erechim.

Diante do exposto, fica evidente a diversidade dos almanaques brasileiros e sua riqueza, no entanto, essas fontes ainda não foram suficientemente exploradas tendo sido, muitas vezes, até mesmo ignoradas por serem consideradas fontes de difícil acesso, raras e efêmeras. Botrel (2006) destaca que apesar de formar parte dos impressos de mais ampla difusão e uso, os almanaques, talvez por sua obviedade, trivialidade, costumam ser tidos como impressos menores e, em face disso, foram menos ou pior conservados em bibliotecas e

³ No livro “*Do almanak aos almanaques*”, organizado por Meyer (2001), planejado a partir das reflexões do Colóquio Internacional “*Os almanaques populares: Da América à Europa – Gênero, Circulação e Relações interculturais*”, realizado em Campinas, na Unicamp, em outubro de 1999; esse, por sua vez, inspirado no Colóquio: “*Les Almanachs Populaires em Europe et dans lès Amériques (Sécs. XVII-XIX)*”, realizado na Universidade de Versailles Saint-Quentin-em-Yvelines, em 1998, podemos observar a variedade e pluralidade desse gênero de publicação na Europa e no Brasil.

arquivos.

Diante da diversidade dos almanaques existentes no Brasil – de seus alcances, de suas funções de reativar memórias, de introduzir modernidades e conceitos a serem seguidos ou desprezados – é que somos motivados a estudá-los como fonte importante para entendermos a história cultural e social do país, nesse período de transição; na virada do século XIX para o século XX, principalmente no que mais nos interessa: analisar as relações de gênero que permeiam em suas páginas.

Analisando os dois almanaques selecionados para a pesquisa, encontramos uma grande quantidade de textos com um caráter pedagógico sobre as relações de gênero. Muitos textos presentes nos almanaques como “A Boneca”, de Victor Hugo, citado no início desse capítulo, concordam com a citação utilizada no título: “*O almanaque deve ser um livro que se possa, sem escrúpulos, confiar à mais inocente e à mais pura das leitoras*” (Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1889), utilizada para justificar a censura de um texto enviado ao *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, cuja não publicação, teria ocorrido por ferir a concepção do almanaque de servir como um guia de leituras confiadas às mais puras e inocentes leitoras.

De acordo com Araújo (2008), o efeito pernicioso da leitura para o público feminino era uma preocupação constante dos homens do século XIX, ao afirmar que:

Referente à leitura feminina, a desconfiança, proibição e controle, que tentavam separar o joio do trigo, estavam na ordem do dia. Então, eram liberadas as leituras consideradas boas, úteis, saudáveis; proibidas as más, frívolas e suscetíveis de desviar do bom caminho e da salvação espiritual. O papel da leitora era tradicionalmente o de guardiã dos bons costumes, de tradição e do ritual familiar (ARAÚJO, 2008, p. 46).

Importante ressaltar que, embora os textos utilizados sejam provenientes de diversos autores, de diferentes nacionalidades e contextos históricos, quando reunidos nos almanaques formam parte de um discurso homogêneo e pedagógico sobre as relações de gênero. De acordo com Cunha, “[...] a seleção de um conjunto de obras com determinadas características acaba por definir o comportamento cultural do restante da sociedade a qual o sistema literário pertence” (2009, p.165). Dessa forma, ainda que muitos textos não tivessem sido escritos para a realidade que vivenciava o Brasil e o Rio Grande do Sul do período, no momento em que foram selecionados e incorporados às publicações, acabavam por ser considerados (pelos editores) como sendo importantes e próprios para a transmissão de papéis de gênero desejados aos leitores e leitoras, uma vez que os discursos são sempre, veículos de poder.

Nossa problemática de pesquisa centra-se em uma série de questões: Somente esse tipo de leitura “saudável” para as mulheres, existia nas páginas desses almanaques? Seriam os almanaques disciplinadores da postura das mulheres na sociedade? Teriam como base o pensamento masculino da época? Que tipos de comportamentos de gênero são mencionados nos almanaques? Qual a importância da voz feminina nos almanaques? As mulheres têm um papel distinto dos homens?

Antecipando algumas descobertas e conclusões, ao longo das pesquisas e análises das fontes, evidenciamos que os almanaques eram um espaço não somente de fixação de condutas de gênero, mas também, um importante espaço de disputa de poder. Um grande número de mulheres apareceu como autoras de artigos, poesias, crônicas, charadas, logogrfos que faziam parte das páginas dos almanaques.

Nos exemplares consultados, pudemos apurar a presença de 98 mulheres no *Almanaque Popular Brasileiro*, e de 130 mulheres no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Dentre elas, muitas mulheres que foram professoras, escritoras, poetisas, feministas e engajadas em causas sociais. Algumas dessas mulheres, cujos textos, poesias e crônicas foram publicadas nos dois almanaques estudados, tiveram suas biografias pesquisadas e mencionadas aqui, pois, conhecendo um pouco mais sobre essas mulheres, suas obras, pensamentos e ideias, pudemos confirmar nossa tese de que os almanaques se configuravam como espaço intenso de disputa de poder de gênero.

Essas mulheres escreveram nos almanaques sobre temas diversos, contudo, o que nos interessa aqui, além de saber quem eram elas, é saber o que escreveram sobre a condição das mulheres na sociedade, sobre os papéis tradicionais reservados a elas, sobre as relações familiares e de gênero. E, nesse caso, foi possível verificar que muitas ainda estavam bastante impregnadas com o pensamento tradicional masculino, mas outras fizeram um uso político do poder de acesso à palavra, reclamando para as mulheres maiores direitos, sobretudo relacionados à educação feminina.

Desta forma, a análise dos almanaques *Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Popular Brasileiro* nos faz refletir acerca das relações de poder e resistência de gênero presentes nesse período histórico de transformações significativas para a história do Brasil, além de tornar visível a significativa presença feminina na imprensa do final do século XIX e início do século XX.

1.1 ACERCA DAS FONTES, TEORIAS E METODOLOGIA

A presente pesquisa tem dois elementos que a torna agradável. Em primeiro lugar, o aporte teórico, *relações de gênero*. Saber o que homens e mulheres pensaram e escreveram sobre si mesmos e sobre o outro, e como enxergaram as relações entre si é sempre um assunto que rende interesse e curiosidade, tanto por parte dos leitores e leitoras, como por parte dos pesquisadores e pesquisadoras. Entender como os papéis de gênero foram sendo delineados ao longo do tempo e nas diversas culturas é fundamental para que possamos compreender a complexidade das atuais configurações de gênero, respeitar a diversidade e romper com os inúmeros preconceitos e estereótipos de gênero que ainda figuram na sociedade atual. O segundo elemento são as fontes que nos apresentam essas relações de gênero: *os almanaques*. Ainda hoje, os almanaques são vistos como publicações instigantes, que despertam um misto de fascínio e curiosidade. São fontes valiosas para compreendermos a História Social, Cultural e de Gênero.

Apresentamos aqui os almanaques que constituem as fontes da nossa pesquisa: o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues e editado por Carlos Pinto & C., em Pelotas, Rio Grande do Sul, na Tipografia da Livraria Americana, durante os anos de 1889-1917 e o *Almanaque Popular Brasileiro*, editado por Echenique & Irmão, em Pelotas, Rio Grande do Sul, pela Livraria Universal, durante os anos de 1894-1908. Os exemplares encontram-se disponíveis na Coleção Especial Laudelino Teixeira de Medeiros, na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. É possível encontrar a coleção do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*⁴ praticamente completa: 1889, 1890, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1910 e (1911, 1913, 1914, 1915, 1916 e 1917 que não serão utilizados na pesquisa) (faltam os volumes de 1891, 1909 e 1912). A coleção do *Almanaque Popular Brasileiro*⁵ conta com os volumes de 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 (faltam os volumes de 1894, 1895). Os exemplares encontram-se em bom estado de conservação, a grande maioria com a capa original.

A escolha desses dois almanaques seguiu alguns critérios: quantidade significativa de discursos de gênero neles encontrados; terem uma vida útil em um período comum;

⁴ Os exemplares medem cerca de 18 centímetros de altura por 12 centímetros de largura. As edições dos *Almanaques* contêm, em média, 300 páginas (Informações: Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul).

⁵ Os exemplares medem cerca de 18,5 centímetros de altura por 13 centímetros de largura. As edições dos *Almanaques* contêm, em média, 300 páginas (Informações: Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul).

representarem duas das mais importantes editoriais/livrarias de Pelotas no período; possuírem a maior parte dos exemplares disponíveis para a consulta. Certamente outros almanaques também poderiam ter sido utilizados, mas nos limitamos a esses dois, também por conta do tempo hábil para pesquisá-los durante o Mestrado. Num futuro projeto de doutorado, podemos vir a estudar outros almanaques que também despertem interesse pela quantidade de discursos sobre as relações de gênero.

Os conceitos teórico-metodológicos utilizados para pensar a pesquisa são os conceitos de “*Gênero*” e de “*Relações de poder*”.

Utilizaremos o conceito de “gênero”, enquanto teoria e metodologia. De acordo com Thébaud, “*es imposible plantear la situación actual sin recurrir al género*” (2006, p. 41). A necessidade de enxergarmos a história e a sociedade atual através da perspectiva de gênero tornou-se fundamental para a compreensão de ambas. Entretanto, a preocupação teórica com o gênero não está presente nas principais abordagens do final do século XVIII ao final do século XX. É um conceito do final do século XX (SCOTT, 1995, p. 85). Para compreendermos o surgimento do conceito é preciso excursionar pela trajetória da história das mulheres e do movimento feminista. Vejamos:

Segundo Soihet “a grande reviravolta, nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos da história, contribuiu para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres” (1997, p. 275). Fundamental nesse processo foi o surgimento da história da cultura, que buscava ampliar as discussões sobre os mais diferentes grupos sociais. Neste momento, pluralizaram-se os objetos de investigação histórica e as mulheres passaram a ser consideradas sujeitos e objetos históricos.

A partir do florescimento da história das mulheres, começam a surgir trabalhos contemplando as mais diferentes abordagens relacionadas às mulheres. Surgem obras que privilegiam o comportamento cotidiano feminino, as suas relações com o trabalho, família e maternidade, seus comportamentos sexuais, morais e políticos. A maior parte deles, tentando destacar as relações de poder exercidas pelas mulheres nas suas vivências, no seio da ordem natural estabelecida pelos homens.

A obra clássica *O segundo Sexo*, de Beauvoir (1949), constatava que a mulher é escrava de sua própria situação: ela não tem passado, não tem história, não tem religião própria. Para Beauvoir, a mulher sempre foi caudatária da palavra do homem. Sua palavra só é aceita enquanto subordinada aos códigos de vida e comunicação estabelecidos pelo homem. Este texto, da filósofa francesa, serviu como um dos textos inspiradores e fundamentais para a consolidação dos movimentos feministas nas décadas de 1960 e 1970. A revelação “nua e

crua” da mulher no contexto histórico serviu como motivação para as feministas descobrirem seu passado e introduzi-lo na história. O movimento feminista, das décadas de 1960 e 1970, em muito contribuiu para o debate em torno da história das mulheres. “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo não só acompanhou as feministas para a melhoria de suas campanhas profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história”, assinala Soihet (1997, p. 277).

Podemos destacar três momentos de conquistas feministas, três gerações com pensamentos distintos. A primeira geração propôs o igualitarismo de direitos entre homens e mulheres; a segunda, pós-68, se definira pela proposição radical entre a identidade masculina e feminina, interessada em dar voz às mulheres emudecidas pela cultura do passado; já a terceira geração, criticava a universalidade de uma diferença radical entre os gêneros e postulava a multiplicidade de identidades de homens e mulheres (MACHADO, 1992, p. 25).

De acordo com Soihet, até a década de 1970, muito se discutiu acerca da passividade das mulheres frente à opressão da sociedade patriarcal. As mulheres eram tratadas como uma categoria de análise homogênea e acentuou-se a dualidade entre homens *versus* mulheres. Contudo, no final da década de 1970, essa interpretação hegemônica da categoria “mulheres” começa a ser questionada e as “diferenças começam a ser passíveis de análise” (SOIHET, 1997, p. 277). Assim, a postura que acreditava numa única identidade para todas as mulheres, passou a defender a ideia de múltiplas identidades, uma vez que as mulheres também poderiam ser analisadas por outras categorias de análise como: classe, sexo, etnia, sexualidade, nacionalidade. O pensamento de Foucault vem ao encontro para superar esse enfoque dicotômico na história das mulheres; baseando-se nas relações de poder, Foucault sugere que as mulheres também se faziam presentes na dialética do poder.

Na década de 1980-90, assistimos à emergência do “gênero”; referência no tema, Scott afirma que “*el género es la organización social de la diferencia sexual. No refleja la realidad biológica ordinaria, pero construye el sentido de esta realidad*” (SCOTT *apud* THÉBAUD, 2006, p. 25). O gênero não refletia ou implementava diferenças fixas ou naturais entre homens e mulheres, mas “um saber que estabelece significado para as diferenças corporais”. (SCOTT, 1994, p.11-13 *apud* PEDRO, 2005, p. 78). Ainda de acordo com Scott:

A palavra indica uma rejeição no determinismo biológico implícito no uso dos termos ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 75).

O gênero sublinha o aspecto relacional entre homens e mulheres, vindo a sugerir que nenhuma compreensão, de qualquer um dos dois, pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado.

Dentro da evolução do conceito, principalmente política, o conceito de gênero transcendeu a si mesmo. Dessa forma, pode ser entendido tanto como organizador das relações sociais entre os sexos, como também uma categoria de análise crítica, densa teoricamente, com projeção metodológica, com múltiplas dimensões e como perspectiva de estudos, com autonomia epistemológica, capaz de atravessar todas as demais categorias tradicionais de análise (classe, raça/etnia). Uma categoria de análise hoje exigida e demandada por organismo de decisão internacional e assumidas por organizações governamentais e não-governamentais como é o caso da ONU, UNESCO, PNUD, OEA, etc. (CABRAL; GARCIA, 2005, p. 10).

O gênero, como categoria de análise crítica tem como objetivo transformar nossos modos de pensar/nos, olhar/nos e relacionar/nos de outra maneira mediante uma ética de compreensão humana, observando as desigualdades entre homens e mulheres e tentando, através de um esforço teórico e crítico, pensar além dos estreitos limites dos estereótipos, esquemas de gênero e papéis comportamentais tidos como fixos e imutáveis para cada realidade histórico-social. Tem por objetivo, também, desnaturalizar e transformar significações tidas como absolutas e que acabam por subordinar e oprimir homens e mulheres, principalmente às mulheres, já que, nas sociedades ocidentais, o gênero designa um sistema de classificação cultural que divide os seres humanos, segundo suas diferenças sexuais, em masculino e feminino. Assim, homens e mulheres vão sendo socializados através de um conjunto de práticas, atitudes, valores e padrões de comportamento expresso em um vasto sistema de representações sócio-simbólicas que lhes atribui determinados traços de identidade, características psicológicas, sociais e culturais normativas e estereotipadas, transmitidas e reproduzidas constantemente que vão conformando as experiências identitárias individuais e coletivas dos sujeitos (CABRAL; GARCIA, 2005).

Ainda de acordo com Cabral e García o que nos interessa perguntar em uma pesquisa de gênero:

[...] son las “naturales” diferencias “culturales (valga el sutil juego paradójico) justificadas y legitimadas en un conjunto de desigualdades entre hombres y mujeres. Desigualdades que se construyen, se mantienen y reproducen social, cultural e históricamente, haciéndolas aparecer como naturales, universales, absolutas, como el destino ligado a la “condición” de ser mujer u hombre (CABRAL; GARCIA, 2005, p.10).

Os pesquisadores de gênero buscam, em suas pesquisas, reconhecer assimetrias e condutas de gênero no contexto a ser analisado. Buscam compreender quais comportamentos e valores são transmitidos e desejados para homens e mulheres em um contexto histórico-social específico.

Na década de 1990, muitos foram os avanços na visibilidade e pesquisas sobre o tema. Segundo Costa e Bruschini: “Organizam-se seminários, constituem-se grupos de trabalho nas principais associações de ciências sociais; (...) implantam-se núcleos interdisciplinares de estudo e pesquisa sobre a mulher e gênero nas universidades brasileiras” (1992, p. 6). Várias áreas do conhecimento vão incorporando a temática de gênero nas suas análises.

Nos últimos anos, assistimos uma intensificação nos debates acadêmicos relacionados às questões relativas ao gênero. Diversas áreas do conhecimento voltaram-se para essa categoria de análise, problematizando e teorizando sobre os mais variados objetos de pesquisa. Prova dessa efervescência de estudos de gênero são os mais de 70 simpósios temáticos do “Seminário Internacional Fazendo Gênero 9”, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina em 2010. Os simpósios exploraram as mais diversas temáticas, demonstrando a amplitude e a pluralidade de estudos nesta área em diversas universidades do Brasil e do mundo. Exemplificando essa pluralidade, podemos citar algumas das principais temáticas abordadas, atualmente, no âmbito dos estudos ligados ao gênero, tais como: relações de gênero e sexualidade; gênero e mundo do trabalho – urbano e rural; violência de gênero; relações de gênero e educação; relações de gênero e direitos civis; gênero e práticas culturais; relações de gênero e poder; relações de gênero e exclusão social; gênero e saúde (discursos médicos e psicológicos); relações de gênero e mídia; relações de gênero, política e religião; gênero e identidade; gênero e cinema; gênero e práticas esportivas; relações de gênero nos discursos literários e nos discursos da imprensa, entre outros.

Historiadores, sociólogos, antropólogos, pedagogos, jornalistas, médicos, psicólogos, juristas, políticos e outros profissionais debruçam-se, atualmente, nas pesquisas ligadas ao Gênero, sinalizando a importância do aprofundamento teórico nesta temática.

Diversas revistas acadêmicas trazem, em suas páginas, estudos de gênero e algumas, especificamente, são destinadas a ampliar o debate e divulgar a temática, como é o caso da Revista de Estudos Feministas da UFSC, desde 1991, e os Cadernos PAGU do Núcleo de Pesquisas de Gênero da Unicamp, desde 1993. Também devemos evidenciar que, ainda no âmbito acadêmico, diversas linhas de pesquisas de especializações, mestrados e doutorados, no Brasil e no mundo, incluíram a temática de Estudo das Relações de Gênero, ampliando o

número de pesquisadores e pesquisadoras interessados/as em explorar o referido tema. Além disso, é possível perceber uma vasta produção de pesquisas gênero na graduação, seja por meio de trabalhos de Iniciação Científica, trabalhos de Conclusão de Curso e ainda vinculadas a Cursos de Extensão e Grupos de Estudos.

Como observamos, o enfoque nos estudos sobre as mulheres e sobre as relações de gênero passou por transformações nos últimos anos, incorporou novas teorias e destacou a importância de se pensar essas relações sob a ótica das relações de poder e das múltiplas identidades dos sujeitos.

Neste sentido, também utilizaremos como referencial teórico, para estudar as relações de gênero presentes nos discursos dos almanaques, o conceito de relações de poder defendido por Michel Foucault. “Quando digo poder não se trata de detectar uma instância que estenda a sua rede de maneira fatal, uma rede cerrada sobre os indivíduos. O poder é uma relação, não é uma coisa” (FOUCAULT, 1981 *apud* DOSSE, 2001, p. 223).

A partir dessa afirmação, Foucault nega as teorias tradicionais de que o poder seria uma coisa única; teria um lugar fixo; teria determinados titulares, guardiões ou pessoas investidas; de que seria onipresente, onisciente e onipotente; de que seria imposto de cima para baixo e sempre visto como algo negativo. Para ele, estas ideias sobre o poder são totalmente equivocadas e se perpetuaram durante séculos como instrumentos de manipulação de poder. Desta forma:

O discurso manipulador não tem a intenção de fazer as pessoas reconhecerem que o poder é algo indispensável em nossa existência, isto é, ver o lado positivo do poder. O discurso manipulador tem a intenção de manter o *status quo*, pois é a única maneira que uma determinada parcelada da sociedade tem para continuar vivendo em cima de um barril de pólvora (o barril de pólvora é a massa oprimida) sem que este exploda, isto é, sem que a massa opressora se revolte de fato (MARINHO, 2008, p. 21).

Ao negar essa teoria tradicional, Foucault não nos apresenta uma nova teoria (já que pressupõe que o poder não tem uma gênese, portanto não admite uma teoria), mas apresenta novas e importantes explicações sobre as “*relações de poder*”, pois, para o autor, o poder por si só não existe (FOUCAULT, 2001, p. 301 *apud* MARINHO, 2008, p. 4), o que existe são relações de poder entre os indivíduos. Foucault afirma que a sociedade disciplinar, atravessada por relações institucionais, seria marcada como uma pulverização das relações disciplinares, sendo essas relações desencadeadas, cotidianamente, a partir de diferentes posicionamentos dos sujeitos em face às suas necessidades (SILVA, 2006-2007). As relações de poder estão por toda parte e funcionam como uma “rede de relações de alto a baixo, mas

também até um certo ponto de baixo pra cima e lateralmente” (FOUCAULT, 1999, p. 148).

Não existe um poder central vinculado ao Estado, mas sim micro-poderes que estão ao alcance de todos, cujos mecanismos se disseminam estabelecendo relações de forças que atravessam toda a estrutura social. “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1976, p. 89).

As próprias palavras do autor nos ajudam a compreender o que são relações de poder:

Quando fala-se de poder, as pessoas pensam imediatamente a uma estrutura política, um governo, uma classe social dominante, o mestre frente ao escravo, etc. isto não é de nenhum modo aquilo que eu penso quando falo de relações de poder. Eu quero dizer que, nas relações humanas, qualquer que sejam - que trate de comunicar verbalmente, como fazemo-lo agora, ou que trate-se de relações amorosas, institucionais ou econômicas -, o poder continua presente : eu quero dizer a relação na qual um quer tentar de dirigir a conduta do outro. estas são, por conseguinte, relações que pode-se encontrar em diversos níveis, sob diferentes formas; estas relações de poder são relações móveis, ou seja elas podem alterar-se, elas não são dadas de uma vez para sempre. (FOUCAULT, 2001, p. 1538 *apud* MARINHO, 200, p. 14-15).

Importante destacar que Foucault também aponta que as relações de poder vêm acompanhadas de resistências. Segundo o autor, elas são o outro termo nas relações de poder (FOUCAULT, 1976, p. 91-2).

O discurso, tido como uma prática social, que deve ser analisada a partir de suas condições histórico-sociais, é considerado por Foucault, como uma das estratégias de reprodução e legitimação do poder. Desta forma, a análise dos textos dos almanaques *Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Popular Brasileiro* nos possibilitará compreender aspectos das relações de poder e resistência de gênero que circulavam em suas páginas, bem como nos mostrará um pouco sobre a sociedade do período estudado.

1.2 ESTRUTURANDO O CAMINHO TRILHADO

A dissertação está organizada em sete capítulos, a saber: Capítulo 1: “*Leituras confiadas às mais inocentes e puras leitoras? Notas introdutórias*”; Capítulo 2: “*O cenário de circulação dos almanaques*”; Capítulo 3: “*Poesias que enaltecem e anedotas que ironizam: A imagem das mulheres nos almanaques*”; Capítulo 4: “*O que os homens escrevem sobre elas?*”; Capítulo 5: “*O que as mulheres escrevem sobre elas?*”; Capítulo 6: *Quem escreve? De onde escreve? As vozes femininas nos almanaques*; Capítulo 7: “*Almanaques, um espaço de fixação de conduta e disputa de poder: notas de conclusão*”.

Nesse primeiro capítulo, “*Leituras confiadas às mais inocentes e puras leitoras? Notas introdutórias*” buscamos explicar aos leitores o porquê da pergunta título. Ao analisarmos o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio do Sul* e o *Almanaque Popular Brasileiro*, evidenciamos, num primeiro momento, a quantidade de textos que versava sobre as relações de gênero, especialmente sobre os papéis de gênero esperados para as mulheres da época. Grande parte dos textos disciplinava a conduta feminina e concordava com a colocação de que os almanaques deveriam ser “Leituras confiadas às mais inocentes e puras leitoras”, frase utilizada como resposta a um colaborador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para ano de 1889, cujo texto enviado não teria sido publicado por ferir a essa premissa, de ser um guia de leituras confiáveis às leitoras.

Entretanto, neste mesmo capítulo, antecipamos algumas das descobertas que, após uma análise mais detalhada de nossas fontes, conseguimos apurar. Nos almanaques, encontramos uma significativa presença feminina como escritoras e colaboradoras. Essas mulheres escreviam sobre temas diversos, mas também refletiam sobre sua condição na sociedade. A significativa participação feminina e a presença de textos que refletiam ou reivindicavam melhores condições sociais para as mulheres, possibilitou perceber os almanaques não somente como um espaço de fixação de conduta, mas também como um espaço de disputa de poder entre os gêneros. Ainda no primeiro capítulo, destacamos a importância das fontes de pesquisas utilizadas: os almanaques, bem como apresentamos as referências teórico-metodológicas que foram utilizadas para pensar essa dissertação. Tratam-se dos conceitos de “Relações de Gênero” e “Relações de Poder”.

No segundo capítulo, intitulado “*O cenário de circulação dos almanaques*” traçamos um percurso para compreender o contexto histórico, intelectual e de gênero em que circulava o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque Popular Brasileiro*, uma vez que, as relações e papéis de gênero só podem ser entendidos a partir do contexto histórico a que pertencem. Assim, analisamos primeiramente o cenário histórico-político-social, destacando as principais transformações que vinham ocorrendo no contexto internacional e nacional, principalmente as desencadeadas pelas inovações da Revolução Tecnológica Científica que transformaria não somente a tecnologia, mas também hábitos, costumes e relações entre povos e países. No contexto nacional, destacamos a adaptação do Brasil ao então novo sistema de governo republicano, bem como às transformações tecnológico-científico-culturais. O cenário específico do Rio Grande do Sul, estado de publicação dos almanaques, influenciado pela doutrina comtista e as especificidades da cidade de publicação dos almanaques, Pelotas, que à época vivia à sua maneira a *Belle Époque*

francesa também são apresentados. Importante destacar que a cultura da *Belle Époque* francesa vivenciada em Pelotas só foi possível graças ao enriquecimento dos industriários do charque no século XIX que, enriquecidos, enviaram seus filhos à Europa para estudar e estes, ao regressarem, trouxeram as malas cheias de ideias e referências da *Belle Époque* francesa, que logo foram sendo incorporadas à vida cultural da cidade.

Em relação ao contexto intelectual, mencionamos os primórdios da imprensa brasileira com a chegada da corte portuguesa em 1808, suas principais características e momentos durante o período imperial e início do período republicano. Os primórdios e características da imprensa pelotense também são mencionados. Ainda dentro do contexto intelectual, resgatamos a história e a importância do gênero de publicação “Almanaques”, destacando-o como uma fonte rica para o estudo da história social, cultural, política e de gênero, mas que, por vezes, é esquecida ou deixada de lado. Características específicas sobre os almanaques *Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Popular Brasileiro*, concluem a parte dedicada a tratar do cenário intelectual.

Por último, apresentamos o cenário de gênero vivenciado na virada do século XIX para o XX. O período em questão constitui-se em um período intranquilo e eficaz na disciplinarização das condutas femininas, já que as mudanças que vinham ocorrendo na ordem social também teriam afetado o comportamento das mulheres e que, portanto, precisava ser controlado. Foi um período ágil na divulgação de modelos “ideais” de papéis de gênero femininos. Porém, é preciso ressaltar que o período também é marcado pela intensa presença feminina na imprensa que, embora não tenha tido o devido reconhecimento na época, foi extremamente importante na divulgação das ideias femininas e feministas, tendo desempenhado um papel crucial na mobilização para as primeiras conquistas sociais das mulheres.

“*Poesias que enaltecem e anedotas que ironizam: A imagem das mulheres nos almanaques*” intitula-se o terceiro capítulo dessa dissertação. Nele, objetivamos analisar quais modelos de mulheres aparecem nas páginas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e do *Almanaque Popular Brasileiro*. Através da seleção de textos, poesias, crônicas e anedotas é possível perceber como os almanaques constroem essas mulheres, no sul do Rio Grande do Sul, numa cidade que se pensa cosmopolita em um momento de intensas transformações sociais. Poesias são utilizadas para enaltecer a imagem feminina, enquanto os recursos irônicos são responsáveis por desqualificá-la. Interessantes textos descrevem as mulheres ora como anjos, ora como demônios.

O quarto e o quinto capítulo tratam justamente de evidenciar essa trama de disputas

de poder dentro dos almanaques. No quarto capítulo, “*O que os homens escrevem sobre elas?*” analisamos os textos escritos por homens que tratam sobre a condição social das mulheres. Primeiramente, analisamos os textos que pretendem conformar uma ideia sobre o amor, seja ele materno, filial ou conjugal; em seguida, ressalta-se o que se evidenciava nos textos cujo título foi o mais utilizado por ambos os almanaques: “A mulher”; a seguir, encontramos textos enfatizando que a preocupação das mulheres deveria recair sobre a beleza da alma e não sob a beleza física, pois a verdadeira beleza seria a masculina, por ser divina; As “tias ou solteironas” não escaparam de árduos comentários num texto de mais de seis páginas encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*; além disso, encontramos textos que atentam à necessidade de combate aos modismos e textos que revelam alguns resultados das conquistas feministas.

No capítulo cinco “*O que as mulheres escrevem sobre elas?*”, percebemos que alguns textos escritos por mulheres ainda estavam impregnados com o pensamento masculino da época, mas outros se revelavam inovadores e reivindicadores de direitos para as mulheres. Assim, encontramos textos onde as mulheres refletem sobre seu espaço de poder por excelência naquele momento: o lar; textos que indicam a necessidade de expor para os homens o que elas sentiam ao serem mães; textos em defesa das mulheres, afirmando que elas não deveriam ser julgadas como criminosas porque uma delas teria experimentado do fruto proibido, por querer ser igual ao ser supremo, mas sim, que deveriam ser vistas como as primeiras adoradoras do belo, do sublime, sacerdotisas do ideal; textos muito interessantes escritos por Anna Aurora do Amaral Lisboa e Julia Lopes de Almeida refletem sobre a educação superficial destinada às mulheres, sobre o sentimento de desprezo sentido por elas ao não saberem responder simples perguntas de toda ordem feitas pelos pequenos/as filhos/as. Ambos os textos reivindicam uma atenção especial para educação das mulheres, justificando que não deixariam de serem esposas e filhas dedicadas e que melhor instruídas poderiam desempenhar melhor as funções maternas que tanto lhes eram cobradas; por fim, alguns poemas que expressam sentimentos de tristeza vivenciados pelas mulheres.

No sexto capítulo “*Quem escreve? De onde escreve? As vozes femininas nos almanaques*”, objetivamos revelar quem eram as vozes femininas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e do *Almanaque Popular Brasileiro*. Através do índice de autores/as e colaboradores/as foi possível encontrar seus nomes e, folheando as páginas indicadas, localizar seus textos, crônicas, poemas, charadas, logogrifos. Mas, além de apresentar seus nomes, indicar o local de onde escreviam e o que escreviam nos almanaques, buscamos também resgatar aspectos biográficos de cada uma delas. Evidentemente, não foi

possível encontrar as biografias de todas, mas as biografias encontradas revelam trajetórias de mulheres que lutaram pela conquista dos direitos femininos. Foram as primeiras escritoras, educadoras, poetisas, editoras, jornalistas, feministas, etc. A presença significativa de mulheres como colaboradoras dos almanaques, aliada a biografias tão interessantes, reforçou nossa tese de serem os almanaques um espaço não só de fixação de conduta, mas também de intensas disputas de poder de gênero.

No último capítulo, intitulado, “*Almanaques, um espaço de fixação de conduta e disputa de poder: notas de conclusão*” são retomadas todas as análises feitas ao longo texto e tecidas as considerações finais.

2 O CENÁRIO DE CIRCULAÇÃO DOS ALMANAQUES

As definições de papéis e relações de gênero precisam ser analisadas e compreendidas a partir do contexto histórico-social a que pertencem. Da mesma forma, o discurso, considerado por Foucault como uma prática social e como estratégia de reprodução e legitimação do poder, também deve ser analisado a partir de suas condições histórico-sociais específicas. Assim, para analisarmos o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque Popular Brasileiro* no tocante às relações de gênero presentes neles, faz-se necessário apresentar aspectos relacionados ao contexto histórico, intelectual e de gênero vivenciados na virada do século XIX para o XX, período em que circulam os almanaques.

Ainda que o contexto histórico, intelectual e o de gênero estejam completamente entrelaçados, optamos aqui por analisá-los separadamente. Assim, num primeiro momento, destacamos as transformações históricas vivenciadas no contexto internacional e brasileiro na transição entre o século XIX e XX, bem como as especificidades do Rio Grande do Sul e da cidade de Pelotas, estado e cidade de publicação dos almanaques aqui analisados. Num segundo momento, analisamos o contexto intelectual do período e aqui estamos falando sobre aspectos relacionados à imprensa no Brasil e em Pelotas, e sobre o gênero de publicação “almanaque”. Por último, destacaremos aspectos relacionados ao cenário de gênero correspondente ao período estudado.

2.1 ASPIRANDO A MODERNIDADE: O CENÁRIO HISTÓRICO-POLÍTICO-SOCIAL

Segundo Sevcenko (1998), o ritmo das transformações, na virada do século XIX e início do século XX, ocorreu de modo bastante intenso, alterando todos os níveis da experiência social. O autor destaca que nunca em um período anterior as pessoas foram envolvidas de maneira tão intensa num processo que mudaria seus hábitos cotidianos, suas convicções e até seus reflexos instintivos:

[...] essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar as suas afeições e de sentir a proximidade ou alheamento de outros seres humanos. De fato, nunca em um período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão rápido num processo dramático de transformações de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos (SEVCENKO, 1998, p. 7-8).

Neves (2006) também enfatiza as profundas transformações desencadeadas pelo

curso das mudanças no cenário internacional. Segundo a autora, a experiência do tempo vivido parece acelerar-se e as noções de tempo e história parecem estar paulatinamente ligadas à ideia de evolução:

Uma nova concepção de tempo e de história acompanha as múltiplas mudanças que, aproximadamente entre 1870 e a primeira grande guerra de 1914, se multiplicam em todos os âmbitos. O Ocidente vive um desses períodos em que a história parece acelerar-se, e não é apenas a experiência do tempo vivido que reflete e provoca essa sensação: a própria percepção mais abstrata do tempo e a concepção de história que é seu corolário estarão pautadas pela primazia da noção de evolução e por uma representação linear, em constante aceleração, do tempo histórico, que certamente ganha uma nova coloração (NEVES: 2006, p.22-3).

Em meados do século XIX, consolidado em 1870, um novo e revolucionário acontecimento entra em cena, modificando o cenário da expansão econômica industrial e contribuindo intensamente para a sua internacionalização: a *Segunda Revolução Industrial* ou *Revolução Tecnológica Científica*. Dentre as modificações introduzidas, está o desenvolvimento de novos potenciais energéticos e, conseqüentemente, a abertura de novos campos da exploração industrial; o desenvolvimento de novas áreas da microbiologia e seus efeitos na maneira de conservar alimentos, bem como na farmacologia, medicina e nos hábitos de higiene. A lista das invenções surgidas a partir da Segunda Revolução Tecnológica Científica, que configuram nosso imaginário moderno, é extensa. O ritmo de vida transformou-se rapidamente, alterando os hábitos e costumes cotidianos; o desenvolvimento dos transportes e das comunicações encurtou as distâncias entre as pessoas e facilitou a divulgação dos conhecimentos e informações.

Nesse curso de intensas transformações, ampliou-se a escala das demandas e das exportações, ocasionando os fenômenos conhecidos como *neocolonialismo* e *imperialismo*⁶. Esses fenômenos consistiram na divisão, pelas grandes potências europeias, das áreas ainda não colonizadas do globo ou o restabelecimento de vínculos de dependência com as áreas de passado colonial, objetivando a obtenção de novas fontes de matéria-prima, mão de obra e novos mercados consumidores.

⁶ No entendimento de Eric Hobsbawm, o imperialismo aparecia como uma saída para a Grã-Bretanha, bem como para as potências concorrentes: a conquista econômica (e cada vez mais, política) de áreas do mundo até então inexploradas. Assim, a era da Grande Depressão (período de 1873-1896) gerou também a era do imperialismo. O imperialismo formal da “partilha da África” na década de 1880, o imperialismo semi-formal de consórcios nacionais ou internacionais que assumiam a administração financeira de países pobres e o imperialismo informal do investimento estrangeiro. Os historiadores políticos têm afirmado não encontrar qualquer razão para essa virtual divisão do mundo entre um punhado de potências da Europa Ocidental (mais os Estados Unidos) nos últimos lustros do séc. XIX. Os historiadores econômicos, entretanto, não têm encontrado tal dificuldade. HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 117-121.

As potências europeias avançaram sobre as sociedades tradicionais de economia agrícola, e instauraram novos hábitos e práticas de consumo e produção, desestabilizando seus modos de viver. Essa modificação dos modos de viver ocasionou inúmeras revoltas contra as inovações do progresso europeu. Conforme examina Neves:

Novas engrenagens internacionais transformam a economia mundial, as grandes potências hegemônicas descobrem, nas áreas periféricas – inclusive no Brasil –, um mercado lucrativo para aplicações financeiras e passam a investir ali, onde a mão-de-obra é barata, os direitos sociais estão longe de serem conquistados e a matéria-prima é farta e disponível.

[...] Por toda a parte, novos agentes e novas práticas sociais, transformam as cidades. [...] Novas conquistas da ciência e da técnica e novas invenções revolucionam os hábitos e o cotidiano. [...] é o novo ritmo de vida, com a aceleração da ciência e da técnica, as distâncias parecem encurtar-se. [...] O progresso técnico invade as casas, transforma os ritos, os costumes e os horários da vida doméstica (NEVES, 2006, p. 20-2).

O ritmo acelerado das transformações, como foi visto anteriormente, iria afetar todas as esferas da vida social, principalmente nos países periféricos; o Brasil também sentiria os efeitos ocasionados pelas transformações tecnológicas, científicas e culturais. Naquele momento, o Brasil passava por transformações políticas importantes: a abolição da escravidão em 1889 e a Proclamação da República em 1889. Após a Proclamação, a primeira constituição brasileira promulgada em 1891, atendendo aos interesses das oligarquias agroexportadoras, adota o modelo de Constituição norte-americana, ou seja, um modelo de Constituição Liberal, baseada no Federalismo e no individualismo econômico, sem que se leve em consideração a realidade social do país. De acordo com Resende (2006), o federalismo possibilita a emergência de oligarcas e coronéis e a preponderância de interesses individuais em detrimento dos interesses coletivos. Para Resende:

A transplantação de princípios da Constituição dos Estados Unidos para a Constituição Republicana de 1891 é feita sem que se leve em consideração a realidade social do país, marcada pela alta concentração da propriedade, pelo imenso poder dos proprietários de terras e pela enorme desigualdade entre a população, hierarquizada pela pobreza, pelo estigma da escravidão, pela cor da pele (RESENDE, 2006, p. 98).

De uma política que defendia os interesses de uma minoria, em contraste com a Constituição Liberal vigente, é que surge a expressão “liberalismo oligárquico”. Resende (2006) pontua que:

É da coexistência de uma Constituição Liberal com práticas políticas oligárquicas que deriva a expressão *liberalismo oligárquico*, com que se caracteriza o processo

político da República no período compreendido entre 1889 e 1930. Ambígua e contraditória, a expressão revela que o advento da República, cujo pressuposto teórico é o de um governo destinado a servir à coisa pública ou ao interesse coletivo, teve significado extremamente limitado no processo histórico de construção da democracia e da expansão da cidadania no Brasil (RESENDE, 2006, p. 91).

De acordo com Pesavento (1994), no Rio Grande do Sul, essa transição não fugiu desse contexto geral que atravessava o país, mas teve peculiaridades específicas de acordo com a realidade local. O Rio Grande do Sul teve uma tradição de economia agropecuária, voltada para o abastecimento do mercado interno; uma vez que, nesse momento de inserção do Brasil no cenário capitalista, o estado apresentava um poder competitivo mais baixo.

Segundo a autora, “a parcela da classe dominante que se encontrava descontente visualizava a questão da dependência através da subordinação política do centro sobre o sul e da pouca autonomia que o Rio Grande do Sul tinha para resolver seus problemas”. (PESAVENTO, 1994, p. 65). Todos esses fatores motivavam uma crítica às instituições monárquicas do país; assim, conforme destaca Pesavento, o Partido Liberal, partido majoritário no estado, dominado por pecuaristas, mostrava-se incapaz de resolver os problemas do estado.

As novas camadas urbanas não viam nos partidos imperiais propostas que viabilizassem seus anseios, estando abertas a uma nova proposta partidária. Surge então o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), composto por elementos do latifúndio pecuarista descontentes com o Regime e por elementos dos setores médios urbanos. O partido buscou incorporar setores do complexo colonial que enriqueciam com indústrias e comércios, bem como buscou uma aliança com o exército.

Com a Proclamação da República, a política nacional viu-se entrelaçada por uma rede de oligarcas que lutavam pelo domínio do poder em cada estado da Nação. No caso do Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Rio-Grandense tornou-se o partido situacionista durante toda a Primeira República, mesmo não sendo composto pela oligarquia tradicional do Estado. Desta forma, como destaca Pinto (1986), o PRR, como membro da política dos governadores, não dividia com os demais partidos da Nação a natureza oligárquica de seus membros, nem tampouco, a doutrina liberal.

Em nível regional, o PRR não dispunha de uma rede de relações coronelistas como os demais partidos regionais e ainda precisava enfrentar a popularidade do partido de oposição, o Partido Federalista. Mas o PRR não lutou para conquistar o apoio dos coronéis e sim criar uma força de resistência contra eles (PINTO, 1986, p. 15).

O caráter antiliberal da ideologia do PRR refletia o caráter político positivista⁷ do discurso do partido. No Rio Grande do Sul, após meados do século XIX, o positivismo começa a se constituir como a ideologia do poder dominante, a doutrina de Comte proporcionava os elementos necessários para a política do PRR, que preconizava a eficiência e a moralidade do Estado. De acordo com Pesavento (1994, p. 47) “A exigência de modernização da economia periférica, a necessidade de incorporação de setores sociais emergentes e a busca de renovação político-administrativa encontraram resposta na importação de um aparato político e ideológico de cunho autoritário, progressista e conservador”.

Criado em 1882, o PRR diferenciou-se pela preocupação com os princípios ideológicos, disciplinares e morais. Com a Proclamação da República, em 1889, o PRR obteve as condições necessárias para chegar ao poder, mas como não dominava a estrutura coronelista do Estado, o partido viu-se muito ameaçado pelo partido oposicionista, especialmente na Revolução Federalista de 1893.

Em 14 de julho de 1891, a Constituição foi assinada por Júlio de Castilhos, então primeiro presidente constitucional do Rio Grande do Sul. Castilhos, ignorando a estrutura coronelista que estava nas mãos dos grupos oposicionistas, criou uma estrutura legal que garantia a reprodução do seu poder. O PRR utilizou elementos ideológicos do positivismo para formular os estatutos do partido e para tentar promover a sociedade científica.

Esses elementos foram expressamente referenciados na Constituição do Estado de 1891, no entanto devemos considerar as diferentes interpretações e usos do pensamento positivista que, no caso do Rio Grande do Sul, apresentaram-se de modo bastante singular em decorrência da justaposição das ideias comtianas com as de Julio de Castilhos e com a realidade da Província. Esta justaposição de ideais em torno do positivismo denominou-se no Rio Grande do Sul de *castilhismo*.

É preciso assinalar, contudo, de acordo com Boeira (1980), a presença de não só um, mas vários positivismos no Estado, com diferentes funções, periodizações, longevidades e públicos distintos. Segundo o autor, foi essa diversidade de positivismo que explica a onipresença e a longevidade das ideias de Comte entre nós e não a sua capacidade de atrair adeptos ou enganar grupos sociais. Boeira (1980) destaca três tipos de positivismos: o

⁷ O Apostolado Positivista contribuiu para fazer circular a ideia da ditadura republicana. Mas quem lhe deu feição acabada, tendo em vista as circunstâncias brasileiras, foi Júlio de Castilhos. Essa duas vertentes iriam confluír para a estruturação do autoritarismo doutrinário, fenômeno em ascensão no período republicano. Entretanto, o pensamento político positivista assumiu ainda uma outra feição, qual seja, o positivismo ilustrado, que se colocava em posição antípoda à pregação autoritária. PAIM, Antônio. Plataforma política do positivismo ilustrado. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 3.

positivismo político, um positivismo difuso e um positivismo religioso (1980).

Com relação ao alcance, Boeira (1980) destaca que o Positivismo somente teve impacto sobre uma parcela restrita da sociedade rio-grandense. “Se ele chegou a ter expressão política, cultural e religiosa foi porque essa elite concentrava grande poder político e seus membros constituíam a maioria absoluta entre os rio-grandenses dotados de uma educação formal” (1980, p. 35). O autor enfatiza que foi através do positivismo difuso que a doutrina positivista se fez sentir no público geral - leitor de jornais, revistas, ouvinte de discursos e conferências - por meio de charges, piadas, clichês e versos.

É certo que nesse nível, o comtismo chegou atrás de clichês, frases soltas, fórmulas grandiloquentes ou simplesmente de conceitos a admirar (Humanidade, ordem, Progresso, Ciência, etc.) E também, ainda mais indiretamente, por meio de versos, charges humorísticas, piadas, que, embora nada revelassem do pensamento de Comte, indicavam a presença de suas ideias na sociedade rio-grandense e serviam para indicar aqueles que dela faziam uso (BOEIRA, 1980, p. 46).

Desta forma, é preciso relativizar a importância positivista na construção de um modelo de mulher nos almanaques, uma vez que o alcance dessas publicações estava restrito a um público relativamente pequeno dentro da sociedade gaúcha do então final do século XIX e início do século XX.

2.1.1 O local de publicação dos almanaques: a Pelotas da Belle Époque

Como já indicamos no capítulo anterior, a cidade de Pelotas, fundada no século XIX e cujas origens remontam ao século XVIII, passou a desenvolver desde seus primórdios a atividade saladeril. Com o passar dos anos, a atividade foi aumentando e transformando-se em uma lucrativa indústria, de extrema importância econômica para o desenvolvimento da cidade, para o estado do Rio Grande do Sul e mesmo para o Brasil.

Utilizando-se do trabalho escravo, os charqueadores enriqueceram e passaram a investir na nova cidade que se desenvolvia, tornando-a um centro de referência cultural para o Estado. A cidade de Pelotas viveu à sua maneira a *Belle Époque* francesa a partir do momento em que os descendentes dos enriquecidos proprietários das charqueadas regressavam ao Brasil de seus estudos na Europa, com as malas cheias de ideias e influências de países como a França, Inglaterra e Portugal. Cafés, bares, teatros, salões literários, sobrados, livros, revistas, jornais e almanaques passaram a compor o cenário da cidade nas últimas décadas do século XIX até o declínio desse período de ostentação, na década de 1930, motivado, sobretudo, por

questões econômicas.

De acordo com Marroni (2008), a *Belle Époque* despertou um sentimento de “querer ser visto”. Assim, o “estilo da *Belle Époque*, em suas diversas manifestações, rupturas e ecletismos, persuadiu sujeitos, rompeu fronteiras e, principalmente, incorporou-se ao cotidiano de várias nações” (2008, p. 36). Segundo a autora, a *Belle Époque* de Pelotas ocorreu entre 1890 e 1927, justificada por acontecimentos que marcaram a vida cultural da cidade neste período, dentre eles, um dos mais importantes foi a explosão da imprensa em meados do século XIX.

Começaram a surgir na cidade, grandes e importantes editoras e livrarias, como a *Americana* e *Universal*, além de litografias e tipografias que foram responsáveis por divulgar os valores modernos e inovadores da *Belle Époque* na cidade. A imprensa teve um papel fundamental na introdução de hábitos, costumes e práticas indispensáveis para o projeto modernizador e civilizador do período.

Segundo Marroni (2008), a elite pelotense passou a espelhar-se nos costumes europeus, sobretudo franceses. Uma série de mudanças concretas deviam ser realizadas para que se anunciasse um novo tempo. Assim, espelhando-se em Paris e também na capital, Rio de Janeiro, que paulatinamente absorvia ou implementava essas mudanças na sociedade, a cidade de Pelotas também passou a remodelar-se tanto em termos urbanos como culturais. A elite local *queria estar, ser e mostrar-se* tal como as cidades tidas como “civilizadas”. (MARRONI, 2008, p. 49)

Segundo Marroni:

Na época, os descendentes de charqueadores e barões costumavam-se se deslocar para as grandes capitais do centro do país como Rio de Janeiro e São Paulo, ou para a Europa, principalmente a Portugal (Lisboa e Coimbra) e à França (Paris), com o propósito de completar e aprimorar seus estudos em diferentes áreas do conhecimento. As frequentes viagens desses jovens e suas famílias no exterior e, em decorrência, as inúmeras visitas de estrangeiros à cidade, fizeram com que outros valores, principalmente europeus, se agregassem à cultura local, o que, aos poucos, foi dando forma e estilo à cidade (2008, p. 22).

O “ser visto” em Pelotas passava, sobretudo, pela incorporação de uma vida cultural intensa. É nesse ambiente cultural intenso que os almanaques aqui utilizados como fontes de pesquisa se inserem. Um cenário de efervescência cultural, de incorporação de ideias, valores associados à modernidade e ao progresso.

2.2 SOBRE O SURGIMENTO DA IMPRENSA E A PUBLICAÇÃO DOS ALMANAQUES: O CENÁRIO INTELECTUAL

A possibilidade de compreender a história através do mundo da escrita e da leitura, dos livros e da cultura popular começa a ganhar espaço entre os historiadores através do surgimento da nova História Cultural nas últimas décadas do século XX. O que antes já foi negligenciado ao pensar a história: a cultura - agora é entendida como algo intrínseco da vida cotidiana e da história, afinal, estamos inquestionavelmente mergulhados no mundo da cultura.

Interessa-nos aqui pontuar aspectos sobre os sujeitos produtores de cultura, sobre os produtos culturais e sobre seus receptores, ou seja, sobre o contexto da imprensa no período estudado, a concepção e propósitos dos almanaques e, de alguma maneira, sobre os receptores ou público leitor: homens e mulheres que partilhavam do contexto histórico da virada do século XIX para o XX.

Antes disso, é preciso destacar a relação existente entre os livros/textos e a leitura, afinal, “não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância no qual é lido (ou ouvido)” (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p. 8). Os autores/as não escrevem livros para se tornarem escritos, mas para serem lidos. E a leitura é feita de maneira variada, por pessoas de carne e osso, de acordo com as diferentes épocas, lugares, ambientes e contextos históricos. É preciso destacar também, que a leitura não está inscrita no texto. A significação dos textos depende das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus/as leitores/as. É claro que o contexto histórico de produção de um texto/livro é importante, mas o texto, uma vez escrito, é lançado ao mundo, não tem poder total sobre seus/as leitores/as, torna-se “atemporal” e prevê diferentes interpretações e leituras conforme o contexto e público leitor (CAVALLO; CHARTIER, 2002).

Para analisarmos os almanaques, por exemplo, faz-se necessário tentar entender o “mundo do texto” e o “mundo leitor”. Depois de um breve sobrevoo pelo contexto histórico internacional, nacional e rio-grandense feito no subcapítulo anterior, pretendemos, nesse, localizar os almanaques da nossa pesquisa: *Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul e Popular Brasileiro* dentro da história da imprensa brasileira e pelotense, bem como dentro do próprio gênero “almanaque”. Na medida do possível, informações que nos ajudam a compreender o mundo dos leitores/as também serão destacadas, uma vez que sabemos que esse mundo dos leitores/as e da leitura é bem mais inacessível que o mundo de produção dos

escritos, responsáveis por deixar uma quantidade maior de fontes à disposição para consultarmos. Nas próprias fontes é possível compreender um pouco do mundo dos leitores/as, já que os almanaques contam com a colaboração deles/as.

2.2.1 Os primórdios da imprensa no Brasil e em Pelotas

*A nação Brasileira nasce
E cresce com a imprensa.
Uma explica a outra.
Amadurecem juntas.*
(LUCA; MARTINS, 2008, p. 8)

A imprensa brasileira surge posteriormente em relação à Europa e às outras partes da América; na Europa, a imprensa surge em meados do século XV, enquanto na América somente no século XVI. A Imprensa periódica, por sua vez, surge no século XVII na Europa e no século XVIII nas Américas Inglesa e Espanhola. No Brasil, consta como ano de certidão de nascimento da imprensa o ano de 1808, ano de chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil e de criação da Imprensa Régia.

O primeiro jornal brasileiro surgiu bem distante da terra tupiniquim, o *Correio Braziliense*, oposicionista e crítico, idealizado e organizado por Hipólito da Costa era editado em Londres e atravessava o oceano para circular por aqui⁸. A partir de setembro de 1808 passa a circular a *Gazeta do Rio de Janeiro*, periódico editado já em terras brasileiras, na Imprensa Régia, recém-instalada no território após a chegada da corte portuguesa.

Luca e Martins (2008, p. 29) pontuam que “o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu numa espécie de vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria”.

Na primeira geração da imprensa, questões locais, nacionais e internacionais eram compatíveis, bem como questões cotidianas se mesclavam com as doutrinárias sobre os novos ritmos a serem tomados pelo Estado e Nação (LUCA; MARTINS, 2008, p. 36).

É preciso destacar, contudo, que a imprensa em tempos de Império permaneceu com o formato de uma imprensa mais voltada para as questões políticas do que para as questões

⁸ No entanto, é preciso destacar que antes mesmo deste nascimento oficial, algumas outras tentativas foram realizadas em favor da imprensa, conforme sustenta Luca e Martins em *História da Imprensa no Brasil* (2008) *op cit* p.24. De acordo com os autores: “Antes mesmo de 1808, foi possível inventariar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, incluindo não só livros, mas impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos inéditos de autores clássicos. O inventário citado foi realizado por Rubens Borba de Moraes. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo, IEB/USSP 1969.

literárias, situação que começa a alterar-se a partir da metade do século XIX e, sobretudo, na virada do século XIX para o século XX. A partir de meados do século XIX “a anterior divisão de política nos jornais e a literatura nas revistas fundia-se agora no jornal, pois eram literatos os homens de imprensa que acabavam por fazer política” (LUCA; MARTINS, 2008, p. 56-7).

Os avanços técnicos permaneceram praticamente iguais durante todo o Império, modernizando-se efetivamente com a chegada da República. É necessário assinalar também que, no início, eram bem poucas as tipografias existentes no país, porém foram crescendo paulatinamente, chegando a um sem-número em 1889, ano de Proclamação da República.

A questão da “civilização”, do desejo de um cenário civilizatório para o Império, foi colocada em pauta desde os primeiros anos desse sistema de governo pelas imagens e palavras veiculadas pelos periódicos, conforme destacam Luca e Martins (2008). Por outro lado, de acordo com os autores, risos, caricaturas, desenhos criticavam costumes, tornavam-se a válvula de escape e antídoto contra a censura vigente (LUCA; MARTINS, 2008). A xilogravura, a litografia e a zincografia corresponderam ao suporte técnico indispensável para a veiculação das gravuras, dos anúncios, das charges.

Foi durante o Império, também, que as mulheres começam a figurar como consumidoras e produtoras de impressos no país. Luca e Martins (2008) destacam *O Espelho Diamantino* (1827), *O Correio das Modas* (1839), no Rio de Janeiro e *O Espelho das Brasileiras* (1831), no Recife como as referências iniciais de um tipo de publicação voltado para um público até então desconsiderado: as mulheres. Em 1852, surge o *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro, tido como um dos primeiros jornais de propósitos femininos, abrigando mulheres escritoras, inclusive em sua redação. A publicação convidava as mulheres a publicarem seus textos anonimamente, situação que se modificaria em 1862, com a Revista *Belo Sexo*, também do Rio de Janeiro. Nela, as mulheres já não se escondiam e assinam as crônicas literárias que escreviam. A publicação *O Leque* (1887) defendia moderadamente a liberação da mulher e *A Família* (1889) já alertava para o movimento sufragista feminino.

Apesar da existência de revistas que propunham avanços nas questões de femininas, muitas outras seguiam o caminho habitual de colocar as mulheres no que era considerado seu devido lugar “o lar, o marido, os filhos”. São exemplos desse tipo de publicação as revistas: *A Camélia*, *A Violeta*, *O Beija Flor*, *A Esmeralda*, entre outras (LUCA; MARTINS, 2008, p. 67-8). Tradicionais ou inovadoras, essas revistas marcam o início da participação das mulheres como consumidoras, leitoras e escritoras na imprensa brasileira.

A imprensa, durante o período imperial, contou ainda com a publicação, através de

folhetos que circulavam junto com alguns jornais, de grandes obras literárias internacionais e nacionais. Com a chegada do último quartel do século XIX, as inovações técnicas proporcionadas pela Revolução Tecnológica Científica iriam alterar de modo significativo a imprensa brasileira. Com o telégrafo submarino, por exemplo, as informações do que acontecia, do que se lia, do que se pensava na Europa chegavam aqui de forma mais veloz e eram incorporadas na imprensa brasileira com igual rapidez.

A imprensa desse período posicionou-se em relação à crise no Império, e muitas revistas e jornais publicaram os ideais republicanos e posicionaram-se a favor do abolicionismo (LUCA; MARTINS, 2008).

Com a Proclamação da República, em 1889, essa imprensa, até então monarquista, salvo exceções, “[...] se transformaria em imprensa republicana, agente civilizador, secularmente acalentado. Nela, estamparam-se à exaustão as ideias e imagens do progresso pretendidas pela nova ordem” (LUCA; MARTINS; 2008, p. 79).

Nas páginas da imprensa do Brasil República estamparam-se a *Belle Époque*. Foram tempos de expansão, de diversificação, de melhoria técnica, de diversificação de ideologias, de novos leitores. A evolução técnica do impresso, o investimento político na alfabetização e o incentivo à aquisição e/ ou fabricação de papel foram o tripé responsável para a sustentação e avanço da imprensa (MARTINS, 2001 *apud* LUCA; MARTINS, 2008, p. 84). As páginas da imprensa traziam os tempos eufóricos da modernidade, as cores, as fotografias das modernas obras arquitetônicas, o anúncio dos produtos, e muitas e novas ideias.

Nessa época, jornalismo e literatura andariam de mãos dadas. Muitos autores acabaram por publicar em jornais e revistas.

Escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político. [...] Os letrados da hora estavam, portanto, à disposição dos periódicos que procuravam a ampliação das tiragens, almejando o lucro num mercado agora competitivo (LUCA; MARTINS, 2008, p. 94).

Os novos ares dão margem a novos gêneros, a novas temáticas. Entram em cena, jornais, revistas, almanaques com conteúdos literários, engajados politicamente, de variedades, neutros, de informação, feministas, operários, anarquistas, de humor, religiosos, esportistas, comerciais, agrícolas, infantis, etc.

O crescimento e a diversificação do mercado editorial assentaram-se no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização da técnica e a ampliação do mercado leitor. Se o índice de analfabetismo era muito alto

no início do século passado, apesar dos esforços no sentido do letramento, um ideal caro aos republicanos, a conjuntura socioeconômica faz com que o número de leitores se amplie. E mais, no quadro da urbanização, com uma população pelo menos em tese livre da escravidão e imbuída das luzes da ilustração, o saber ler tornou-se um emblema distintivo (MARTINS, 2001 *apud* LUCA; MARTINS, 2008, p. 105).

Em meio à diversificação dos impressos a imprensa feminina se destaca. Luca e Martins (2008) pontuam que essas revistas revelaram-se “essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamento desejáveis para a mulher da época” (2008, p. 117). Ainda segundo as autoras, as mudanças de costumes e valores eram observadas com um misto de crítica e conformismo, demonstrando a inexorabilidade das transformações sociais que aconteciam. De acordo com Bassanezi (1996), aliás, essa é uma característica constante das revistas femininas que, segundo a autora, “não surgem com ideias revolucionárias, não abrem caminhos, mas também não podem ficar muito distantes das transformações de seu tempo, pois correm o risco de perder o público leitor” (BASSANEZI, 1996, p. 15).

Passamos agora a analisar a imprensa pelotense em seus primórdios, no século XIX. Recordamos que “O empreendimento escravocrata das charqueadas rendeu riquezas e permitiu aos rígidos e severos rio-grandenses da região, contato com a Europa, o hábito da leitura, a frequência aos teatros e salões” (CUNHA, 2009, p. 35). De acordo com a autora, a imprensa pelotense surgiu em meados do século XIX e, ainda que posterior às cidades de Porto Alegre e Rio Grande, teve um desenvolvimento promissor equiparando-se a dessas cidades. O primeiro jornal editado e impresso em Pelotas é o jornal “*O Pelotense*” fundado em 1851, por Cândido Augusto de Mello.

A importância da imprensa pelotense também é destacada por Marroni:

Acompanhando a euforia da Belle Époque pelotense, a imprensa caracterizou-se como um dos fatores mais marcantes da história da cidade, responsável pela visibilidade, principalmente dos acontecimentos locais. Atingiu seu apogeu no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, tempo em que Pelotas vivia grande efervescência sociocultural (2008, p. 64).

A imprensa pelotense influenciou e incentivou a literatura local e, por consequência, o desenvolvimento de um sistema literário no estado. Conforme a autora, “A união da imprensa com a literatura gerou o jornal literário que foi muito útil na obtenção dos objetivos intelectuais dos gaúchos e que, em pouco tempo, foi adotado pelas cidades mais desenvolvidas da Província” (MARRONI, 2008, p. 40).

A cada jornal lançado estabeleciam-se vínculos de rede de relacionamentos entre

produtores, produto e consumidor, dando bases à construção de um sistema literário próprio e importante. A imprensa marcou a sociedade pelotense do XIX, pois foi responsável pela propagação dos ideais de desenvolvimento e renovação, lançando as bases para o desenvolvimento cultural da cidade.

Marroni (2008) ressalta ainda que o propósito da imprensa pelotense no século XIX era “moralizar a sociedade, controlando os hábitos culturais e direcionando as opiniões com relação aos assuntos políticos e econômicos” (MARRONI, 2008 p. 38-9). No final do século XIX, a imprensa pelotense apresentava uma tendência panfletária, pois, grande parte dos jornais eram utilizados para defender ideais sociais e apoiar a República e o abolicionismo (MARRONI, 2008, p, 55).

Como já ressaltamos, a *Belle Époque* caracterizava-se pelo “ser visto” e em Pelotas, o ser visto passava pelos hábitos culturais de leitura⁹. Assim, o cenário intelectual pelotense de finais do século XIX e início do século XX estava contagiado por uma efervescente cultura escrita, em que circulavam uma quantidade expressiva de jornais, revistas e almanaques, alguns dos últimos, inclusive com projeção nacional, como é o caso dos almanaques *Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Popular Brasileiro*.

As livrarias e editoras faziam circular na região os mais variados títulos, gêneros, temas e autores, colaborando para o desenvolvimento do hábito da leitura e para a formação de uma literatura local. Essas casas funcionavam como academias e assumiam, dessa forma, o papel de instituição dentro do sistema literário, pois definiam os tipos de produtos – temas e estilos literários - que seriam impressos e exportados, controlando, assim, o que seria consumido pelos leitores (CUNHA, 2009, p. 67).

Três movimentos literários eram os mais referenciados em livros e jornais: o romântico, expressado por Victor Hugo; o realista, representado por Zolá; e o parnasiano, difundido pelo *Parnasse Littéraire*. Um dos autores mais lidos e citados foi Victor Hugo, devido ao seu envolvimento político e a força de sua obra literária.

Muitos autores estrangeiros eram difundidos pela imprensa pelotense por seus textos já estarem inseridos em sistemas literários já consolidados e, por isso, servirem de modelo para o sistema literário local que se estava construindo. Além de autores estrangeiros, autores nacionais e locais também se faziam presentes, sobretudo nos jornais, onde publicavam textos, poemas, traduções (CUNHA, 2009, p. 64-66).

Cunha também ressalta que as Livrarias de Pelotas funcionavam como clubes

⁹ “Os livros sempre têm sido sinal de poder social ou de saber intelectual”, de acordo com: FRAISE, E.; POUMPOUGNAC, J.-C.; POULAIN, M. Representações e imagens da leitura. São Paulo: Ática, 1997, p. 62.

literários onde os escritores reuniam-se para debater assuntos de política, literatura, entre outros assuntos. Duas das principais livrarias de Pelotas em finais do século XIX e início do século XX eram a *Livraria Universal* e a *Livraria Americana*, já citadas aqui como sendo as editoras dos almanaques aqui cotejados, que além de publicar e vender livros, “proporcionavam um ambiente de socialização entre os frequentadores” (CUNHA, 2009, p. 101), simbolizando as expressões maiores das inúmeras tipografias e litografias da cidade.

2.2.2.O que são os almanaques? Quais são os seus conteúdos?

O tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão somente os dias, as semanas, os meses, os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques. Se muitos povos os não têm ainda hoje, se outros morreram sem os ler, é porque vieram depois dos acontecimentos que estou narrando.

Machado De Assis. Como se inventaram os almanaques.
(DOMÍNIO PÚBLICO, 2013).

Um conjunto de páginas, hoje frágeis e amareladas pela ação do tempo, que contém informações e conhecimentos variados, como aspectos históricos, econômicos, culturais, poesias, literatura, biografias, anedotas, receitas, conselhos, calendários, astrologia, jogos, passatempos, curiosidades, informações sobre as transformações tecnológicas, propagandas e charadas; esses são os almanaques. Neles, uma diversidade de conhecimentos de todos os tipos é agrupada em edições anuais. Os almanaques, pela sua diversidade e pluralidade, representam importantes fontes para o estudo da história cultural e social, mas muitas vezes são “esquecidos, ignorados ou até desprezados” (BOTREL, 2001, p. 17). Interessa-nos, aqui, saber um pouco mais sobre o que é um almanaque, quais suas origens, características e conteúdos.

Assim as semanas, assim os meses, assim os anos. E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques, O tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida.

Machado de Assis. Como se inventaram os almanaques.
(DOMÍNIO PÚBLICO, 2013).

Segundo Ferreira (2001), os almanaques, apesar da diversidade, mantêm “um grande fundo mais ou menos estável, ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, uma conexão sempre

móvel e atualizável a depender dos públicos leitores, das épocas e das direções que se impunha a este corpo diverso de saberes” (FERREIRA, 2001, p. 19). Park (1998) destaca que os almanaques são atemporais, seus assuntos diversos perpassam a vida cotidiana das pessoas, repetindo velhos temas: saúde, receitas, conselhos. “[...] é prazeroso e útil, marca um determinado espaço das relações dos indivíduos com o seu ritual diário” (PARK, 1998, p. 11).

O almanaque abriga em suas páginas conhecimentos científicos e mágicos, ambos empenhados em facilitar a vida cotidiana. Provérbios e pensamentos antigos, conselhos da sabedoria popular convivem com informações sobre as novas tecnologias. Tal especificidade faz do almanaque uma espécie de conselheiro e guia. “Um jogo. Um movimento que intercala o real e o fabuloso. [...] Pouco a pouco, os almanaques fazem uma reflexão de e sobre a atualidade sem perder o gosto do imaginário e do maravilhoso, que jamais cessam de existir, de aparecer neles” (PARK, 1998, p. 47).

De acordo com Ferreira, o almanaque traz “por um lado a fragmentação, por outro a memória reativada. A concepção de almanaque cobre e recupera práticas e saberes dos mais antigos aos mais imediatos” (FERREIRA, 2001, p. 20). Queirós (1896) destacava que:

O almanaque contém essas verdades iniciais que a humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que não a favorece em ensina, se mantenha, se regularize e se perpetue. A essas verdades, chamam os franceses, finos, classificadores, “verdades de almanaque”. São as altas verdades vitais. O homem tudo podia ignorar, sem risco de perecer, exceto o mês em que se semeia o trigo (QUEIRÓS, 1986, p. 385).

Para Park, “Ler os almanaques populares, seria estabelecer sentido entre o que foi “lido”, vivido e o que se vive, mas recuperando também as memórias de leitura vivenciadas. Lê-se o conhecido, através de saberes anteriores” (1998, p. 37). A autora ainda enfatiza que os almanaques mudam para permanecer. Enquanto existe certa rigidez com relação ao seu formato, os conceitos dos quais tratam mudam para acompanhar as alterações sociais.

De acordo com Bollème (1969), o almanaque

[...] não é um manual, ele não é assimilável de forma muito diferente do que é um romance, ele diverte sem se prender à pura fabulação, ele ensina sem ser dogmático, ele não é, de modo algum, artigo de fé, ele obedece a uma grande lei que é sem dúvida aquela de toda leitura popular, é prazeroso e é útil (BOLLÈME, 1969, p. 40 *apud* PARK, 2000).

Ainda segundo Park (2000, s.p.), “existem diferentes almanaques produzidos em diferentes épocas, mas sempre configurando toda uma relação histórica de pessoas e de suas leituras naquele dado momento” e suas formas são inseparáveis das formas de representação

de uma época. Representaram, nos lares mais distantes a única companhia impressa do “Livro Sagrado”¹⁰ e, como esse também tinha seus seguidores.

De acordo com Brotel (2001), os almanaques “constituem uma prática universal, mas que também pode ser profundamente e especificamente brasileira” (2001, p. 8). Segundo o autor, essas publicações “são testemunhos, até hoje, de evoluções próprias ao Brasil, que acompanhou ou favoreceu. [...] Tudo isso e muito mais faz parte dos almanaques de cada época, constituindo um pequeno e fecundo repertório de todo o tipo de saber” (BOTREL, 2001, p. 8).

Ferreira destaca que, no Brasil, os almanaques tiveram um aspecto civilizador:

No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representam chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação afetiva de repertórios (BOTREL, 2001, p. 20).

Antes de Ferreira, Park também já assinalava a importância dos almanaques como “verdadeiros manuais de prescrições, necessários para os projetos civilizatórios” (PARK, 1998, p. 179) e antes dela, Guerreiro e Correia (1986) também já expressavam sua posição quanto ao alcance disciplinar e civilizador dos almanaques, citando Queirós (1981, p. 836) que assinalava: “Almanaque é um livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula com precisão toda a nossa vida social”.

Para analisarmos a etimologia da palavra almanaque utilizaremos as descobertas feitas por Park:

Etimologicamente, a palavra Almanach pode ter e aparecer com várias origens. Do árabe al, e manach, computar, contar. Ele pode ser a junção do árabe ocl-o e do grego MNU, mês. Nas línguas orientais almanha significa estreia, alvissaras (boas novas). Em saxão, al-monght ou al-monac seria uma contração para al-mooned que significa contendo todas as luas. Originariamente, nossos ancestrais traçaram o curso da lua sobre uma tábua de madeira à qual chamaram al-monagt (para al-mooneld). Na linguagem celta al-manah significa o religioso (solitário) ou ainda a obra do frade. Bollème (1965) define o Almanaque etimologicamente como sendo a junção do árabe al e do grego men = mês ou ainda menás (grego) = lua, latim meysis e do antigo indiano mas, medir (PARK, 1998, p. 32-3).

Os primeiros almanaques teriam surgido na Europa por volta do século XV. Park (1998) destaca que “Embora sua publicação seja datada de 1500. Essa ‘leitura de mundo’ ultrapassa e muito essa cronologia. O almanaque pode ter sido no início, como ordenação, o

¹⁰ Acreditamos que a autora faz referência à Bíblia Sagrada.

‘estender’ de um calendário que já não comportava mais tudo o que queria dizer” (PARK, 1998, p. 29). Os calendários significavam a relação estabelecida entre os seres humanos, o espaço e o tempo; assim, ainda de acordo com Park, “O papel e a escrita possibilitaram ao homem não só ordenar o mundo, mas recuperar, repetir, reproduzir o tempo dessa ordenação, através do almanaque. O almanaque significaria, para o homem, a escrita desse tempo ordenado” (1998, p. 31).

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* em sua primeira edição, em 1889, traz em suas páginas uma definição para o termo “Almanaque”:

Todos os povos civilizados da antiguidade conheceram os almanaques. Os países cristãos adotaram-nos geralmente. Os seus primeiros redatores eram médicos e astrólogos. Data daí a pratica de incluir esses livrinhos os conselhos higiênicos e as predições úteis relativas às mudanças de temperatura e aos acontecimentos políticos. Entre os primeiros Almanaxes que adquiriram celebridade apontamos o Nostradamus em 1555 e o Matheus Laensberg em 1636. As profecias absurdas continuaram, porém, a constituir o fundo destas publicações até aparecer em 1732 o almanaque de Franklin, que mereceu os louvores da crítica pela sua linguagem clara e racional (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1889, p. 2).

São essas as fontes da nossa pesquisa: os almanaques, um gênero de publicação bastante interessante, instigante e rico para o estudo da História Social, Cultural e de Gênero. A seguir, apresentamos algumas características específicas dos almanaques analisados nessa pesquisa.

2.2.3 O Almanaque Popular Brasileiro e o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul

Apresentamos aqui as fontes dessa pesquisa: o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (Figura 1), organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues em Pelotas, RS, na Tipografia da Livraria Americana, durante os anos de 1889-1917 e o *Almanaque Popular Brasileiro* (Figura 2), Editado por Echenique & Irmão, em Pelotas, RS pela Livraria Universal, durante os anos de 1894-1908.

De acordo com Freitas (2007), os almanaques, especialmente o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, analisado por ela, mantiveram um estreito vínculo entre literatura e imprensa, vínculo, aliás, característico do século XIX. “Nesse período de grande efervescência na produção literária, as páginas do *Almanaque*, assim como os jornais, eram um veículo de divulgação das letras rio-grandenses e também prestigiavam os autores

brasileiros de outras localidades” (FREITAS, 2007, p. 8). Ainda segundo Freitas (2007), os almanaques no Rio Grande do Sul tiveram voga e prestígio, sendo o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico, vindo a contribuir de forma vertiginosa com a produção literária sul-rio-grandense.

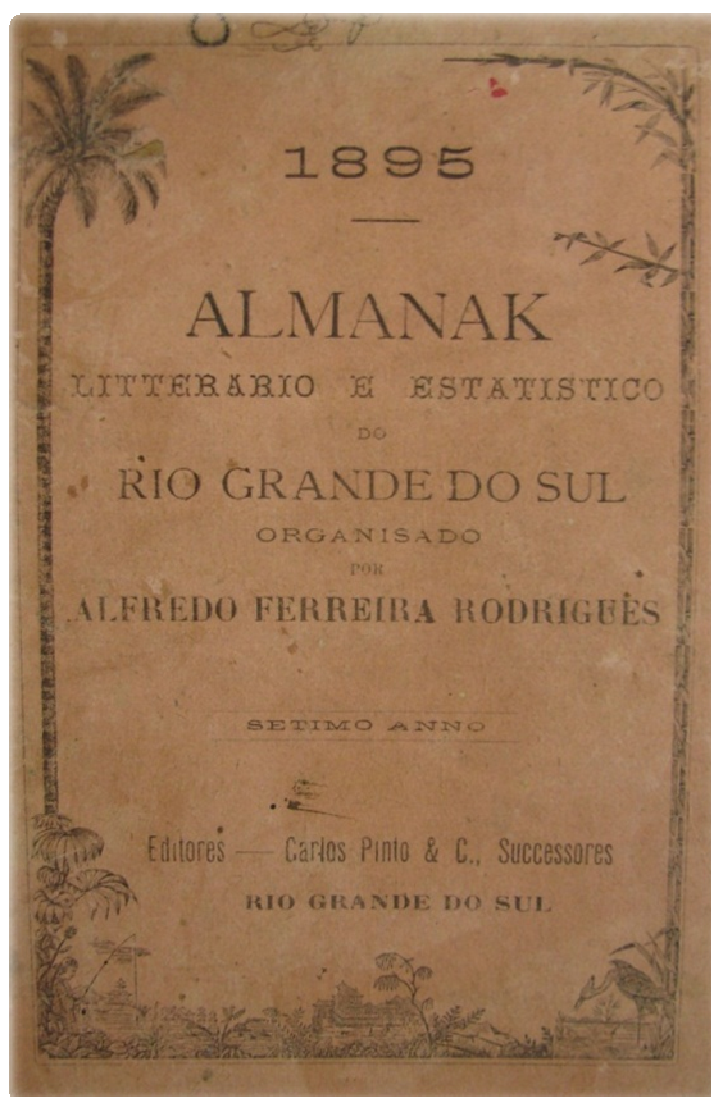


Figura 1: Capa do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1895
Fonte: Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1895.



Figura 2: Capa do Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1906
 Fonte: Almanaque Popular Brasileiro, 1906.

Para entender os almanques é preciso conhecer um pouco mais sobre seus fundadores e organizadores, no entanto, nessa pesquisa somente encontramos dados sobre o fundador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. De acordo com Alves (2001) o rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues foi pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor, representou a contento o homem de cultura de seu tempo. Ferreira Rodrigues foi o fundador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e membro de algumas das mais importantes instituições culturais da época, como a Academia Rio-Grandense de Letras, o Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Sua trajetória profissional esteve ligada à coleta de documentos e dados que

pudessem constituir em um acervo para uma melhor compreensão da história do Rio Grande do Sul. O principal enfoque de Rodrigues foi a questão político-administrativo-militar no Estado. O autor publicou o livro “*Notícia histórica e descritiva do Estado do Rio Grande do Sul* (1896)”¹¹, onde apresentou sua pesquisa. Destacava nessa obra o “caráter guerreiro na formação” da população rio-grandense. Segundo Alves (2004, p.104): “No item ‘civilização’, caráter e índole do povo”, Ferreira Rodrigues fez várias incursões aos hábitos, usos e costumes dos sul-rio-grandenses, os quais, pela constante reprodução, viriam a ser cristalizados como típicos do ‘gaúcho’ rio-grandense”.

As livrarias que editaram os almanaques são a Livraria Americana (*Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*) e a Livraria Universal (*Almanaque Popular Brasileiro*). De acordo com Magalhães¹², a *Livraria Americana* e a *Livraria Universal* foram duas empresas que atuaram tanto na comercialização de livros quanto no ramo industrial editorial e que dominaram o mercado pelotense e sul-rio-grandense no último quartel do século XIX e início do século XX. Segundo o historiador, suas publicações tiveram influência sobre a vida e a política da Província e depois do Estado.

A *Livraria Americana*, mais antiga, era de propriedade de Carlos Pinto & Cia e foi fundada em 1875, estabelecendo filiais em Porto Alegre, no ano de 1879, e Rio Grande em 1885. A *Livraria Universal*, de propriedade de Echenique & Cia, fundada em 1887, expandiu igualmente os seus negócios até Rio Grande e Porto Alegre.

Magalhães destaca que possivelmente houve certa concorrência entre as duas editoras. A *Universal*, segundo ele, mesmo com o prestígio e segurança de um de seus incorporadores, Coronel Pedro Osório, industrial do charque e do arroz, entrou no mercado 12 anos depois da *Americana*. Segundo ele, notícias dos jornais da época retratavam essa concorrência.

Em 1891, enquanto se publicava a informação de que "os proprietários da Livraria Universal vão estabelecer na capital do Estado uma sucursal da sua casa", a Livraria Americana mudava de residência em Pelotas, anunciando-se assim: "Casa nova de colunas encarnadas com grandes estátuas em cima; é quase em frente ao Hotel Aliança”.

A Universal, fisicamente muito bem instalada desde a fundação, logo a seguir reagia, chamando a atenção dos seus fregueses, com evidente ironia: "Procurai com cuidado! Nada de equívocos. É junto ao gabinete dentário dos senhores Eduardo e Edmundo Gastal. Notai! Esta casa não tem colunas encarnadas nem grandes estátuas

¹¹ Ver: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Notícia histórica e descritiva do Estado do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Americana, 1896.

¹² As informações sobre as livrarias “Americana” e “Universal” foram extraídas da página do jornal na internet. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/31_08_03/mario_osorio_magalhaes.html>. Acesso em: 11 mai. 2011.

em cima".¹³

O próprio nome “*Universal*” teria surgido para se contrapor ao de “*Americana*”, destacando um alcance mais global da editora. Em 1917, porém, a *Universal* compra a *Americana* terminando a concorrência.

Por mais que esteja assinalada essa concorrência, é preciso destacar que os dois almanaques, o da *Livraria Americana* e o da *Livraria Universal* trocavam textos e informações. As publicações enviadas por outras editoras ou outras publicações eram informadas aos leitores logo no início dos almanaques.

Segundo uma nota encontrada no *Almanaque Popular Brasileiro*, em 1898, em comemoração aos cinco anos de sua publicação, as tiragens do almanaque chegavam a 14 mil exemplares. Já as tiragens do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, segundo informação extraída da edição de 1985, chegavam a mais de 20 mil exemplares.

Na “Seção de anúncios” do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1985 são destacadas as vantagens em anunciar no almanaque devido ao seu caráter permanente, sua tiragem de mais de 20 mil exemplares e seu alcance nacional e internacional.

Grandes e incontestáveis vantagens oferece o anúncio em um livro nas condições do Almanaque, que já alcançou a tiragem extraordinária entre nós, de 20.000 exemplares, que são profusamente espalhado não só neste como em todos os Estados do Brasil, pelas repúblicas do Prata, em Portugal e colônias portuguesas da África.

O anúncio em livro tem sobre o anúncio avulso ou em jornais a vantagem de ser duradouro, estar à vista sempre que manuseia o livro, ser de consulta constante, quase todos os dias (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, s.p.).

Em outro momento, uma nota destaca o *Almanaque* como sendo o de maior tiragem dentre os almanaques de Língua Portuguesa.

Os editores do Almanaque do Rio Grande do Sul, preocupados em corresponder ao extraordinário favor público que tem sido dispensado a este livro, hoje incontestavelmente em seu gênero o de maior tiragem em língua portuguesa, resolveram conceder aos compradores dois bônus isto é, dois prêmios (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1901, s.p.).

A “Seção de anúncios” do *Almanaque Popular Brasileiro* para a edição de 1899

¹³ De acordo com Mario Osório Magalhães. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/31_08_03/mario_osorio_magalhaes.html> Acesso em: 11 mai. 2011.

também destaca o alcance do almanaque, com o objetivo de conquistar anunciantes:

Desnecessário é encarecer a utilidade do anuncio numa publicação como esta, de consulta constante durante um ano e cuja distribuição se faz por todo o Brasil, Rio da Prata, Pacífico, Portugal e Colônias Portuguesas da África e da Ásia (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1898, s.p.).

Quanto à estrutura, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* inicia com uma biografia de “Brasileiros ilustres”, depois segue uma parte chamada “*Correspondência*”, onde os editores comentam os textos enviados ao Almanaque que não foram publicados, explicando os motivos da não publicação, sugerindo mudanças para que pudessem vir a ser publicados. A *Parte Literária* ocupava grande espaço no almanaque, tratando de assuntos variados, poesias, literatura, história, curiosidades, charadas, logogrifos. Já nas *Indicações* encontravam-se informações sobre o sistema ferroviário, Correios, telégrafos, navegação, sistema judiciário. O *Calendário* com indicações sobre o tempo, o clima, as estações, as datas históricas e comemorativas, a parte para anotações do leitor. *Crônica da Província* é o nome da parte destinada a tratar de temas políticos, econômicos e diversidades ocorridas no Estado do Rio Grande do Sul, mês a mês. A *Parte Estatística* traz dados estatísticos do Estado tais como, dados sobre a instrução pública, imigrantes, naturalizações, sistema ferroviário, população, receita da província, mortalidade, exportação, etc.. Por último, segue o *Expediente*, a lista dos *Colaboradores do Almanaque* ou *Índice por nome de Autores*, o *Índice das matérias*, e a parte destinada aos *Anúncios*.

O *Almanaque Popular Brasileiro*, por sua vez, apresenta uma pequena *Introdução*, seguida por uma parte denominada *Calendário* com indicações sobre o tempo, o clima, as estações; outra parte denominada *Indicações*, onde se apresentam informações úteis à vida em sociedade, como é o caso dos códigos telegráficos, informações sobre os Correios, o funcionamento da rede ferroviária, sobre registros de nascimentos, óbitos, matrimônios, tabelas de câmbios, dados sobre os estados brasileiros; depois, por uma *Parte Recreativa* onde se encontram os poemas, as prosas, charadas, anedotas, a parte histórica; finalizando com dados sobre o *Expediente* do almanaque, com o *Índice de Colaboradores* e com *Índice de matérias publicadas*.

Como já ressaltamos, esses dois almanaques veiculam em suas páginas uma série de textos que discorrem sobre os papéis de gênero esperados para as mulheres da época, mas também são fontes em que podemos constatar a disputa de poder entre homens e mulheres que começa a ficar estampada nas páginas impressas, graças ao acesso das mulheres às

publicações não somente como leitoras, mas também como escritoras.

2.3 MULHERES CONTROLADAS, MAS QUE SUBVERTEM: O CENÁRIO DE GÊNERO

Passamos agora a analisar aspectos que dizem respeito ao contexto de gênero vivenciado na virada do século XIX para o XX. Em primeiro lugar, é preciso destacar que o ritmo das transformações assinaladas até aqui se fez sentir em todas as esferas da experiência social, mudando não só a tecnologia, mas também hábitos, comportamentos e ideias. Nessa época, o comportamento das mulheres também passava por mudanças. Mas quais eram as concepções de feminilidade elaboradas pela ordem hegemônica masculina? Qual era o lugar das mulheres dentro dos parâmetros de uma modernização conservadora? De acordo com Maluf e Mott:

O ritmo das mudanças ocorridas, considerada por muitos alarmantes, veio acompanhada de uma certa ansiedade por parte dos segmentos mais conservadores da sociedade, já tomados pelas vertigens das grandes transformações que o país vinha vivendo, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. [...] Conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e a única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da “modernidade” (MALUF; MOTT, 1998, p. 369, 371-2).

Ainda, segundo as autoras, esse foi o pensamento de:

[...] uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-las no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa (MALUF; MOTT, 1998, p. 373).

O discurso introduzido no século XIX e que adentra o século XX, apoia-se numa visão naturalista que, segundo Perrot (1992), insiste na existência de duas espécies com qualidades e aptidões particulares: “Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentidos” (PERROT, 1992, p. 177).

Desta forma, a autora aponta um triplo movimento ocorrido no século XIX e início do século XX. São eles, o “relativo retraimento das mulheres em relação ao espaço público; a constituição de um espaço privado familiar predominantemente feminino; superinvestimento do imaginário e do simbólico masculino nas representações femininas” (PERROT, 1992, p.

177).

As mulheres, neste período, estão no centro de um discurso excessivo, repetitivo e que recorre a elementos da natureza para exemplificá-los. Ora a mulher é fogo e assim devastadora das rotinas familiares, consumidoras das energias viris, filha do diabo, mulher louca, guardião da desgraça. Ora é água, identificada como fonte de inspiração para o poeta, doce, passiva amorosa, misteriosa e um pouco traiçoeira; e ainda é terra, representada como nutriz e fecunda, que se deixa moldar, semear, onde se enraízam os predadores, pedestal da moral.

A dicotomia entre homens e mulheres, conforme pontua Ferreira (1995/1996), acentuou-se entre o final do século XIX e o início do século XX (até aproximadamente 1930). A modernidade teria contribuído para instalar na sociedade uma sensação de caos social, de anarquia sexual, de degeneração humana. Desta forma, “o discurso cientificista (positivismo, evolucionismo, etc.) foi amplamente utilizado a partir desta época para reforçar os papéis sexuais tradicionalmente estabelecidos, para impedir a degeneração das tradições, da família e da humanidade que muitos acreditavam estar em curso” (FERREIRA, 1995/1996, p. 155).

No sul do Brasil, imagens idealizadas sobre as mulheres foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos. Segundo Pedro (2006), a idealização das mulheres como mães, filhas, amantes, esposas, avós, doces, puras e submissas são semelhantes àquelas feitas no final do século XVIII e XIX na Europa.¹⁴

Esses modelos idealizados seriam divulgados pelas fontes impressas que cada vez mais ganhavam espaço nos centros urbanos. Segundo a autora:

Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos. É interessante acompanhar, nas diferentes épocas, as mudanças de papéis sexuais que a imprensa divulgava nas diversas cidades. Tais mudanças, obviamente, vinham acompanhadas de normas de conduta que, muitas vezes, refletia o que a elite urbana

¹⁴ Para maiores informações sobre contexto de gênero vivenciado no Rio Grande do Sul da virada do século XIX para o século XX pode-se recorrer aos importantes trabalhos produzidos nos Programas de Pós Graduação do Estado, dentre eles, os do PPHG da UFRGS, como por exemplo, as dissertações de mestrado: “Um olhar sobre a família popular Porto-Alegrense (1886-1906) defendida por Sílvia Maria Favero Arend em 1994; “O positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a moral e a mulher (1891-1913)” defendida por Elisabete da Costa Leal em 1996; “Atuação Literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo sobre o periódico “Corimbo” (1895-1925)” defendida por Mirian Stefen Vieira em 1997; “Texto e Contexto: virtude e comportamento sexual adequados às mulheres na visão da imprensa Porto-Alegrense da segunda metade do século XIX” defendida por Sandra da Silva Carelli em 1997; “Mulher fim-de-século: as representações sociais da mulher através da imprensa” defendida por Anelde Pereira de Oliveira em 2000 “A publicidade nas Revistas Ilustradas: o informativo cotidiano da modernidade” defendida por Alice Dubina Trusz em 2012; e as teses de doutorado: “Indumentária, representação e narrativas visuais: a mulher como idealizadora de sua identidade na Porto Alegre de 1900-1920” defendida por Viviane Adriana Saballa em 2010 e “Costurando Vidas – Os itinerários de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939) defendida por Carlos Gilberto Pereira Dias em 2012.

considerava civilizado e que, em grande parte, era repetição daquilo que os jornais dos grandes centros veiculavam (PEDRO, 2006, p. 281).

As análises que realizamos para identificar quais eram os modelos de mulher presentes no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Popular Brasileiro* que logo serão apresentadas, nos fazem concordar plenamente com Pedro quando afirma que:

Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, nos sermões das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. Embora os jornais sulistas reproduzissem estereótipos existentes há séculos, faziam-no em um contexto específico respondendo a uma conjuntura determinada, na qual a demonstração e a distinção de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe (PEDRO, 2006, p. 282-3).

Como já assinalamos no início dessa dissertação, é preciso ressaltar que embora alguns dos textos utilizados tenham sido escritos em outros contextos e realidades, a seleção feita pelos jornais e almanaques da época levava em consideração as inquietações da sociedade local, regional. Os modelos de mulheres contidos nos almanaques reproduzem representações ocidentais antigas como aquelas que podemos encontrar no texto “O medo da mulher”, de Delumeau (1989), algumas delas apresentadas aqui.

Em relação aos repetidos modelos civilizadores sobre os papéis de gênero nos jornais, revistas e almanaques, faz-se necessário ressaltar que não podemos minimizar a importância da participação das mulheres como leitoras e, principalmente, escritoras dessas mesmas publicações. Os ventos de mudança que vinham ocorrendo também abriram caminhos para que as mulheres pudessem exercer seu poder através do escrito, expressar suas ideias, questionar a realidade vigente imposta a elas e reivindicar direitos, como o direito à educação e o direito ao voto.

Para Duarte (2003), o feminismo deveria ser entendido em um sentido mais amplo, como todo o gesto ou ação que resultasse em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher e que exija a ampliação de direitos civis e políticos. E nesse sentido, de acordo com Muzart:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (2003, p. 267).

Como veremos no quinto capítulo, muitas são as mulheres que tiveram seus textos publicados nos dois almanaques aqui analisados. Para entender como elas puderam chegar a serem escritoras é preciso antes destacar como elas tiveram seus primeiros contatos com o mundo da leitura e da escrita.

De acordo com Duarte (p. 152-155) é possível destacar no século XIX e XX, quatro momentos onde as manifestações feministas alcançam seus ápices. O primeiro momento ocorre no início do século XIX, na década de 1830; o segundo momento encontra seu ápice na década de 1870; posteriormente, o terceiro momento é marcado pelas manifestações da década de 1930 e, por último, o quarto momento é marcado pelas reivindicações da década de 1970. Interessa-nos aqui, sobretudo, essas primeiras conquistas feministas, as que começam a ser desenhadas ainda nas primeiras décadas do século XIX e as que surgem no último quartel do século XIX e princípios do século XX.

Duarte (2003) destaca que o primeiro momento de envolvimento das mulheres com as letras começa a surgir no início do século XIX, período em que a grande maioria das mulheres estava enclausurada na esfera privada e imersa em uma série de preconceitos culturais em relação a elas. Neste período, algumas mulheres ousam transgredir a ordem e levantar a primeira bandeira do feminismo, que, como não podia deixar de ser, tratava-se do direito básico de ler e escrever, de ter acesso ao poder da leitura e da escrita, um privilégio até então destinado aos homens.

Em 1827, surge a primeira legislação que permite a abertura de escolas públicas femininas, já que até então as poucas que tinham a chance de estudar o faziam com a rigidez e a moral dos conventos ou das aulas particulares que ensinavam, basicamente, as prendas domésticas e os comportamentos considerados próprios para uma ser boa esposa e dona-de-casa. As poucas mulheres que puderam ter uma educação diferenciada tomaram para si a tarefa de estender esse direito tão básico, e ao mesmo tempo poderoso, a outras mulheres (DUARTE, 2003).

Um nome que se destaca nesse primeiro momento de contato das mulheres com o mundo da leitura e da escrita foi o de Nísia Floresta (1810-1885), nascida no Rio Grande do Norte, cujo livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é o primeiro no Brasil a tratar de temas como o direito das mulheres à instrução/educação e ao trabalho. Para ela somente a educação permitiria às mulheres tomarem consciência da sua condição inferiorizada em relação aos homens (DUARTE, 2003).

Naquela época, eram poucas as mulheres que tiveram a chance de estudar e, menos ainda, as que se arriscaram a serem escritoras. Hoje conhecemos algumas delas, como é o

caso da mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), e das gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867) e Delfina Benigna da Cunha (1791-1857). Como já destacamos, é ainda dentro deste primeiro momento que surgem os primeiros jornais dirigidos por mulheres no país.

O segundo momento a ser considerado por Duarte (2003) é o que começa na década de 1870 e no qual se encontram grande parte das mulheres escritoras encontradas nessa pesquisa. Nesse período, algumas mulheres, instruídas e com leituras que as permitiram enxergar o mundo e sua própria condição social de outra maneira, editaram diversos jornais e revistas de cunho feminista. Neles, outras mulheres que também puderam beber do acesso à leitura e da escrita tiveram a oportunidade de escrever seus versos, seus textos, suas maneiras de enxergar a sociedade. Destacam-se nesse período publicações feministas como *O sexo feminino*, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, e o *Corimbo* das irmãs Revocata Heloísa de Melo Monteiro e Julieta de Melo Monteiro, autoras que possuem, inclusive, textos publicados nos almanaques aqui analisados.

Os jornais e revistas desse período reivindicavam, sobretudo, o direito à educação, pois as mulheres, editoras e escritoras, acreditavam que o primeiro passo rumo à emancipação feminina era fazer com que mais mulheres pudessem compartilhar os hábitos de ler, escrever e poder expressar suas opiniões. Uma espécie de rede de solidariedade passou a existir entre elas nesses jornais e revistas, mas elas não se limitaram a escrever somente neles, estenderam seus escritos para diversas outras publicações, como os almanaques por exemplo, fazendo com que seus escritos fossem lidos não somente por suas pares, mas também por outras mulheres e outros homens.

Depois do direito à educação, as mulheres passaram a reivindicar, na virada do século XIX e princípios do século XX, o direito ao voto, inspiradas pela primeira onda do movimento feminista. Essas mulheres instruídas faziam circular por aqui, em seus textos, jornais e revistas, notícias sobre a primeira onda de manifestações feministas que vinham ocorrendo na Europa e faziam crescer, entre elas, o debate e engajamento para buscar esse direito das mulheres.

Na Inglaterra, mulheres organizam-se para lutar pelo direito ao voto, são as conhecidas *sufrajetes*, que em 1918 veem esse direito conquistado naquele país. No Brasil, de acordo com Pinto (2010), “a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. As *sufrajetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto” (PINTO, 2010, p. 15-6).

É preciso assinalar, por fim, que o feminismo daquela época veio associado a personalidades femininas que romperam com os papéis estabelecidos e se colocavam no mundo público em defesa de novos direitos para as mulheres (PINTO, 2003, p. 14). Infelizmente, poucas dessas mulheres tiveram seus trabalhos reconhecidos na época. Muitas delas permaneceram silenciosamente no esquecimento durante boa parte do século XX. No quarto capítulo dessa dissertação mostramos que muitas delas, das mais conhecidas às menos conhecidas, aparecem como autoras de textos, poesias, charadas e crônicas escritas para o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Popular Brasileiro*, vindo a demonstrar que os almanaques se constituíam em um espaço não só de disciplinarização da conduta entre os gêneros, mas também um espaço importante de disputa de poder entre eles.

3 POESIAS QUE ENALTECEM E ANEDOTAS QUE IRONIZAM: A IMAGEM DAS MULHERES NOS ALMANAQUES

Neste capítulo, nosso objetivo é analisar quais modelos de mulheres aparecem nas páginas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e do *Almanaque Popular Brasileiro*. Através da seleção de textos, poesias, crônicas e anedotas é possível perceber como os almanaques constroem essas mulheres, no sul do Rio Grande do Sul, numa cidade que se pensa cosmopolita em um momento de intensas transformações sociais. Poesias são utilizadas para disciplinar e enaltecer a imagem feminina, enquanto os recursos irônicos são responsáveis por desqualificá-la.

3.1 SÃO O QUE HÁ DE MAIS SUBLIME: A POESIA QUE ENALTECE E DISCIPLINA

A mulher, esta pérola mimoso da criação, lançada dos lábios de Deus ao paraíso terreal para fazer entrever ao homem a beleza das divindades celestes; A mulher, esta misteriosa escapada do formoso seio dos anjos para vir perfumar a vida dos mortais, tem sido e há de ser perpetuamente o sonho dourado da mocidade, e eterna inspiradora do poeta, a gloria azul do gênio, a imortalidade dos heróis.

José Palmella

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1898, p. 195).

Os papéis de gênero são construções sociais que precisam ser compreendidas respondendo às exigências pertinentes de um contexto histórico-temporal específico. Sendo assim, nos almanaques é muito comum observarmos um discurso pautado na *natureza universal da mulher*. São inúmeros os textos que destacam as características intrínsecas de “todas as mulheres” como a afetividade, o amor maternal, a passividade, a inferioridade racional e a superioridade pelo sentimento. De acordo com Hall (2010), a concepção de identidade do *Sujeito do Iluminismo* acreditava que os humanos eram indivíduos totalmente centrados, cujo “centro” emergia com o sujeito no seu nascimento e se desenvolvia com ele, permanecendo idêntico ao longo da existência do indivíduo. Grande parte da história da filosofia ocidental está baseada nessa concepção de sujeito.

A lógica social presente naquele momento histórico estava pautada pela diferenciação biológica, religiosa, jurídica, entre um ser “racional”: o homem, e um ser “natural”: a mulher. Os discursos dos almanaques estão repletos dessas reativações da memória.

A passagem a seguir retirada do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do*

Sul para o ano de 1892 apresenta uma definição clara do que se pensava sobre a mulher. Nela, o autor esboça “o que é a mulher”. É importante ressaltar que a própria utilização do termo “mulher” no singular, utilizado na grande maioria dos textos presentes nos almanaques, enfatiza a crença, comum à época, da existência de uma identidade única e universal para todas as mulheres, um comportamento esperado e desejado para todas. No texto mencionado, a mulher é representada como companheira do homem, um ser para iluminar-lhe o trânsito.

O discurso enfatiza que o homem é superior pelo cérebro, mas que a mulher é superior pelo coração. A superioridade pelo sentimento mascara a submissão que a mulher deveria ter com relação aos homens, estes, tidos como seres racionais e superiores. Fica clara a ideia de que as mulheres não existiriam por elas mesmas, sua importância estava vinculada à outras pessoas: pai, marido, irmãos, filhos.

A mulher

[...]

Eu, no entanto, com o meu apoucado talento, não deixo de palidamente esboçar o que é a mulher.

Ela é a companheira do homem, é a irmã dos anjos do céu, para acompanhá-lo na solidão da vida, como para iluminar-lhe o trânsito: ela é a auréola da criação; é uma pérola divina.

É filha e é mãe: como filha é a aurora, é a esperança; como mãe, é a natureza, é a luz.

Forte na resignação, porém fraca na delicada compleição, se o homem lhe é superior pelo cérebro, ela o excede pelo coração, e é por isso que ela se torna tão sublime.

João M. de Araújo Filho – Alegrete – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 144).

Nessa outra passagem do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1892, novamente exalta-se a mulher pela superioridade nas questões sentimentais. A força da mulher residiria na própria fraqueza. O homem enxergaria, portanto, na mulher, tudo que houvesse de mais santo e admirável.

A Mulher

A José Ildelfonso da Silva Porto

Perante a razão humana, o que haverá na natureza mais digno de admiração que esses entes queridos, cuja força está na própria fraqueza.

A mulher quer tenha a majestade de uma Stuart, quer tenha a doçura duma criação evangélica, quer seja formosa como Helena, pura como Suzana, é sempre, sempre ela a vida real desta natureza que adoramos, o símbolo de todas as grandezas humanas.

O homem vê na mulher tudo que quanto no mundo há de mais santo e adorável.

Carlos Miller – Rio Grande – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 120).

Na sequência, como no texto anterior, as mulheres são retratadas não por elas mesmas, mas pela importância que desempenhavam na vida dos pais, maridos e filhos. Como mães, eram fonte de martírio; como esposas, símbolo de pureza e sacrifícios; como filhas, o encanto do lar. Elas deveriam ter clara sua missão de fortalecer e consolar “o espírito másculo do homem”.

Mãe, adorna-lhe a fonte o diadema do martírio; esposa, a pureza duma alma que se sacrifica; filha, o preciosíssimo encanto do lar.

Nos momentos mais doloridos da vida, a mulher só, unicamente ela, sabe o império que tem e somente ela compreende a sua missão, toda particular e toda ideal.

Ao filho que sofre, abre a alma e do seio puríssimo da fé tira as suas consolações que fortalecem o espírito másculo do homem.

Ao esposo, que profundos rasgos de amizade, que admiráveis sonhos de amor, amor que reflete as carícias ideais de um sentimento inesgotável; amor que funda em sublimes gestos as alvoradas dos corações virtuosos.

Ao pai, os extremos mais suaves, os risos mais encantadores, os beijos mais preciosos, como joias que derramam sonoridades augustas e divinas, como hinos que acordam a vida inteira e inteira nossa alma.

Carlos Miller – Rio Grande – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 120).

Mãe, filha, esposa, irmã! Esses eram os modelos “ideais” de mulheres a serem contemplados. A estes “ideais”, definidos não por elas mesmas, erguiam-se tronos, rendiam-se homenagens e cultos.

Eis o que é a mulher para todos que sentem e sabem contemplá-la com alma, sentimento e nobres intuítos.

Para ela, pois, o trono áureo de nossa amizade: para ela, o solo grandioso da alma humana; para ela, o eterno sorriso da ventura e o casto beijo da admiração.

Neste mar revolto das paixões, o que seria da humanidade sem esse astro radiante de beleza e amor, senão um abismo profundo, sem limites e sem encantos. Seria a vida um batel de velas, um mar sem pratas, um paraíso sem Eva de todas as nossas tristezas, de todas as nossas alegrias, de todas as nossas amarguras.

Curvemo-nos por isso às suas exigências e perante suas humilhações na sociedade ou perante seus faustos no mundo; que o nosso amor reflita mais do que carinho, mais do que saudade; reflita, sim, uma admiração sem limites.

Carlos Miller – Rio Grande – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 120).

Num texto encontrado no *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1899 a mulher é apresentada como obra prima da criação divina, fonte de beleza sublime e encantadora, um anjo com grandes poderes enviado por Deus, mas, obviamente, enviada para alegrar a “pobre” vida do homem que se tornava fastidiosa e triste nos primórdios da criação. Evidencia-se também que, a partir de sua criação, as mulheres dominariam o mundo mais do que os deuses, soprariam as multidões ardentes e, para elas, se ergueriam tronos e altares.

A mulher

(a uma artista)

De um caos informe levantou-se o mundo

À voz do criador (...)

Tudo era belo!...mas no livro eterno,

Na epopeia infinita, o artista imenso

Deixara em branco perfumada folha!

Nas verdes balsas do jardim divino,

Frio, enojado, divagava o homem,

Bocejando de tédio, os olhos languídos,

Distraídos, estendia desde as margens

Do Jordão cristalino até os montes

Da Armênia solitária, - até que um dia,

No enjoo infundo de um gozar eterno,

Ele maldisse o céu, a luz, as flores!

Deus então escutou. Rompeu os laços

Dessa dúvida andrógina que chorava

Nos martírios de tântalo. Inspirado

Encheu a folha que restava em branco.

- Levantou-se a mulher! Último canto

Do poema de Deus, és tu que ao mundo

Inundas de poesia, erguem as plantas

Dás perfume à flor, cantos às aves

Risos às mágoas, esperanças às dores!

Fonte sublime de virtude e belezas, neste mundo

Como um anjo de Deus a luz derramas

Sonhos, amor, consolações e crenças

Sempre sublime, encantadora sempre

É no mundo a mulher! - quer pensativa,

Embalando o filhinho ao berço à noite,

Quer aos pés de Jesus, - arrependida,

Em lágrimas de amor banhando as plantas

[...]

Mais do que os deuses, a mulher domina,

Sopra o mundo, e as multidões ardentes

Erguem-lhe altares e levantam tronos.

Fagundes Varela, 04 de janeiro de 1863.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 214-5).

Nesta outra passagem do *Almanaque Popular Brasileiro* também se observa a mulher sendo retratada como um anjo criado por Deus que haveria caído na terra.

A uma dama

[...] Das mãos do criador vos escapastes,

Caístes cá na terra.

Um anjo vos seguiu para guardar-vos

E quase gêmeos um no outro retratado,

Quem pode distinguir o anjo que guarda

Do anjo que é guardado?

Antonio Peregrino Maciel - Visconde Itamaracá - Pernambuco.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, s.d., p. 238).

Texto semelhante a estes também foi encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (ano não precisado). O texto abaixo, narra a criação divina de tudo o que existe. Após criar todas as coisas belas da natureza, Deus teria criado o homem,

um ser superior, dominante e iluminado pela razão. Terminando a criação, a mulher foi feita para realçar tudo o que já havia sido criado, para ornamentar a existência com sua beleza e sentimento.

A mulher

Criando o que existe, formou Deus as flores,
De bem várias cores e grande primor,
Que a vista recreiam, perfumes trescalam
e muda nos falam linguagem de amor.
No centro da terra lhe aprouve os brilhantes
E lindos diamantes em copia formar;
Também outros corpos de muita lindeza
Em tal profundidade ele quis criar.
[...]
Fenômenos muitos, pasmosas grandezas,
Infundas belezas, no céu, terra e mar,
com quanta ciência, com quanta bondade.
Foi sua vontade do nada tirar!
Depois forma o homem, de dons acumulado,
A tudo criado fazendo exceção,
Que a tantos viventes supera e domina
Com a flama divina chamada razão.
E tendo o Eterno melhor obra ainda
Que as outras mais lindas, passado a fazer,
Termina a tarefa, que dias de durara
E mais realçava, criando a mulher.
Formulada de encantos estrela na terra,
No peito ela encerra, que abraça o amor,
Conjunto de dotes que mais a sublinha
E está bem acima de todo o louvor!
Reynaldo Casimiro – Conquista – Bahia.
(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, s.d.,
p. 221).

A ideia de que as mulheres estavam mais ligadas à natureza do que os homens é uma ideia antiga. De acordo com Delumeau (1989), a mulher sempre inspirou medo aos homens, principalmente por conta dos mistérios sobre a maternidade. Assim, as mulheres passaram a ser representadas como a natureza e os homens como sendo a história. As mães seriam por toda a parte as mesmas, enquanto os pais seriam muito mais condicionados a cultura a qual pertenciam (DELUMEAU, 1989). Essa ideia, de que as mães seriam por toda a parte as mesmas, é constantemente mencionada nas páginas dos almanaques. De acordo com a visão da época, a maternidade e o amor incondicional da mãe pelos filhos eram tidos como atributos inerentes à natureza feminina como observamos na passagem a seguir encontrada no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1906, mas que foi reproduzida também em outras edições do almanaque, ao assinalar que a boneca é uma necessidade para as meninas já que resumiria a vida de uma mulher quando adulta: cuidar dos filhos. O texto também pontua que uma mulher sem boneca seria quase tão infeliz e

incompleta como uma mulher sem filhos e denuncia, assim, a incompletude do primeiro ciclo tido como natural nas mulheres.

A boneca

A Boneca é uma das mais imperiosas necessidades e ao mesmo tempo um dos mais encantadores instintos da alma feminina.

Vestir, enfeitar, despir, tornar a vestir, ensinar, ralhar um pouquinho animar, cantar, fazer dormir, afigurar-se que um objeto qualquer é um ser, eis resumindo o futuro da mulher.

Sonhando e tagarelando, fazendo enxovaizinhos, fraldas, cueiros, a criança passa a ser moça, a moça a ser mulher.

O primeiro filho é a continuação da última boneca.

Uma menina sem boneca é quase tão infeliz e tão incompleta como uma mulher sem filhos.

Victor Hugo.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1906, p. 144).

Ainda sob esse aspecto da mulher vinculada à maternidade e ao lar, verificamos a identificação de mulheres como “Anjo Tutelar”, responsável pelo bem estar da família, guardiã da moral, da ordem, da saúde e da educação de seus entes, como podemos observar no texto abaixo retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1901.

Amor materno

Eu tenho na terra um anjo,

É meu anjo tutelar;

Sempre meiga e carinhosa,

Ninguém a pode igualar

Foi ela quem amamentou-me,

Quem me aqueceu contra o seio,

Ao seu lado nada temo,

Tranquilo estou, sem receio.

Dia e noite, infatigável,

O meu berço ela velou;

Acompanhando meus passos

A caminhar me ensinou.

[...]

Mãe! Que nome santo, puro!

Mãe! O teu nome hei de honrar! Quem quiser ser bom, honesto,

Basta este nome adorar!

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1901, p. 246).

Foi possível observar aqui alguns lugares comuns sobre uma mulher considerada universal e que são constantemente reproduzidos pelos almanaques. Como veremos, ao longo das análises que serão apresentadas no quinto capítulo, esses lugares comuns para as mulheres aparecerão na grande maioria dos textos. É preciso destacar que os textos aqui apresentados embora enfatizem sentimentos e atitudes que justificariam a submissão da mulher ao homem, pretendiam enaltecer certas qualidades das mulheres como sendo sublimes e importantes para

a manutenção da ordem social. No entanto, não só de poesias que enaltecem essas “qualidades femininas” são compostos os almanaques. Neles, encontramos uma série de textos, anedotas e piadas que ironizam ou até mesmo desqualificam essa mesma mulher que era enaltecida por textos e poesias. Nos textos irônicos vamos encontrar falas bem menos admiradas e amorosas e bem mais satíricas e perversas em relação às mulheres.

3.2 SÃO O QUE HÁ DE MAIS PERVERSO: AS ANEDOTAS E PIADAS QUE IRONIZAM

O humor brota do contraste, da Estranheza e da criação de novos significados (SALIBA, 2002, p. 17).

Contraste, estranhamento, ruptura e criação de significados foram elementos que se fizeram extremamente presentes no final do último quartel do século XIX e início do século XX, sobretudo pelas inúmeras inovações advindas da *Revolução Tecnológica Científica* que acabaram por afetar todas as esferas sociais, inclusive, o comportamento feminino. De acordo com Maluf e Mott:

As mudanças no comportamento feminino ocorrido ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os progressistas (MALUF; MOTT, 1998, p. 368).

Essas mudanças, como sugerem as autoras, desencadearam um processo de instabilidade na ordem social hierárquica dos sexos, tipicamente masculina. Méndez (2004) evidencia que a imprensa brasileira, desde o princípio, utilizou-se de diversos mecanismos discursivos para desqualificar a imagem e as representações das mulheres. Dentre eles “a ironia pode ser apontada como uma das formas mais eficazes de negar a legitimidade necessária no campo do saber e no campo político, pois aquilo que é motivo de escárnio jamais será devidamente reconhecido como uma questão social pertinente” (MÉNDEZ, 2007, p. 278).

Os recursos irônicos e de comédia representaram importantes instrumentos para desmoralizar a luta pela emancipação feminina e reforçar o mito da inferioridade e passividade da mulher (SOIHET, 2004).

De acordo com Saliba (2002), o período da *Belle Époque* foi um período de ruptura, de mudanças, de síntese. Tudo ajudava a sintetizar a vida cotidiana: o automóvel, a

locomotiva, a telegrafia e as anedotas. Sem dúvida, anedotas e piadas tiveram grande repercussão nesse período histórico, foram comumente divulgadas por jornais, revistas, almanaques literários, almanaques de farmácia, etc. Para termos uma ideia da importância dos textos humorísticos e cômicos basta lembrar-nos de que Bergson (1899), Freud (1905) e Pirandello (1908) se puseram a estudá-los neste período.

Três elementos são essenciais para a formulação de uma anedota com efeito humorístico, sarcástico ou cômico: a “concisão, a antítese e o uso de estereótipos” (SALIBA, 2002, p. 16). Tais elementos promovem um profundo impacto nas representações coletivas. Os estereótipos sugeridos nas anedotas surgem da “Concentração de significados históricos acumulados numa breve redução – na qual todos se reconhecem. A compreensão decorre do acordo da memória coletiva, que sintetiza todo o efeito da representação nas rápidas simplificações da anedota” (SALIBA, 2002, p. 16).

O conteúdo das anedotas, piadas e ditados populares tornam-se resultados, portanto, de estereótipos reduzidos brutalmente e que, ao serem lidos, ouvidos pelas pessoas, despertam representações facilmente reativadas pela memória coletiva, ao passo que também estimulam a criação de novas representações e estereótipos. Nesses textos, evidencia-se a presença de diferentes discursos sobre diferentes objetos que fazem parte da vida cotidiana; possuem um caráter transitório na medida em que “circulam livremente, na forma oral ou escrita, na cultura popular, independentemente da época em que foram elaborados” (VALE, 2009, p. 29). Caracterizando-se como uma epifania da emoção que se dilui na vida cotidiana na rotina dos ritmos repetitivos e diários (SALIBA, 2002).

As anedotas apresentam outras características consideradas “naturais” nas mulheres que não aquelas observadas no subcapítulo anterior; nelas, ser esposa, dócil, carinhosa e submissa configura motivos de risos e deboches. As qualidades mais obscuras passam a ser relacionadas a elas. Ganham sentido, portanto, por que causam estranheza, espanto, contraste em relação àquelas representações sobre as mulheres que vimos no primeiro subcapítulo.

De acordo com Delumeau: “A atitude masculina em relação ao ‘segundo sexo’ sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade. O judaísmo bíblico e o classicismo grego exprimem alternadamente esses sentimentos opostos” (1989, 310). Para o autor, “Essa veneração do homem pela mulher foi contrabalanceada ao longo das eras pelo medo que ele sentiu do outro sexo, particularmente nas sociedades de estruturas patriarcais” (DELUMEAU, 1989, p. 310).

Ao longo da história, muito se repetiu acerca dessa ambiguidade fundamental das mulheres. Era vista como o ser que dá a vida e anuncia a morte. De acordo com Delumeau

(1989), o culto das deusas mães – terra mãe – por exemplo, ela é o ventre nutrido, mas também para onde voltam os mortos.

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher (DELUMEAU, 1989, p. 314).

Segundo Delumeau (1989), as mulheres, por estarem mais próximas a natureza, também estariam mais próximas da decrepitude, da decomposição. Assim, as mulheres eram vistas como símbolos de vida e morte, causando um medo ainda maior entre homens. As representações culturais antifemininas acontecem, de acordo com Delumeau (1989), desde os tempos mais remotos, sendo ainda mais reforçada pela ideologia católico-cristã.

É muito comum, portanto, evidenciarmos, nos almanaques, passagens que associem traços femininos que estariam ligados à destruição, ao inferno. Na anedota extraída do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1899, uma pitada de sarcasmo é utilizada para revelar, numa conversa espírita entre marido e mulher, que o marido estaria mais feliz nas profundezas do inferno do que ao lado de sua mulher, deixando claro que a convivência com a mulher e suas atitudes seria nefasta.

Diálogo Conjugal

Em uma sessão de espiritismo, uma senhora em diálogo com o espírito de seu marido, por intermédio de um valente médium:

- Estás aí?
- Sim.
- E és feliz, meu João?
- Muito.
- Mais do que quando vivias ao meu lado?
- Muito mais!
- E onde estás?
- Nas profundezas do inferno!

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 232).

Delumeau (1989) também assinala que o Ocidente assistiu, principalmente nos séculos que seguem ao *Renascimento e Reforma*, período em que a Igreja se sente ameaçada, a uma diabolização da mulher. Segundo o autor, teólogos e inquisidores tentavam mobilizar energias contra essa ofensiva demoníaca. Para eles “Seres sexualmente frustrados que não podiam deixar de conhecer tentações projetaram em outrem o que não queriam identificar em si mesmos” (DELUMEAU, 1989, p. 320). Assim, com a entrada das ordens mendicantes, no século XIII, a pregação contra mulher adquiriu um extraordinário alcance na Europa,

multiplicando de modo intenso uma misoginia com base teológica: “a mulher é um ser predestinado ao mal” (DELUMEAU, 1989, p. 320). Para os monges não sucumbirem aos seus encantos, incansavelmente declararam-nas como seres perigosos e diabólicos. Desta forma, desde o século XIII, os discursos diabolizando a mulher foram substanciais para o agravamento do medo em relação à mulher.

De acordo com Delumeau (1989), representações vindas do fundo das eras não se deixam abater facilmente pelo raciocínio; assim, nos almanaques analisados são muito comuns os discursos que assinalam aspectos dessa condição “diabólica” das mulheres, como podemos observar nessa passagem do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1904 que, diferentemente daquelas assinaladas no subcapítulo anterior, onde Deus teria criado um ser puro e sublime para servir de companhia ao homem, apresenta a mulher como uma criação do diabo e não divina.

O trabalho do diabo

(AUTRAN)

[...]

Deus fez o homem, enfim, belo e sublime escravo
Da razão... Bravo! Urrou Satã – Bravo! É mister
Que eu faça agora igual... E , por seu turno, bravo!
Deus exclamou: Satã tinha feito a mulher!

E ei-la: nua, de pé, seu talhe o ouro vestindo
Da coma solta ao vento, o oiro fluindo radioso
Que o vento lhe entornou da frente aos pés, e abrindo
Pleno o lábio, a sorrir, de amor, volúpia e gozo.

E Deus, estupefato em frente à formosura
Da mulher e ante seu satânico esplendor,
Disse: Hás de sempre e em tudo, estranha criatura
Revelar na malícia a unha do teu autor!

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1904, p. 220-1).

Como vimos, a mulher era identificada como sendo uma criação do diabo, por isso, revelava em suas atitudes a malícia de seu criador. Já o homem, tendo sido criado por Deus, demonstrava em seus atos, a magnitude da criação divina. Observa-se aqui, como os discursos vão criando representações que se tornam, com o tempo, naturais. Os discursos teológicos identificaram as mulheres com o diabo, fazendo com que certas atitudes tidas como “diabólicas” fossem consideradas naturais na identidade feminina, por exemplo: a tagarelice, a inveja, a tolice, a vaidade, a malícia e o orgulho.

Em uma narrativa anedótica do *Almanaque Popular Brasileiro*, outro texto relaciona às mulheres ao diabo. Intitulado “A mulher tem a cabeça do diabo”, o texto conta a história de uma anedota que teria sido contada de avô para neto. Na anedota, o diabo encontra uma

jovem e pretende cortar-lhe a cabeça já que acusa a moça de caluniá-lo. A moça indaga quanto ela o havia caluniado e o diabo prontamente responde, vejamos:

A mulher tem a cara do diabo

Com tua vaidosa formosura, incitas o ardente amor dos homens solteiros, casados, viúvos, moços e velhos; cometes vergonhosamente mil pecados por dia, e não cansa de dizer que sou eu a tua contínua tentação... ora bem, morando eu no inferno em contínua ocupação de fogo, vento e gelo, e tu nesta terra semeada de pecados, permitir-me-ia a enorme distância de vir-te tentar quinhentas a mil vezes ao dia? Assim é que vais a pagar a calúnia; e o diabo arranca da espada e... zás no pescoço da infeliz vítima.

Ferdinando Martino – Suspiro – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, s.d., p. 152-3).

A anedota termina com São Pedro aparecendo e cortando a cabeça do diabo, como castigo por ter cortado a cabeça da jovem. Em seguida, aparece Jesus Cristo que repreende Pedro por ter cortado a cabeça do diabo, uma vez que só ele teria o direito de dispor sobre a vida das pessoas, mandando-o imediatamente recolocar as cabeças nos corpos das vítimas. São Pedro teria então trocado as cabeças de corpos. A mulher passou a ter, então, a cabeça do diabo e o diabo, cabeça de mulher. O trocadilho usado no texto alimenta a ideia de que as características malévolas do diabo e das mulheres são similares, fazendo com que os dois pudessem ser facilmente confundidos: o diabo em forma de mulher e a mulher em forma de diabo.

Também são recorrentes nos almanaques, discursos que desqualificam as mulheres, seja pelo quesito inteligência, seja por suas atitudes tidas como mesquinhas e fúteis. Na passagem retirada do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1895, verificamos a forma como as mulheres eram estereotipadas como sendo tagarelas, teimosas, vingativas e ignorantes.

As mulheres

Querei fazer prevalecer uma opinião? Dirigi-vos às mulheres. Elas recebê-la-ão de bom grado, porque são ignorantes; espalhá-la-ão prontamente, porque são tagarelas; sustentá-la-ão, porque são teimosas.

Diz um velho ditado normando: Nunca houve no mundo senão duas mulheres verdadeiramente boas: a primeira perdeu-se; a segunda está por encontrar.

As mulheres, quando não podem vingar-se, fazem como as crianças, choram. – Mme. De Stael.

A língua da mulher é uma espada que ela nunca deixa enferrujar.

Mme. Necker – São Leopoldo – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 147).

No *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano 1894,

observamos a compilação de diversas frases de pensadores que desqualificam as mulheres e atentam para o perigo que se apresenta, se estas não foram controladas moralmente. Os pensamentos identificam as mulheres como sendo maldosas e, ao mesmo tempo, ingênuas demais; como serpentes venenosas e, por isso, anjos do diabo; mentirosas e tagarelas e, assim, povoadoras do inferno; invejosas, principalmente com relação a outras mulheres, enlouquecedoras e infiéis.

Como li no Almanaque de 1893 um elogio às mulheres, por um colaborador do mesmo, entendi também de mandar o que li num livrinho.
 A maldade é inata nas mulheres. (Hipócrates)
 Uma mulher sempre é um anjo, mas só depois do diabo a levar. (Houssaye)
 As mulheres têm o coração de isca: facilmente se incendeia. (Montesquieu)
 A desgraça do homem remonta ao nascimento da mulher. (Milton)
 A serpente, depois de ter seduzido a mulher, emprestou-lhe a língua. (Um anônimo)
 As mulheres mentem com tanta graça que nada lhes vae tão bem como a mentira. (Byron)
 A maior alegria que se pode dar a uma mulher é dizer mal das outras. (Rousseau)
 O inferno não é povoado senão por língua de mulheres. (Guyon)
 Quem pretende dirigir mulheres quer endoidecer. (Cyro)
 A ilha de Ithaca merece a celebridade que tem: houve lá uma maravilhosa mulher fiel! (Stahl)
 Entre mil homens, achei um bom; entre todas as mulheres nenhuma. (Salomão)
 As mulheres são sempre boas, mas no ano que vem. (Proverbio)
 Uma mulher bonita é o paraíso dos olhos, o inferno da alma e o purgatório da bolsa. (Fontanelle)
 O diabo dorme mais perto da minha mulher do que eu próprio. (Luthero)
 A mulher é um diabo muito aperfeiçoado. (Victor Hugo)
 Como a providencia é pródiga! Dá a cada um o seu brinquedo: a boneca para a criança, a criança para o homem, o homem para a mulher e a mulher para o demônio. (Victor Hugo)
 Diderot – São Paulo.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1894, p. 186).

É interessante notar que esse texto não passou despercebido pelas mulheres, pois, na edição do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul de 1895*, um texto escrito por Andradina de Oliveira apresenta-se como uma resposta crítica ao texto de Diderot presente na edição de 1894. Andradina retruca os comentários de Diderot que desqualificam as mulheres. No texto, Andradina critica a coletânea de pensamentos enviada pelo Diderot de São Paulo e ironiza completando a coletânea com outra frase, dessa vez do Diderot francês do século XVIII e diz que, nenhum dos dois se atreveria a escrever tamanhas frases pejorativas às mulheres se observassem a felicidade dos pequenos ao ver sair uma gota de leite do seio de suas mães. Invoca, portanto, para enaltecer as mulheres, a figura materna.

As mulheres
 Ao Sr. Diderot (São Paulo)

Li os *bonitos pensamentos* que, com o título acima, lembrou-se o Sr. de adornar o *Almanaque* de 94 e estranhei que não tivesse reunido aqueles mais este do ilustre crítico francês:

As mulheres são belas como os serafins de Klopstock, porem terríveis como os demônios de Milton.

Mas tanto o Diderot do século passado como o Diderot do século dezenove não se animaram de molhar a pena para *dizer mal* das mulheres, se, no momento em que o fossem fazer, vissem brotar de um seio de mãe uma pérola que uma boquinha, como um pequenino cofre de coral, esperasse sequiosa.

Andradina de Oliveira – Pelotas.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 210).

A anedota que segue, retirada do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* de 1904, revela a atenção que os homens deveriam ter na hora de escolher suas esposas. Assim, sua atenção não deveria recair sobre o nível de instrução das mulheres, mas sim nos seus adjetivos morais e nas habilidades necessárias para serem boas donas-de-casa e mães de família.

Charada

Rapaz, quando tu tiveres
Idade para casar,
Como não faltam mulheres
Vae logo uma procurar.

Que seja ou não instruída
Questão não deve fazer;
A companheira escolhida
Compassiva deve ser.

Na bola muito juízo,
Um dotezinho qualquer,
E tudo o mais que é preciso
Para ser uma boa mulher

Inominado – Rio Grande – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1904, p. 137).

Cuidar do lar era uma tarefa feminina, no entanto as ordens eram dadas pelos homens. O provérbio retirado de uma coletânea do *Almanaque Popular Brasileiro* de 1897, denominada “Filosofia Popular” alertava sobre os problemas que se abateriam na família caso essa ordem estabelecida viesse a ser rompida. “Triste da casa onde a galinha canta e o galo cala” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 129).

Outra anedota extraída do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1889, uma conversa entre marido e mulher, cujo título é *Cena doméstica*, também alerta para o não cumprimento da função *Rainha do Lar* pela mulher. A ironia do marido ao responder ao comentário tecido pela esposa quanto aos lindos botões da roseira no jardim revela duas

possibilidades de interpretação. A primeira, é claro, alerta para o perigo e as consequências da emancipação da mulher e a segunda demonstra que a resistência feminina existe e precisa ser silenciada.

Cena doméstica

No jardim:

- Olha, Arthur, as nossas roseiras já têm botões.

Ele, com um suspiro:

- É verdade; são muito mais felizes que as minhas camisas...

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 179).

Notamos assim, como, de um lado, poesias e textos enaltecem a imagem feminina através de qualidades que as atrelavam à submissão aos homens e, por outro lado, como anedotas, piadas e textos irônicos procuravam denegrir a imagem feminina, alertando aos homens sobre os perigos que podiam ser oferecidos pelas mulheres. Dessa forma, uma constante ambiguidade é ressaltada na representação dos comportamentos femininos nos almanaques. Ora elas aparecem como Maria, ora como Eva; ora como bondosas, ora como maldosas. Evidencia-se também que a maternidade sempre aparece sempre como uma espécie de “salvação” para as mulheres.

4 O QUE OS HOMENS ESCREVEM SOBRE ELAS?

Nosso objetivo neste capítulo é mapear os escritos masculinos que versem sobre as mulheres. Nele, vamos analisar textos que discorrem sobre amor (materno, filial, conjugal), a condição feminina na sociedade, a “real beleza”, as “tias ou solteironas”, a necessidade de controlar os modismos e, ainda, textos que mencionam as mudanças no comportamento das mulheres, ocorridas na sociedade do período.

A análise dos escritos sobre as mulheres terá como contraponto, a análise dos escritos que as mulheres escreveram sobre elas, tema do próximo capítulo. Passemos, então, a analisar os textos dos almanaques, agrupados conforme temáticas recorrentes e relevantes no que diz respeito à condição feminina e às relações de gênero.

4.1 FALANDO DE AMOR... (MATERNO, FILIAL, CONJUGAL)

[...] o amor e suas práticas estão inscritos em nossa natureza mais profunda. Cada cultura reserva-lhe um espaço privilegiado em seu sistema, representando-o à sua maneira. Há quem diga até que ele é uma invenção do Ocidente. E o amor não muda só no espaço, mas no tempo também (DEL PRIORI, 2006, p. 9).

De acordo com Del Priori, a importância dada ao sentimento “amor” varia, assim como acontece com outros sentimentos, de acordo com o espaço e a época. É, portanto, um sentimento carregado de significações históricas. Del Priori destaca que:

[...] amor romântico, tal como o conhecemos, é um fenômeno tardio. Ele teria surgido, apenas, durante o processo de industrialização e de urbanização que teve lugar na Europa do século XVIII. Historiadores britânicos afirmam que “o amor como base do casamento” talvez seja a mais importante mudança nas mentalidades, ocorrida no limiar da Idade Moderna ou, possivelmente, nos últimos mil anos da “história ocidental”. Já os franceses concordam que uma “revolução afetiva teria se localizado predominantemente no século XVIII e início do século XIX”, modificando de maneira radical os sentimentos amorosos (DEL PRIORI, 2006, p. 10-11).

Assim, algumas das características que estamos acostumados a relacionar com o ato de amar nos dias atuais, não eram tão comuns nos XVIII, XIX e início do século XX. Se neste período começavam a surgir novas maneiras de entender o amor, compreende-se, portanto, porque foi tão proclamado, ensinado e refletido em textos e poemas.

Nos almanaques analisados nessa pesquisa são inúmeros os textos que versam sobre o amor em suas diferentes formas; a grande maioria foi escrita por homens. As mulheres

também escreveram sobre o amor, mas destacaram principalmente o amor que sentiam enquanto mães, ou seja, o esperado delas no período. Os homens escreveram sobre o amor materno, principal preocupação da época, mas ocuparam-se também de escrever sobre o amor paterno, o amor filial e o amor conjugal. A grande quantidade de textos nos faz evidenciar a importância de exaltar esse sentimento e de orientá-lo conforme as necessidades do final do século XIX e início do século XX.

O amor materno é, sem dúvida, o amor mais proclamado nas páginas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Popular Brasileiro*. Segundo Badinter, “a maternidade é, ainda hoje, um tema sagrado. Continua difícil questionar o amor materno, e a mãe permanece em nosso inconsciente coletivo, identificada, a Maria, símbolo do indefectível amor oblatoivo” (1985, p. 9). Conforme a autora, é no último terço do século XVIII que a imagem da mãe e sua importância modificam-se radicalmente. Neste período, iniciam as recomendações dos discursos que impunham à mulher a obrigação de ser mãe antes de tudo, como uma vocação natural: o instinto materno, ou do amor espontâneo de toda a mãe pelo filho. Um amor natural e social, favorável à espécie e à sociedade. O novo imperativo era a sobrevivência das crianças e para esse salvamento era preciso convencer as mães a se aplicarem nas tarefas maternas (BADINTER, 1895, p. 145).

O livro de Badinter (1985), “Um amor conquistado: o mito do amor materno” rendeu muitas paixões e críticas quando lançado na França em 1980. No prefácio à edição de bolso de 1985, a autora destaca que o título provocativo do livro pode ter induzido a enganos e que sua intenção nunca foi dizer que o amor materno era uma invenção do século XVIII. Afirma, no entanto, que uma sociedade que não valoriza o amor pode extingui-lo ou sufocá-lo a ponto de eliminá-lo totalmente de alguns corações; mas não em toda a sociedade. Assim, dizer que o amor materno é uma invenção do século XVIII é mentira, pois sempre existiu, o que acontece é que nesse momento, o amor, de uma forma geral e o amor materno em especial, passa a ser exaltado constantemente por diferentes discursos a ponto de se tentar naturalizá-lo (BADINTER, 1985, p. 10).

O que a autora queria, na verdade, era ressaltar que o amor materno não é um sentimento inato partilhado por todas as mulheres como se proferia. No século XVIII e XIX, as palavras “amor” e “materno” foram unidas e transformadas na expressão de um sentimento grandioso que seria invocado intensamente por, no mínimo, dois séculos. Além da promoção desse sentimento grandioso, promovia também a mulher enquanto mãe.

Não sentir esse amor maternal era considerado um crime inexplicável, uma monstruosidade. De acordo com Badinter (1985), o amor é um sentimento frágil assim como

todos os outros. Não se exprime a todo o momento, mas pode perdurar de forma latente; para isso, precisa ser cuidado e estimulado constantemente, caso contrário pode desaparecer e até morrer. Assim, nesses mais de dois séculos, o amor, principalmente o materno, foi encorajado, divulgado, exaltado, ensinado, construído de alguma forma (BADINTER, 1985).

Criou-se um discurso no século XVIII e XIX que até então não existia, a maternidade passava a ser inscrita na natureza feminina. Qualquer desvio à regra era visto em termos de exceções patológicas.

Hoje, sabemos que o amor materno deve ser considerado, antes, como um determinismo social do que com um imperativo biológico. Não há dúvida de que o amor materno tenha existido desde o início dos tempos, mas também não há dúvida que não existiu no coração de todas as mulheres, portanto, nada tem de natural (BADINTER, 1985). De acordo com Badinter:

Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e dá-lhe todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição assemelha-se à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. Em um caso ou outro, seu comportamento se modifica em relação ao filho e ao esposo. Segundo a sociedade valorize ou deprecie a maternidade, a mulher será, em maior ou menor medida, uma boa mãe. [...] Nesse conflito entre o homem e a mulher a criança desempenha um papel essencial. Quem a domina, e a tem ao seu lado, pode esperar levar a melhor quando isso convém à sociedade (1985, p. 26.).

Durante a maior parte da história ocidental, os olhares sempre estiveram voltados para o poder do pai, sempre acompanhado da autoridade marital (BADINTER, 1985). De acordo com a autora, o reinado da criança começaria a ser celebrado, na França, no final do século XVIII. Data dessa época a floração de obras que concitam os pais aos novos sentimentos e particularmente a mãe ao amor materno (BADINTER, 1985). No último terço do século XVIII, a imagem da mãe começa a adquirir nova importância e os comportamentos, em relação às mulheres-mães, começam a alterar-se ainda que gradualmente.

Uma série de discursos passa a alertar as mulheres de que sua obrigação, antes de tudo, era ser mãe e, por esta razão, tinham a obrigação de amamentar os filhos. Tanto positivistas, quanto médicos, higienistas, educadores e juristas postulavam o instinto maternal das mulheres vinculado à sua função social, como algo essencial para o bem estar social. Além disso, faziam severas críticas ao aleitamento mercenário, responsável não só pela não aproximação da mãe com o bebê, como também por ser a causa da morte dos futuros braços da nação. Começava assim o mito que presumia a existência de um amor natural da mãe pelo filho. O novo imperativo era a sobrevivência das crianças, e como era das mulheres que

dependia o êxito dessa operação, tornaram-se, então, as interlocutoras privilegiadas dos homens (BADINTER, 1985).

Conforme ressalta Badinter (1985), por quase dois séculos, os ideólogos prometeram muito para as mulheres que assumissem suas tarefas maternas, consideradas nobres e, por isso, persuadiram as mulheres, que acreditavam poder com elas, alcançar o *status* masculino.

No texto abaixo, encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1894, evidenciamos a necessidade de exaltar o amor materno, de divinizá-lo e adorá-lo. Segundo o autor, tratava-se de um sentimento que refletia a divindade. Destaca que não poderia haver mãe “com o coração bem formado” que não fosse capaz de sentir tamanho amor. Nota-se, portanto, que as que não sentiam esse amor materno, tão exaltado e desejado para o momento histórico, eram vistas como mulheres cujo coração não estaria bem formado, destacando assim, que o amor materno era um sentimento natural e que apenas algumas, “mal formadas”, fugiam à regra. Indicava assim que não sentir o amor maternal era uma exceção, uma patologia de algumas mulheres.

Como vimos, o amor materno sempre existiu, mas ganhou destaque a partir do século XVIII. Assim, para enfocar a existência desse sentimento, era comum serem elencados alguns exemplos de amor maternal extraídos da natureza ou da história. No texto referido, invocam-se exemplos, por exemplo, da natureza.

Amor sem par

[...]

O amor materno é verdadeiramente um reflexo da divindade. Digo da divindade, porque Deus somente é suscetível de tantas bondades. Não pode haver uma mãe cujo coração bem formado não dê idênticas provas deste amor. E, como para maior espanto, a natureza pôs também no coração dos seres mais adjetos da criação as conseqüências do amor materno. Os jacarés, por exemplo, dão sobejas provas de amor materno e assim também a baleia, que vem morrer junto ao filho que o intrépido pescador retém preso. O passarinho entrega-se à prisão mui alegremente por amor de seus filhinhos, que o menino travesso roubou do ninho; os campos, as flores, os frutos, que outrora faziam o encanto de sua vida, lhe são agora indiferentes e tudo está em seus filhos queridos. Como é agradável viver ou morrer junto deles! Não pode, pois, haver amor mais sublime, mais santo que o amor materno. Divinizemo-lo e rendamos-lhes um culto de adoração, porque na terra ele representa Deus, é Deus no seio na natureza, é a luz da manhã da vida iluminando o seio da família.

Luiz E. Souza – Maragogipe – Bahia.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1894, p. 247-8).

No poema abaixo, encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, o poeta afirma que o amor materno é só ternura, que com sorrisos alegra o berço e com prantos rega a sepultura. O autor revela que ao escrever sobre tal tema se dá conta que,

de tão sublime, sincero e grande, era impossível descrevê-lo em sua totalidade em forma de versos.

Amor materno

Invoquei sem cessar as musas do meu verso,
 Não para decantar a forma branca e pura
 De alguma Beatriz, qual aos olhos do Universo
 Apresentar quisesse a rara formosura
 E sim pra descrever no estilo fino e imenso
 O maternal amor, o amor todo ternura,
 Que com sorrisos bons alegra nosso berço
 E com prantos nos rega a sepultura

Quando estava a escrever , porém, ledado, risonho
 Com ansiedade febril de uma alma que se expande,
 O desanimo atroz deteve-me. Deponho
 A pena, vendo então que esse sincero afeto
 Era, além de sublime, excelsamente grande
 Para se descrever no espaço de um soneto.
 Antonio da Silveira Carvalho
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
 (s.d.) p. 105).

Este outro poema, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1897, descreve dois momentos intensos e opostos para o amor materno. Num primeiro momento, enfatiza a alegria de uma mãe ao ver nascer uma filha, cujos traços seriam perfeitos. Num segundo momento, exalta-se a tristeza vivenciada pela mãe quando a vida da filha tão amada acaba. Nos versos do poeta, os extremos são retratados. Ninguém poderia entender o sentimento de ter uma filha, muito menos o sentimento de perder uma filha.

Amor materno

I
 Quando o Senhor lhe deu uma filhinha
 - Risonho prêmio do seu puro amor, -
 Ela disse: “Ah, que linda minha filha!
 Obrigada Senhor”

Cabelos de ouro... olhos azul celeste
 Corpinho de ave em cálice de flor...
 Nos seus olhos azuis dois céus me deste!
 Obrigada, Senhor!

II
 Expirou-lhe nos braços a filhinha,
 - último sonho do seu puro amor, -
 E ela disse: “Ah! Que linda a filha minha!
 Triste de mim, Senhor!

Cabelos de ouro... olhos azul celeste..
 Tudo se abisma nesta minha dor!

Restituo-te os céus que tu me deste;
 Triste de mim, Senhor!
 Wenceslau de Queiroz – São Paulo.
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 266).

Os filhos também expressavam em versos como enxergavam o amor materno. No texto “Aos que tem mãe”, encontrado no *Almanaque Popular Brasileiro* de 1889, o autor descreve o amor materno como um raio de luz divina, que acende no coração dos filhos a esperança de uma vida melhor. Lamenta não poder desfrutar mais desse amor e ressalta que os que podem receber a extrema-unção de um olhar materno são privilegiados com uma dádiva divina.

Aos que tem mãe

(No álbum de Ancininha)

Doce olhar de mãe, raio de luz divinamente aveludada, como deves suavizar bastante as agonias da morte!

Doce olhar de mãe, silenciosa benção de afetos peregrinos, tu acendes na alma do filho o lume da esperança de uma vida melhor!

Doce olhar de mãe, felicidade que já perdi, eu te abençoo, entretanto, do fundo do coração!

...

É bem feliz do moribundo que recebe, como dádiva suprema da bondade de Deus, a extrema-unção de um olhar materno...

Bahia, 02 de novembro de 1897.

Frederico Lisboa

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1889, p. 106).

Neste outro texto, o filho também demonstra seu desejo de morrer antes que a mãe. Não se refere, como o autor do texto anterior, sobre a dádiva de receber a extrema-unção materna, mas sobre a dor que sentiria ao vê-la partir. Declara falar raras vezes sobre a mãe, uma vez que a tinha como hóstia pura guardada em sua boca. Também enfatiza que não havia necessidade de sua mãe ajoelhar-se para rezar, já que por ser mãe, já seria santa. A imagem da mãe como um ser puro, casto e santo fica ressaltada no texto do autor.

Mater

Mater amabilis

Mater admirabilis,

Mater dolorosa!

Chega-me o pranto, fuge-me a calma,

Quando suponho teu termo breve

Antes eu quero que Deus me leve,

Mãe de minha alma!

Eu, que, não raro, canto a candura,
 Tão poucas vezes falo de ti!...
 É que eu te tenho, como hóstia pura
 Guardada aqui...
 Porque te afogas em prece tanta
 Lendo os Breviários e os Evangelhos
 Ah! Não magoes os teus joelhos,
 Que tu és santa!

Terei o mundo cheio de abrolhos,
 meus tristes dias em desarranjo
 Quando em silêncio vier um anjo
 Fechar teus olhos
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1901, p. 282).

Os dois textos escritos pelos filhos demonstram as impressões que se esperava das mães ao transmitirem, durante toda a vida, aos filhos: amor, carinho, proteção, respeito e exemplo.

Somente alguns textos que versam sobre o amor materno foram utilizados aqui, mas uma infinidade deles estava impressa nas páginas dos almanaques. Como vimos, a exaltação do amor materno promovia a mulher-mãe. De acordo com Badinter, “O foco ideológico ilumina cada vez mais a mãe, em detrimento do pai, que entrará progressivamente na obscuridade” (1985, p. 146).

Em relação ao amor filial, encontramos, no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, um texto bastante interessante e que expõe as contradições vivenciadas naquele período entre a ideia de ser o amor um sentimento natural ou um sentimento construído, forjado culturalmente.

O texto inicia destacando que o amor filial seria o mais natural e nobre sentimento do coração humano. A segunda frase já contradiz a ideia de naturalidade deste amor, uma vez que afirma que “todos os filhos são obrigados a amar e a proteger seus pais”. Esse amor e cuidado deveriam se prolongar até o fim da vida dos pais e aqueles que não mantivessem o amor e cuidado para com os pais seriam considerados como “ingratos abomináveis”. O amor filial, que no princípio do texto foi considerado como um sentimento natural, aparece, na sequência do texto, como um sentimento “absolutamente necessário e obrigatório” não só entre os povos civilizados, mas também entre os selvagens.

Amor filial

É o amor filial o mais natural e o mais nobre sentimento do coração humano: sob seus influxos somos capazes de praticar as ações mais sublimes e surpreendentes. Todos os filhos são obrigados a amar e a proteger seus pais, enquanto viverem e aqueles que, esquecendo tão doces e salutares deveres, se atiram inconscientemente ao mar tempestuoso das paixões, são uns réprobos da sociedade e uns ingratos

abomináveis. Já se vê, portanto, que o amor filial é absolutamente necessário e obrigatório entre os homens; não digo unicamente entre os civilizados, mas ainda entre os selvagens, onde também há exemplos deste generoso e civilizado sentimento.

Tomé Gonçalves Ferreira Mendes – Passo Fundo.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p.179-180).



Figura 3: Ilustração que acompanha o texto “Amor filial”. Tomé Gonçalves Ferreira Mendes. (Passo Fundo).
Fonte: Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1895, p. 179.

O texto prossegue, citando histórias positivas sobre o amor filial, para que pudessem servir de exemplos.

O divino mestre foi o primeiro a dar-nos o mais belo exemplo do amor filial.

A história, quer antiga como moderna e mesmo a média, está repleta de exemplos frisantes do amor filial.

Tomé Gonçalves Ferreira Mendes - Passo Fundo.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p.179-180).

Na sequência, o amor filial aparece como uma obrigação imprescindível, pois, segundo o texto, jamais se poderia ser um bom cidadão, ou chefe de família, aquele que foi um filho ingrato.

O amor filial, além de ser uma obrigação imprescindível, é um dos mais belos ornamentos do coração humano. É como a pedra de toque do homem, pois que jamais poderá ser um bom cidadão e chefe de família aquele que tiver sido um filho ingrato. E o nome de ingrato faz estremecer aqueles que conhecem os deveres sociais. [...]

Imaginai, portanto, o papel hediondo que representa o filho ingrato perante a

sociedade, os remorsos de que será preso e os tormentos de uma alma angustiada, e tereis uma ideia exata da sublimidade do amor filial.
Tomé Gonçalves Ferreira Mendes - Passo Fundo.
(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 179-180).

Já analisamos, aqui, textos que versavam sobre o amor materno e o amor filial. Resta-nos analisar os textos que tratam do amor romântico, do amor com conotações sexuais e do amor que leva ao casamento.

Poemas que exaltam o amor entre um homem e uma mulher são, por diversas vezes, encontrados nos almanaques aqui estudados. É o caso do texto que segue, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1889. Nele, o poeta declama seu amor velado e platônico por uma mulher já que afirma que nunca viria a se declarar para a mesma.

Como eu te amo

De mim não saberás como te adoro;
Não te direi jamais
Se te amo, e como, e a quanto extremo
Esta paixão voraz!

[...]

No odor dos teus perfumes te procuro,
Tuas pegadas sigo;
Velo teus dias, te acompanho sempre!

Oculto e ignorado me desvelo
Por ti, que não me vês;
Aliso teu caminho, esparjo flores,
Ondam pisam teus pés.

Gonçalves Dias – Maranhão.
(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 106).

O texto “Eras de amor”, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1906/1907, fala das sensações e lembranças do primeiro amor.

Eras de amor

Busca-se um céu estranho ao céu que vemos,
E um anjo em voos desse céu, senhor!...
Talvez exista!... a tarde é triste: sonha-te!
- é a esperança do primeiro amor.

Achasse um anjo na mulher querida;
Bem como aroma que trescala a flor,
Ela nos enche de perfume os sonhos...
É o sorriso do primeiro amor...
[...]

Luiz Delfino – Rio de Janeiro.
(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1906 – 1907, p. 90).

Neste outro texto, as sensações contraditórias que o amor provoca nos indivíduos são ressaltadas; assim, o amor é a noite sem treva, o dia sem aurora, uma febre que acalma e uma calma que devora, uma eterna luta incansável.

Amar

Noite sem treva; dia sem aurora;
Riso que amarga; choro que inebria;
Pranto que canta. Canto que é alegria;
Febre que acalma. Calma que devora;

[...]
Delícia tormentosa; angústia ingrata
Que em turbilhão as almas arrebatava
Eterna luta; luta que não cansa!

Ricardo Azamor
(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1903, p. 203).

Já o texto “O dia seguinte do amor”, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1903 é o único em que encontramos o amor vinculado ao erotismo.

O dia seguinte do amor

Infinita doçura, inigualável coisa,
Contato delicioso, inflável pressão
Da mão amada quando encontra nossa mão
E, brandamente, e como achando um ninho, pouso;

Ó lábios da mulher palpitantes de amor,
Ó lábios que umedece o orvalho do desejo,
Doces lábios servis onde abotoa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flor;

Os seios brancos, onde a paixão, a afagar,
Chama a paixão, atrai a carne, acena ao gozo;
Os seios brancos onde uns olhos de amoroso
Veem reflexos do céu na ondulação do mar;

Encantos da beleza amada; comovidos
Deslumbramentos; gosto indizível, sabor
Da única hora feliz em toda a vida; amor,
Sonho em que a alma sente o gozo dos sentidos;

[...]
(Do poema Rosa, rosa de amor...)
Vicente de Carvalho
(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1903, p. 177).

Durante muito tempo, como se sabe, os casamentos eram nada mais nada menos, que

contratos, o que continuam sendo, porém, eram um contrato em que amor, amizade e ternura não intervinham. “Havia tantos outros imperativos a respeitar para se fazer um bom casamento, que amizade e ternura não intervinham, por assim dizer, na escolha do cônjuge” (BADINTER, 1985, p. 47). No século XIX, afirma a autora, já se observava a transformação de um casamento por conveniência para um casamento por amor (BADINTER, 1985). Nas páginas dos almanaques também se exalta o amor matrimonial como um sentimento elevado.

No texto abaixo, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, para o ano de 1908, o casamento aparece como um ato nobre, uma união entre os corações amantes que nada poderia dissolver, nem mesmo a morte. Porém é interessante notar a posição do autor ao destacar que, se não fosse assim, misterioso, envolto em ternura, encantos, sem maldade nem interesses, seria melhor renunciá-lo do que viver uma vida amargurada, inquieta e odiosa.

O casamento

Nada conheço mais nobre, nem mais elevado do que seja o casamento.

Ele é, por assim dizer, o *íman* poderoso que atrai, que une e que prende, para nunca mais se separarem, nem mesmo na morte, os corações amantes.

É dádiva do céu.

Só tem direito a ela os ditosos do Senhor, os que se identificaram amando sem angústias, nem ambições, deliciosamente.

O que não for assim, cheio de misterioso enlevo e doce ternura, de encantos e sonhos festivos, sem maldades nem interesses, santificado pela prece inocente dos beijos, é não viver nunca, e melhor seria renunciá-lo, extingui-lo para sempre do coração, a tornar a vida uma coisa impossível, amargurada, cheia de inquietações, terrivelmente odiosa.

Jáder de Carvalho – Bagé – RS.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, p. 1908, p. 116).

Neste outro texto, retirado do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1899, encontramos um texto cuja afirmativa era a de que a união entre pessoas muito diferentes causava infelicidades. Ignorava-se a possibilidade de amor e felicidade entre pessoas do mesmo sexo, pessoas de diferentes condições sociais, de diferentes tipos físicos, etnias, etc..

Banalidades e Paradoxos

O amor é uma sugestão mútua entre um homem e uma mulher, sob a condição de que entre os dois exista uma tal e qual conformidade em educação, idade, tipo físico e posição social.

As desgraças, as tragédias, os suicídios, os amores infelizes, provêm da falta de conformidade acima referida. Pessoas de idade mui diferentes, educação diversa, de físicos discrepantes, de situações sociais mui desiguais, não podem apaixonar-se mutuamente.

A sugestão só parte de um dos lados, o outro não aceita e daí as desgraças.

[...] A grande paixão, o amor sublime e ideal nasce da perfeita conformidade ou equivalência supracitada.
 Urbano Duarte – Rio de Janeiro.
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 115).

4.2 O TÍTULO MAIS REPETIDO: “A MULHER”

Conforme vimos no terceiro capítulo, as poesias contidas nos almanaques tratavam de enaltecer as mulheres e suas qualidades, além de, obviamente, disciplinar a conduta feminina. O que estava escondido nesses poemas era um modelo ideal de mulher desejado para o período. Tão importante era divulgar esse modelo que o título “A mulher” é o mais utilizado para nomear textos, poemas e crônicas. Alguns textos e poemas com esse título já foram citados no terceiro capítulo, mas resgatamos aqui, mais informações sobre o que esses textos veiculavam sobre essa mulher “ideal”, uma vez que neste capítulo nos ocupamos dos escritos masculinos sobre as mulheres. Notam-se nos textos e poemas, a repetição e exaltação de determinadas qualidades e atitudes que compunham esse modelo de mulher desejado para o período.

Na poesia a seguir, retirada do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1986, o autor enfatiza que a natureza foi gentil com as mulheres, dando-lhes semblantes tímidos, formosura, luz, coração capaz de amar, afeto e beleza. É evocada no poema uma mulher com sentimentos nobres e castos.

A Mulher

A natureza ornou teu tímido semblante
 de tudo que é riqueza e luz e formosura;
 ornou teu doce olhar com luz, onde se aspira
 o terno e casto peito a suspirar constante.

Com ébano aureolou-se a fronte rutilante,
 aonde brilha amor com divinal candura;
 mas primou sabiamente a pudica natura
 ao colocar-te na alma um coração amante!

O saber requintou de tal maneira e arte,
 o delicado gosto usou com tal afeto,
 que nada ela esqueceu para beleza dar-te.

Depois de trabalhar, o mágico arquiteto,
 Surpreso se quedou e disse: - Para amar-te
 Levava a vida inteira a padecer discreto

Vicente Lucas de Lima – Bagé – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
 1896, p.123).

No *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano 1907, encontramos um texto de Alexandre Herculano em que as mulheres aparecem descritas como sendo o termo final de todos os sonhos, esperanças, desejos e ambições masculinas. E se homens andariam perdidos, desiludidos é porque ainda não teriam conhecido a mulher “ideal”. Realidade, ou desejo incerto, as mulheres seriam o resumo de todos os afetos humanos.

A mulher

Examina bem a consciência, e diz-me qual é para os corações puros e nobres o motivo imenso, irresistível das ambições de poder, de abastança, de renome? É um só - a mulher: esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as nossas esperanças, de todos os nossos desejos.

Para o que encontro na terra aquela que deve amar para sempre, aquela que é a realidade do tipo ideal, que desde o belo trouxe estampada na alma a mira das exaltadas paixões; é aurora celestial que cinge a fronte da virgem, dolo de suas adorações.

Para o que anda, por assim dizer, perdido nas solidões do mundo, porque ainda não descobriu a estrela polar de sua existência, o astro que há de iluminar a noite do coração, como o sol com os seus primeiros raios ilumina as trevas de um templo – para este a mulher é uma ideia vaga e confusa, mais brilhante, formosa e querida. Não a conhece, não sabe onde esteja a imagem visível da filha de sua imaginação, e, todavia é para lhe por aos pés da loira, poderio e riqueza que ele cobiça tudo isso.

Tirai do mundo a mulher e ambição desaparecerá de todas as almas generosas.

Realidade ou desejo incerto; é o amor primitivo da atividade interna; é a causa e o fim e o resumo de todos os humanos afetos.

Alexandre Herculano

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1907, p. 142).

Como já vimos, é muito comum encontrarmos textos e poemas que, além de enaltecerem a beleza, os encantos e os mistérios das mulheres, identifiquem-nas como seres feitos para servirem de inspiração à vida dos homens. O trecho a seguir questiona “o que seria o homem sem sua musa inspiradora”? O autor faz referência, para contestar a pergunta, ao paraíso de Adão e Eva e destaca que o primeiro homem, Adão, já teria afirmado que sua existência seria estéril sem a presença de Eva, a primeira mulher.

A mulher

A mulher, esta pérola mimosa da criação, lançada dos lábios de Deus ao paraíso terreal para fazer entrever ao homem a beleza das divindades celestes; a mulher, esta misteriosa escapada do formoso seio dos anjos para vir perfumar a vida dos mortais, tem sido e há de ser perpetuamente o sonho dourado da mocidade, e eterna inspiradora do poeta, a gloria azul do gênio, a imortalidade dos heróis.

Sem ela, nada de augusto e grande se pode elevar de terra ao céu.

Ela é o íris da bonança no meio deste oceano encapelado da vida; raio purpurino resvalando num céu azul.

Sem ela o que seria o homem? Querei ouvir a resposta?

Remontai ao berço de todos os séculos, entrai naquele famoso Éden, onde a árvore

da vida desponta em majestosa ascensão para o céu e faz pender seus pomos de ouro para a terra, como querendo remirar-se no cristalino daquelas torrentes puras, que em quatro braços saem do lago do paraíso para, em voluptuosa peregrinação, irem fecundar as quatro faces da terra; dirigi-vos aquela majestosa estatua que se ergue em face da árvore sedutora do Bem e do Mal, saída há pouco do maravilhoso cinzel do escultor eterno; dirigi-vos àquele grande vulto que percorre através daqueles floridos prados, com certo ar de melancolia e que de quando em quando para, como abismada ante as maravilhas de Deus: perguntai-o ao decaído Adão, que ele vos responderá: Sem a mulher, o homem é a rocha estéril, átomo perdido na imensidade dos céus; quero-me antes decaído ao lado de Eva, que erguido ao lado de anjos.

José Palmella

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1898, p. 195).



Figura 4: Ilustração que acompanha o texto “A mulher”, de Jose Palmella.
Fonte: Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1898, p. 195.

Esse outro texto, também retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1898, indagava se as mulheres não seriam o vínculo entre o céu e a terra, uma vez que, tirando a mulher do mundo, este seria melancólico e os deleites seriam apenas o prelúdio do tédio. Mais uma vez, a aura de mistério que envolveria as mulheres, por serem consideradas mais próximas à natureza que os homens, aparece ressaltada nos textos.

A mulher

Suponde todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiais e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não suprem o triste vácuo da

soledade do coração.

Daí às paixões todo ardor que poderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a máxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirai dele a mulher e o mundo será um ermo melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio. Muitas vezes, na verdade, Ela desce arrastada por nós, ao charco imundo da extrema depravação moral; muitíssimas mais, porém, nos salvam de nós mesmos e, pelo afeto e entusiasmo, nos impele a quanto há bom e generoso. Na existência dos anjos, revelada nos profundos vestígios dessa existência, impressos num coração de mulher?

E porque não seria Ela na escala da criação um anel da cadeia dos entes, presa de um lado, à humanidade pela fraqueza e pela morte, e, do outro, aos espíritos puros pelo amor e pelo mistério? Por que não seria mulher o intermédio entre o céu e a terra?

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1898, p. 84).

4.3 A VERDADEIRA BELEZA

Primeiramente é preciso assinalar que “os conceitos de belo e de feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas”. (ECO, 2007, p. 10). Nos diversos períodos históricos e nas diversas culturas, diferentes traços, feições e formas foram, ora valorizados, ora desvalorizados. No entanto, mesmo diferentes e mutantes, os padrões de beleza vigente sempre foram muito valorizados.

Para Wolf (1992), o mito da beleza não tem nada a ver com as mulheres, diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. Ainda de acordo com a autora, o mito da beleza determina o comportamento e não a aparência (WOLF, 1992). A beleza considerada ideal para uma época reflete os comportamentos e atitudes que se esperam para homens e principalmente para as mulheres de uma determinada época.

Wolf (1982) destaca que o mito da beleza sempre existiu, mas foi somente após a revolução industrial que passou a ser associado diretamente ao “valor” das pessoas. Fotografias, pinturas e anúncios começaram a divulgar imagens de como deveriam ser, sobretudo, as mulheres, alvo principal do mito da beleza.

No final do século XIX, a indústria farmacêutica e cosmética também passou a divulgar seus produtos em jornais, revistas e almanaques, enaltecendo ainda mais os modelos de beleza desejados. Os textos que encontramos nos almanaques revelam uma certa preocupação entre os homens com o excessivo cultivo da beleza exterior por parte das mulheres; estimulados, como já dissemos, por eles mesmos. Se concordarmos com Wolf (1982), quando afirma estar em jogo, na questão do mito da beleza, os valores a ela associados, podemos pensar que as atitudes e comportamentos desencadeados pelos cuidados com a beleza exterior provocavam nas mulheres da época, atitudes e comportamentos que não eram os desejados para tal período. Atitudes e comportamentos temidos pelos homens e que

deveriam, por isso, ser controlados, ao passo que outros, os desejados, deveriam ser estimulados.

Assim, fica claro na passagem a seguir retirada do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1894 que, ao se preocuparem com a beleza exterior, as mulheres estariam, na verdade, cometendo um grande engano, pois o brilho da formosura se apagaria, restando somente ruínas. Desta forma, a beleza que mais deveria ser cultivada por elas era a que ficava por trás dos olhos sem brilho, da pele coberta de rugas e dos cabelos, ou seja, a beleza da alma. O excessivo cultivo da beleza exterior pelas mulheres era visto como sinônimo de frivolidade, luxúria e vaidade.

Engano

Vaidosas que pensais que toda a ventura neste mundo consiste na beleza do rosto e na garridice do vestuário; gentis enamoradas das próprias perfeições que vos dotou a natureza ou ajeitando um enfeite que mais as faça realçar; pobres presumidas que julgai formosura o que aos outros só parece fealdade e que á janela levais o dia inteiro á espera das homenagens que nunca chegam; vaidosas e presumidas, como vos enganais vós todas. O brilho da formosura se apaga breve e dela só ficam ruínas. Olhai a cara encarquilhada da velhice e dizei o que resta do esplendor dos vinte anos. Tudo se foi. Não! Ficou a mais bela das pérolas que caíram da mão do criador. Ficou por trás daqueles olhos já sem brilho, coberta por aquela pele cortada de rugas, debaixo daqueles míseros cabelos brancos, a única formosura durável, a única que atravessa os tempos sem nada perder de seu fulgor. Ficou a formosura d'alma, a única que vos deveis orgulhar.

Nihil - (Pelotas)

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1894, p. 219).



Figura 5: Ilustração que acompanha do texto “Engano”- Nihil. (Pelotas – Rio Grande do Sul).

Fonte: Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1894, p. 219.

Neste outro texto, retirado *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1903, o autor ressalta que nem sempre a beleza plástica motivaria uma paixão. Outras qualidades como a melodia serena da voz, a amabilidade, a pureza, a bondade e a modéstia seriam ainda mais atrativos aos olhos masculinos. Mais uma vez, o que estava sendo destacado é o ideal de beleza da alma, aquele cujas características comportamentais e atitudinais seriam as desejadas para as mulheres da época.

Na mulher não é a beleza plástica que infunde a paixão. O encanto feminino reside quase sempre em uma particularidade que nos toca o coração, verbi-gratia: a melodia da voz, o donaire no andar, a graça do sorriso, a expressão do olhar, a pureza da fronte, o olhar de melancolia, a frescura da cútis, o cachet de bondade e modéstia, a amabilidade, o espírito. Basta uma dessas especialidades para torná-la objeto de paixão.

As mulheres muito formosas nem sempre são encantadores, falta-lhes um quê.

Urbano Duarte – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1903, p. 101).

Por fim, o texto do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1907 enfatiza que a real beleza era a masculina, uma vez que a beleza feminina estava associada a todos os perturbadores mistérios da volúpia terrestre e a beleza “serena e máscula” do homem teria um quê de divino e sagrado. Enfatiza que o homem não precisaria se preocupar nem com a beleza plástica nem com a beleza da alma, uma vez que sua beleza seria “natural” e divina, e por isso, não exigiria esforços.

A beleza masculina

A mulher tem encantos, mas o homem tem real beleza. Nos encantos da mulher há todos os perturbadores mistérios da volúpia terrestre, mas na serena e máscula beleza do homem há sempre um quê de divino e sagrado.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1907, p. 115).

4.4 “TIAS!? QUE HORROR!”

Ladainha das moças

S. Bartolomeu – Casar me quero eu.

S. Ludovico – Com um moço muito rico.

S. Nicolau – Que ele não seja mau.

S. Benedito – Que ele seja bonito.

S. Vicente – Que não seja impertinente.

S. Sebastião – Que me leve à função.

S. Felicidade – Que me faça a vontade.

S. Benjamim – Que tenha paixão por mim.

S. André – Que não tome rapé.

São Silvino – Que tenha muito tino.

S. Ancieta – Que ande bem quieto.

S. Miguel - Que dure a lua-de-mel.

S. Bento – Que não seja ciumento.
Santa Margarida - Que me traga bem vestida.
Santíssima Trindade – Que me traga felicidade
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, s.d, s.p.).

Como descreve a ladainha acima, casar-se com um bom homem era uma preocupação constante das mulheres daquele final de século. Rezas e simpatias eram comumente utilizadas para tentar solucionar o problema. Sim, um problema. A sociedade da época via assim o fato de algumas mulheres não chegarem a contrair matrimônio.

A questão do celibato feminino mereceu amplo destaque no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1897. Um texto de mais de seis páginas foi publicado para tratar do assunto das “Tias, matronas, solteironas”. Antes de analisarmos detalhadamente o conteúdo do texto faz necessário ressaltar que, de acordo com Perrot (1991), o celibato assume conotações diferentes para cada sexo. Enquanto para o homem, o celibato significa a própria expressão da sua liberdade, de poder viver sozinho, desfrutar de amores, luxos, viagens, jogos, riscos e aventuras, para a mulher, o celibato significava o oposto. A mulher que vivia no celibato era a mulher que não conseguia contrair matrimônio e que vivia à espera dele. Era considerada amargurada, rabugenta, histérica, rancorosa. Ao contrário do celibato masculino visto como a expressão da liberdade, no caso dos homens, o celibato feminino era visto negativamente pela sociedade, sendo essas mulheres consideradas desprezíveis, passíveis de piadas, ironias e desprezo.

No texto que encontramos no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, o autor faz uma reflexão sobre os motivos pelas quais existiam tantas “indesejáveis” mulheres solteiras na sociedade. Logo no princípio do texto, o autor, Francelio Marques, destaca que o tema escolhido para tais linhas, talvez não viesse a ser do agrado de muitas leitoras, principalmente aquelas que já teriam passado “do terrível cabo dos trinta” e que ele chamaria de “solteironas”. Aquelas que, segundo Marques, eram as “mal amadas, carrancudas, velhas, com as quais os homens não gostariam de casar”. O autor também adverte que seu texto talvez contenha algumas pimentas envoltas por um punhado de verdades, o que significa que manifestaria sua opinião “doa a quem doer”.

Solteironas

Vou ocupar aqui de um assunto que não será muito do gosto das leitoras, e, principalmente daquelas que já dobraram o terrível cabo dos trinta, sem achar marido que lhes convenha, segundo dizem em confidência umas às outras. Desculpem-nos, pois, se, no decurso destas linhas, depararem alguma pimenta envolta com um punhado de verdades. Mas tenham paciência! Foi o ponto que tirei, à sorte, da minha cornucópia de insignificâncias.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.
(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
1897, p. 161).

Em seguida, pergunta aos homens leitores quais deles já não teria ouvido falar da célebre e universal família das tias sem sobrinhos, daquelas nobres matronas condenadas a levar palma e capela para a eternidade e que seriam chamadas de velhas solteironas. Destaca que não haveria dúvidas de que todos já teriam ouvido falar delas e que estariam nessa situação de “solteironas” pelas seguintes razões: ou eram pobres, ou feias, ou não se atreveram a reagir contra a vontade de pais casmurros.

Atendi-te et audite.

Qual de vós, mancebos, homens feitos e velhos respeitáveis, a quem a experiência do mundo e uma conduta regular dão direito a todas as considerações sociais; qual de vós, traquejados ou ignorantes nesta vida de contínuas oscilações, de rápidos prazeres, de crudelíssimas dores e de perenes desenganos mas sempre vã, sempre ilusória, sempre mentida, não têm ouvido falar da célebre e universal família das *tias sem sobrinhos*, isto é, daquelas nobres matronas condenadas a levar palma e capela para a eternidade e a quem nós chamaremos as velhas solteironas?

Todos, não ha duvida.

Composta na sua maior parte de donzelas maiores de quarenta anos, deixaram estas de tomar o sétimo sacramento da igreja por uma das três razões seguintes: _ Ou eram pobres, ou eram feias, ou não se atreveram a reagir contra a vontade de pais casmurros.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
1897, p. 161).

Na sequência do texto, Marques argumenta cada uma de suas colocações sobre os motivos que levavam a existir as “solteironas” no cenário social. O primeiro item apresentado por ele, como vimos, é a pobreza. Segundo o autor, “Se a pobreza é o maior defeito que todo o indivíduo pode apresentar neste nosso planeta, que diremos se ela se patenteia numa jovem que pensa em casar-se?” (MARQUES, p. 161) Responde que foge-se dela como se foge ao diabo. Embora bela, prendada e honesta, a mulher que contasse com apenas alguns contos de réis, em vão ensaiaria um sorriso, em vão, faria um agrado, em vão dirigiria uma frase, pois ninguém lhe prestaria atenção.

_ Para cá não pega; olha com quem! Dizem logo os pretendidos, na generalidade uns embonecados, que só querem divertir-se à custa das pobres moças, uns petits-maitres cheirando às sebantas escolares.

_ Era o que me faltava tomar aos ombros semelhantes carga! acrescentam. Nessa não caio eu. Pobre! A pobreza é a fome e esta é inseparável da miséria, Nada, nada! Que bata em outra porta. É muito boa rapariga, mas... Deus a favoreça.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
1897, p. 161).

De acordo com Marques, tais apreciações, quando sabidas, lançavam o desespero naqueles corações a desabrochar para o amor, para a família e para a sociedade. Essas moças, segundo ele, teriam sido deixadas levar por uma educação mal dirigida, que teria incutido no cérebro das moças apenas ideais de vaidade e orgulho que as fariam ver com desdém todos os não possuidores de um pergaminho universitário ou um título nobiliário.

Quem as manda, do raso da sua mediania, aspirar ao que não podem, ao que não devem? [...]

Contentem-se em ocupar o seu nível, em não sair da sua classe

Acatem o afeto do artista, correspondam à dedicação do simples empregado público, admitam o amor do operário, que talvez estes, tendo por norma a assiduidade no trabalho e uma economia bem entendida em sua casa, lhes possam trazer para o lar doméstico, não só a felicidade conjugal, mas os cômodos, senão os regalos de uma existência toda de paz e ventura, passada em meio a pequeninos entes a que poderão dar o doce nome de filhos.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 162).

“Filho! Que poemas de ternura encerram este vocábulo no coração paterno” (MARQUES, p. 162). Com essa frase, fica clara a ideia de que essas mulheres ao menos poderiam dar a estes homens, mesmo sendo pobres, a alegria de um filho, a alegria de deixar descendentes. Mas elas prefeririam ficar a ver navios, embora mais tarde se arrependessem, porém, quando já não existiriam remédios. “Os vermes famulentos da terra as esperam ansiosos para se matrimoniarem lascivos, com os seus corpos em decomposição, quando misturados com o pó de onde surgiram” (MARQUES, p. 162).

Marques prossegue com seu segundo argumento: o caso das feias. De acordo com ele:

As feias e sem dinheiro, essas, coitadas! Não encontram passaporte.

[...]

_ Ui! Credo! Olha que bruxa! E vem com aquela cara no mercado! Melhor feição traga o dia de amanhã. Qualquer das três fúrias infernais deve ser forçosamente mais formosa do que esta aí que se requebra em meneios lúbricos.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 162).

Além disso, os rapazes achariam que tais moças viriam dotadas de mau gênio, que por um nada se abespinhariam, que desconfiariam de tudo e todos. E concorda, dizendo que ainda não teria visto moça feia que não fosse dotada de tais predicados, especialmente o último.

Exatamente porque a natureza lhe não foi pródiga dos encantos que a outras concedeu com larga mão, julga ela, a desfavorecida da formosura, que todos zombam da sua pessoa, que todos a criticam, que todos a repelem.

Julga mais, por inteligente que seja, que ninguém acha espírito em suas falas, amenidade no seu sorriso, fulgor no seu olhar, elegância no seu traje, firmeza no seu porte.

Dá um sofrimento constante que a vai minando interiormente, fazendo-a a ter ódio de quem a visita, de quem com ela conversa, de tudo e todos neste mundo.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 162).

Notamos aqui a ambiguidade em relação aos textos apresentados no subcapítulo anterior. Enquanto naqueles, a beleza da alma deveria se sobrepor à beleza física, aqui, a beleza física aparece como um requisito importante para as mulheres que desejariam contrair matrimônio. Contudo, Marques ressalta que existem homens que sabem fazer justiça a quem merece, já que existiriam mulheres feias, mas muito simpáticas, extremamente bondosas e altamente recomendáveis. “A fealdade é um acidente, não é um crime. Dá-se o mesmo com relação à cor. Porventura o indivíduo de tez bronzeada tem culpa do seu nascimento? Nenhuma. Foi um acidente como tantos outros” (MARQUES, p. 162). Percebemos aqui que o autor trata a fealdade e a cor da pele como acidentes da natureza, privilegiando assim um ideal de beleza branco.

Aqui é preciso recordar que o pensamento relativo às moças feias não conseguirem marido por serem feias,

Neste outro texto, retirado *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1903, o autor ressalta que nem sempre a beleza plástica motivaria uma paixão. Outras qualidades como a melodia serena da voz, a amabilidade, a pureza, a bondade e a modéstia seriam ainda mais atrativos aos olhos masculinos. Mais uma vez, o que estava sendo destacado é o ideal de beleza da alma, aquele cujas características comportamentais e atitudinais seriam as desejadas para as mulheres da época.

Termina assinalando que, sendo a pobreza e a fealdade dois dotes negativos na mulher, não era de se admirar que se apartassem dela todos quantos não ousassem sustentar com o trabalho próprio uma esposa virtuosa ou todos aqueles que entendessem que só num belo rosto é que consistiria a felicidade do casal.

O último argumento apresentado por Marques no início do texto é o de que essas moças permaneceriam no celibato por não se atreverem contra a vontade de pais casmurros. De acordo com o autor, seriam os próprios pais que afastariam os futuros pretendentes das filhas por implicarem com a condição social, com a inclinação político-ideológica, ou mesmo por desavenças pessoais com os futuros genros.

“Quantas vezes concorrem eles para o infortúnio das filhas? Quantas vezes lhes cavam a ruína moral? Quantas vezes, sem o pensarem, são os próprios que as empurram para o tremedal do vício, de onde, como no inferno, de Dante, não há mais esperança de sair?” As poucas luzes, o seu nenhum conhecimento do coração humano, os seus dislates contínuos, em lograr de atraírem, afastam de casa mancebos que seriam um bom partido para a eleita de sua alma. Pelo simples pretexto de que não professa o mesmo credo político; de que é um valdevinos, um republicano, um pretroleiro que não respeita a Deus nem aos santos, pois que é um pedreiro-livre, desfazem-se do genro em perspectiva, epilógando da seguinte forma: Olha, menina, o que ele quer ter é o cobre.

E não veem, não enxergam, não penetram que o pretendente, moço hábil, instruído, apto para o trabalho, trataria de argumentar, em vez de reduzir, as rendas que lhe fossem confiadas.

Isto quanto ao pai ferrenho monarquista.

Pelo que respeita ao que professa ideias contrárias, isto é, ao democrata puro, intransigente, inabalável em suas convicções, a linguagem usada é mais ou menos a mesma, variando, contudo, nos epítetos com que mimoseia o adversário. Um exemplo:

Ora não há! Vejam lá se eu ia confiar minha filha ao filho de um *sebastianista*, de um *católico* que não sabe rezar e anda sempre metido pelas igrejas, a bater no peito e a fazer genuflexões a cada altar. [...] O que eles querem, rapariga, é abiscoitar o dote. E depois dele gasto, *viva lá o carneiro*.

Nada! Nada! Antes solteira. Ao menos, conclui o bilioso velho, aqui tens quem te estime, ao passo que, se casares com aquele *gajo*, tens além de lhe aturar o pai, que é um impertinente, de te veres numa roda viva com uma sogra que é mulherinha de cabelo na venta. Conheço-a desde criança. Foi sempre uma bela *jóia*.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 163).

Assim, enfatiza Marques, os progenitores vão aliviando seu rancor, cólera contra a família dos namorados das filhas, e essas se calam por respeito ou mesmo por medo, esperam ansiosas pela morte dos pais para gozarem de seu livre arbítrio e poderem casar-se à vontade. Contudo, os pais são robustos e sábios, tardam a morrer e assim:

Os anos vão correndo e as rosas do rosto começam a murchar. Se alguma beleza tinham, desaparece com o tempo, esse grande iconoclasta que nada poupa, que tudo atinge, que tudo destrói. De coradas que eram, tornam-se pálidas e anêmicas; de gordas e graciosas, transformam-se em múmias ou esqueletos ambulantes; de alegres e folgazãs, fazem-se sorumbáticas e tristes.

Uma desolação.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 164).

Nota-se aqui, novamente, a exaltação dos padrões de beleza considerados ideais para as mulheres da época: mulheres gordas, graciosas, coradas e alegres.

As moças que teriam sido impedidas de casar pelos pais, alimentariam contra eles um profundo ódio, já que teriam sido os responsáveis por roubar os “gozos e venturas de sua mocidade, os presumíveis encantos dos seus novos penates, os carinhos e blandícias da sua

almejada prole” (MARQUES, p. 164). E este ódio alimentado durante dias, meses e anos, daria origem a grandes desastres.

Aos pais, depois, só restaria chorar “porque as filhas ou desceram ao túmulo ralado por acerbos desgostos; ou, impelidas pelo desespero, lhes morreram para a honra, lançando-se nos braços da prostituição” (MARQUES, p. 164).

Segue destacando que é negro o quadro desenhado, porém verdadeiro. E reafirmando, mais uma vez, que a culpa é unicamente dos pais, umas vezes por carência intelectual, outras e, quase sempre, para satisfazer pequenas vinganças políticas ou pessoais não trepidam em sacrificar a felicidade de suas queridas filhas. “E lamentam-se depois, os desditosos, quando veem ruir por terra o edifício de magnas venturas que em sua imaginação haviam arquitetado. Lamentemo-los nós também, porque as suas mágoas e cruciantes dores os tornam dignos da compaixão ao próximo” (MARQUES, p. 162).

E assim conclui a primeira parte do texto:

Pelo que deixo dito, pois, creio ter demonstrado claramente quais as causas que levam grande parte da juventude feminina a um resultado negativo nas suas naturais aspirações, isto é, o matrimônio: o defeito de ser pobre, o atributo de ser feia, o predicado de ter um pai casmurro, inconsciente, intolerante e arbitrário.
 Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 164).

Das tristezas das primeiras, desconfianças das segundas e desespero das terceiras iriam se formando tempestades sobre a humanidade desprevenida.

Na segunda parte do texto, apresenta e critica aquelas mulheres que, passadas essas vicissitudes, não aceitariam os fatos e conspirariam então para fazer uma guerra ao “sexo forte”. Fala das mulheres que não tinham vergonha de sua condição, nem vergonha de se expor, que não silenciariam ao fato de não conseguir marido e que iriam elas mesmas em busca de um. De conquistadas passariam a ser conquistadoras.

Congregando-se tacitamente para fazer guerra ao sexo forte, estas criaturinhas de Deus que puderam resistir às passadas vicissitudes, vendo-se à todo e por todos desenganadas de arranjar par nesta enorme quadrilha chamada mundo e vendo-se de mais a mais, livres de qualquer (...texto ilegível), resolvem dançar sozinhas, resolvem tirar plena desforra dos chascos e zombarias de que outrora foram vítimas; resolvem tornar-se de conquistadas em conquistadoras.
 Tendo adquirido a experiência que só os anos e a contínua frequência da sociedade em geral nos ensinam, e tendo-lhes, além disso, passado pelo dorso mais uma dúzia de áridos invernos, julgam poder vingar-se, começando a aparecer em todos os lugares de reunião pública ou particular, falando alto, gesticulando desabridamente, chamando a atenção de todas as pessoas.
 Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 164-5).

Nota-se aqui o desconforto causado por essa invasão das mulheres em espaços públicos, buscando ocupar o seu espaço, chamar a atenção e, de certa forma, inverter os papéis, passando de conquistadas a conquistadoras. Esse desconforto faz com que as descreva de maneira pejorativa, zombando de suas audácias, vestimentas e atitudes.

Umás modestamente vestidas, porque a exiguidade de suas posses não lhes permite alargar os cordões a bolsa; outras ostentando galas e louçanias que destoam completamente da simplicidade e singeleza dos donos da casa aonde vão de visita; mas todas vaidosas e enfatuadas, todas maradas de pó de arroz e de carmim, todas cheias de postiços e chumaços para suprir as faltas da natureza, desde o cabelo e os dentes, até aos seios e anquinhas; ei-las que principiam a deitar suas redes para ver se, dentre os jovens e adolescentes que concorrem aquele grêmio, conseguem apanhar algum adorador. E sempre com o sorriso nos lábios, sempre com falas de mel, sempre com posições estudadas; os olhos em alvo, a fronte levantada, o leque trabalhando; desde que encetam uma conversa, não há possibilidade de abandoná-las, tais artifícios empregam para reter perto de si um cavalheiro. E se este, a par da etiqueta dos salões, cometesse semelhante desacato, não poderiam acoimá-lo de pouco respeitoso para com as damas? De certo. E não há nenhum que deseje incorrer-lhes no desagrado. Daí a paciência evangélica com que as aturam, dando-as intimamente a todos os demônios.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 165).

Segundo Marques, qualquer incidente que possa fazer com que elas abandonem a sua presa é comemorado.

[...] ergue as mãos ao céu como agradecimento e ri-se com os camaradas, dos dislates com pretensões a madrigais, a jogos de espírito, a ditos sarcásticos, proferidos enfaticamente pela velha, pela tia, pela solteirona, como, em gíria de rapazes, alcunham os adolescentes a essas venerandas relíquias do passado.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 165).

Não se dariam conta as moças de que as atenções recebidas não passam de desfrutes por parte dos rapazes e pensam ter obtido uma conquista, comunicando às amigas que eles teriam ficado caídos por elas. Iludidas por palavras que inspiravam paixão, ficariam esperando, esperando para ao final se darem conta de que não passava de uma ilusão.

Pois não reparam que o século progride e não há quem se deixe cair no laço? [...] Algumas frases por ele adrede soltas no decorrer do diálogo, frases com viso de paixão, transportam-nas ao auge da alegria e, na febre de atrelar ao carro triunfal grande número de adoradores, creem-se realmente amadas e esperam ansiosas o dia em que possam exclamar todas ufanas: - Venci! Desta vez é certo. O rato caiu na

armadilha.

E esperam, e esperam, até que ficam, como sempre, no *ora veja*

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 165).

Marques menciona que, de tempos em tempos, alguma moça tem a rara ventura de pescar algum ingênuo. “Para propalarem a sua vitória, não duvidam dar-se espetáculo, representando e fazendo representar ao pobre, cenas que vão até o escândalo” (p. 164), destaca o autor, afirmando que, felizmente seriam poucos casos. Alerta ainda que outras mulheres que entram na categoria por ele descrita, insinuam-se para os velhos e solteirões como elas, ou para viúvos. E, prossegue, possivelmente imaginando e transcrevendo as falas ditas por elas.

- Se o Ambrósio me quisesse... Não sei como um homem possa viver só. Em caso de moléstia, há de ver-se em sérios embarços. Não tem quem lhe dê um caldo, quem lhe prepare um remédio, quem lhe aconchegue a roupa no leito. [...] Ah! Que se ele quisesse... O outro dia encontrou-me em casa da comadre e sempre me deitou uns olhos! Há de crer que levei toda a noite a cismar na significação daquele olhar! Quem sabe? Talvez entenda ser tempo de terminar aquela vida de solitário. Se me não ficasse mal, escrevia-lhe. Era bem bom arranjo.

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 166).

Após mais algumas outras falas que teriam sido ditas por elas, conclui o seu texto afirmando que os moços não queriam casar-se com velhas, nem mesmo os velhos queriam. Mas elas seguiriam sempre iludidas, esperançosas, sem se convencerem de que iriam morrer tias. “Tias! Que horror!”, exclama.

Os moços não querem casar-se com velhas, no que fazem muito bem; os velhos não estão para aturar noivas da sua idade, no que procedem ainda melhor.

E sempre iludidas, mas esperançadas, sempre vaidosas, mas feridas no seu orgulho, sempre ridículas e tolas, mas julgando-se muito assisadas não querem estas heroínas de comédia convencer-se de que hão de morrer *tias*.

Tias!

Que horror! [...]

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 161-7).

Após haver manifestado seu horror pelas mulheres “tias, solteironas”, conclui seu texto com palavras ainda mais duras. Menciona que quando os efeitos da velhice chegassem, de que teriam essas moças lembranças? Se nada tiveram para viver? Apenas suspiros pelo que não conseguiram: um marido. Dessa vida “desgraçada”, haveria quem ao menos pudesse tirar

proveito. Visto que o corpo teria vivido sem pecado (sexual), afirma que seria um corpo santo e isso significaria indulgências certas para os parentes das “tias, solteironas”.

A idade, porém, branqueando-lhes os cabelos, enrugando-lhes a epiderme, curvando-lhes a espinha, vem segredar-lhes que se resignem a levar para a cova o pano roxo no caixão; que não estava reservado para elas o verdadeiro gozo desta existência transitória; que se purifiquem da alma, visto o corpo ter ficado ileso. Recordações da infância? Lembranças das carícias maternas? Saudades dos bons tempos que foram?

Não; nada disto. Suspiram porque não alcançaram o pomo apetecido.

Mas, antes assim. Para quem as conheceu, quando se recolheram aos bastidores do túmulo, vão elas em cheiro de santidade.

Que bom para os parentes! São indulgências certas!

Francelio Marques – Vassouras – Rio de Janeiro.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 161-7).

Neste outro texto, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1895, o autor, Leodegário, critica as mulheres solteiras que teimavam em dizer “não casar é melhor”. Essas moças caíam no erro citado no texto anterior: esperar por um homem rico até que a velhice batesse na porta, momento no qual não se teria mais o que fazer a não ser proferir que elas mesmas escolheram não casar. Interessa-nos ressaltar que o texto também utiliza a expressão “tia” para tratar das mulheres com uma certa idade e que permaneceriam solteiras, bem como utiliza a expressão “Que horror!” ao mencionar mulheres “velhas e solteironas”.

Não casar é melhor

O casar é mui bom, mas não fazê-lo

É ainda melhor, ninguém contesta,

Dizia uma senhora em que o selo da velhice marcara-lhe na testa

O anátema de tia!

E quanta moça assim vemos aos ventos,

O beicinho fazendo aos casamentos

Que a sorte lhe depara,

Até que a espera de um nobre, de um ricaço

Sacode-lhe a vaidade o duro laço da velhice. Que horror!

Mau grado seu restando-lhe a mania de repetir mil vezes num dia:

Não casar é melhor!

Leodegario – Varejão – Pernambuco.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, s.p.).

Outro texto, de autoria de César Franco, encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico* do Rio Grande do Sul para o ano de 1889, faz referência àquelas mulheres cujos encantos já não despertariam mais os interesses masculinos. A “Mulher Cadáver”, como era descrita pelo poema, era pálida, esquelética, exatamente o contrário do ideal de beleza “gorda,

graciosa, corada e alegre” que vimos no texto “As solteironas” e, por causa disso, por elas não pulsavam mais corações ardentes. O único sentimento que nelas restaria era o de arrependimento, de remorso e de inveja por não terem aproveitado a juventude e encontrado um amor para a vida toda.

Mulher cadáver

Rolam do tempo, em tua face pálida
As caprichosas rugas salientes,
E há que, mulher, caveira esquelada,
Por ti não pulsam corações ardentes.

De tua virgindade, outrora cálida,
Ri-se o burguês e tu remorsos sentes,
A louca borboleta, que crisálida
Um dia foi, as asas transparentes

Do sol agora resguardar procura,
Voa na sobre, esconde-se, ligeira,
Do Sol, da luz, que inveja e que tortura.

Assim, mulher, criança foste um dia,
Mas hoje, numa cela, hirta caveira,
Sonhas o amor, marmoreamente fria!

César Franco – Minas Gerais.
(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
1889, p. 38).

4.5 O COMBATE AOS MODISMOS

O texto “Educação”, de Sebastião Keneipp, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1898, discorre sobre os cuidados que deveriam ter os pais na educação de seus filhos/as. Enfatiza que deveriam saber dosar a liberdade e a severidade com que tratavam seus filhos/as. De acordo com o autor, a falta ou excesso desses elementos seria extremamente prejudicial para a o desenvolvimento das crianças.

Tratando especificamente da educação das meninas, reforça o estereótipo de que as meninas/mulheres seriam mais doces e frágeis e, portanto, deveriam ser orientadas adequadamente em relação aos perigos e inconvenientes dos modismos da época, a fim de que elas próprias pudessem recusá-los. Keneipp cita um caso específico de modismo da época: o colete, considerado por ele ridículo, e deveria ser abandonado pelas moças. O colete, uma peça que compunha tipicamente o vestuário masculino, começava a ser usado pelas mulheres e isso significava que elas, de alguma forma, aproximavam-se do universo masculino,

copiavam suas vestimentas, tornavam-se, enfim, ameaças à ordem social (masculina) estabelecida.

Educação

As meninas são, em geral, mais dóceis do que os rapazes. Por isso importa muito levá-las pelo caminho da convicção, fazendo-lhes como que tocar com a mão a vantagem de certas coisas e os perigos que outras trazem consigo. Não basta, por exemplo, proibir autoritariamente uma jovem o uso de tal ou qual vestido à moda; é sem comparação mais racional e mais útil mostrar-lhe os inconvenientes dessa moda, fazer-lhe ver, apontando um caso concreto, os prejuízos que lhe hão de sobrevir do uso do colete, para que, voluntariamente e sem estímulo estranho, abandone essa tão ridícula moda.

Sebastião Keneipp

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1898, p. 245).

4.6 MUDANÇAS À VISTA!

Dois textos chamam a atenção por compartilharem ideias distintas dos demais textos escritos por homens em relação às mulheres. O autor, Pedro Antonio Miranda, visualiza e escreve sobre outro futuro possível para as mulheres.

No primeiro texto, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1889, Miranda afirma que a mulher não é ainda o que dela espera a criação. Teria sido a mulher a primeira a abrir o caminho das descobertas na árvore das ciências, mas, como a Bíblia teria feito da sua curiosidade um crime, até hoje nenhuma delas teria se arriscado (ainda) a afrontar da sentença. Deixa transparecer assim, que o futuro desejado pela criação para elas era justamente esse, o das descobertas, da curiosidade, das ciências. Por fim, questiona-se: “se ela é a pecadora, herdeira do mal, por que Deus a teria escolhido para escapar do dilúvio, para ser mãe de seu filho?”.

A mulher

A mulher não é ainda o que dela espera a criação. Foi a primeira delas quem abriu o caminho das descobertas na árvore das ciências, e, como a Bíblia fez da sua curiosidade um crime, as outras até hoje não têm querido afrontar-se a procurar no seio do desconhecido a luz das verdades eternas.

Estava ali um segredo, de que o homem descurava todo o valor físico e importância moral que o circundava. A mulher ousou violá-lo; pôs-lhe a mão em cima, e rebentou daquela fonte o mal que estava destinado a não caber em partilha em nosso planeta.

Pois que? Não é de conhecimento dele que ressaltam, mais ricas de vantagens, as propriedades do bem e suas consequentes aspirações?

Se a mulher foi a pecadora e, como herdeira do mal, devia representar para sempre a tentação e o perigo, para que escolheu-a Deus, na Judéia, fazendo-a escapar do dilúvio, para ser a mãe o seu Enviado, e a Igreja canoniza tantas que não chegaram a purificar-se da culpa, mesmo depois da quarentena de Noé?

Pedro Antonio de Miranda – Santa Maria – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,

1889, p. 132).

Dois anos após a publicação desse texto, Pedro Antonio Miranda evidencia em outro texto, encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1901, dedicado à escritora Julieta de Mello Monteiro, que os ventos de mudanças já se faziam sentir na sociedade da época, principalmente em relação aos comportamentos femininos.

No texto, destaca que até então se presumia que a mulher fosse só sentimento, representasse a pureza, o perfume e a beleza da vida; no entanto, as transformações verificadas teriam começado a mostrar que a alma feminina não era composta apenas de sentimentos e de amor. Tornava-se possível, o que antes era inimaginável, ser a alma feminina um híbrido das duas faculdades até então concorrentes: sensibilidade e razão (MIRANDA, 1901). De acordo com Miranda, as duas faculdades poderiam exercer um “influxo simultâneo no organismo feminino” e isso já vinha sendo demonstrado pelo número crescente de mulheres ocupando os bancos acadêmicos naquele início de século, bem como pela presença, na imprensa de mulheres capazes de inclusive, arrancar aplausos públicos.

A mulher

À D. Julieta de Mello Monteiro

Dizia-se até hoje que a mulher era apenas sentimento; caçoula de alabastro incensando os altares do Oriente; perfume adormecido no seio virgem das flores, e que a um sopro da criação veio umectar de risos a primeira aurora da vida; que era um absurdo ver amante de Romeu raciocinar com Voltaire, e Alexandre de Macedônia ter a delicadeza de Corday; entretanto é muito certo que já não se considera como um consórcio híbrido na alma da mulher a concorrência dessas duas faculdades; a sensibilidade e a razão podem exercer um influxo simultâneo no organismo feminino, que só parecia destinar-se ao amor. Os bancos acadêmicos já sentem o alvorecer de suas glórias no roçar das gazes que os frequentam; a imprensa tem apontado no século de hoje talentos invejáveis que aparecem divinizados pelo aplauso público.

Pedro Antônio de Miranda – Pelotas – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1901, p.161).

5 O QUE AS MULHERES ESCREVEM SOBRE ELAS?

Neste capítulo, será analisada a escrita feminina, nos almanaques, versando sobre a condição das mulheres na sociedade. Nos textos femininos, vamos encontrar tanto pensamentos semelhantes aos já verificados nos textos masculinos, no que diz respeito ao lar, à família, à maternidade, bem como interessantes textos que revelam o descontentamento das mulheres em relação à posição ocupada na sociedade da época e que reivindicam maiores direitos para elas, sobretudo relacionados à educação.

Assim, vamos encontrar textos que discorrem sobre o espaço de poder por excelência no período das mulheres: o lar; com relação a necessidade de externar o que para elas significava “ser mãe”; e referentes sobre a felicidade feminina. Além de textos que abordam a questão da superficialidade da educação feminina e reivindicam o direito de ter uma educação não decorativa.

5.1 SOBRE SEU ESPAÇO “DE PODER”: O LAR

No século XIX, “o lar” configurava-se no espaço por excelência das mulheres. Eram elas, as intituladas “Rainhas do lar”, embora esse título estivesse mais ligado à sua submissão a ele, é certo que também configurava-se como um espaço de poder feminino. No texto escrito por Julieta de Melo Monteiro, encontrado no *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1899, a importância desse espaço tão importante para as mulheres é ressaltada. Julieta, ao tratar do lar não diverge muito dos discursos (masculinos) comuns à época que postulavam um amor incondicional ao lar.

Nota-se, portanto um lar considerado casto e santo. Nele, as mulheres vivenciariam os momentos mais felizes e mais tristes de sua existência (visto que nele permaneciam a maior parte do tempo). Seria ele o testemunho de confidências, dos ternos beijos dos pais, das palavras meigas dos companheiros e também dos primeiros suspiros de amor.

O lar

Ó lar! Doce e casto ninho de felicidade, pretencioso erário de nossas mais santas aspirações, eu te bendigo!

Tu és, nos felizes momentos da existência, o cofre em que recolhemos os nossos dourados sonhos, és, nos amargurados transes da vida, ainda o receptáculo de nossos prantos.

Quem te não amarás!

Ouves carinhosamente as nossas santas confidências, os ternos beijos que nos imprimem nossos pais, as palavras meigas do companheiro de nossos dias, os nossos

primeiros suspiros de amo.
 Julieta de Mello Monteiro – Rio Grande – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO 1899, p. 221).

Segue, destacando que nada deveria se igualar ao lar, nem bailes, nem festas ou qualquer outra distração. Mais uma vez percebe-se que a postura da autora em relação ao lar encontra-se em total consonância com o que delas se esperava à época. Para saber a real importância do lar, bastava perguntar a um exilado qual a saudade que mais o torturaria: o lar primeiramente, responderia o exilado, e em segundo lugar a Pátria, que deveria ser considerada como uma segunda Mãe, afirma a autora.

Não há ventura que se possa igualar a que nos proporcionas na tua singeleza. Não há pompas festivas, não há bailes, não há distrações que devam ser preferidas a ti. Mereces um altar em cada coração puro, porque só esses poderão compreender-te. Pergunte ao proscrito, ao infeliz exilado, qual é a saudade que mais o tortura; ele responderá: a do lar.
 Primeiro o ninho de nossos afetos; depois a Pátria, nossa segunda Mãe.
 Julieta de Mello Monteiro – Rio Grande – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO 1899, p. 221).

Nas crianças, o lar despertaria pesar ao precisarem deixá-lo todos os dias para enfrentar a trabalhosa peregrinação da escola; na noiva, também seria motivo de prantos, uma vez que ao casar-se ela abandonaria esse ambiente que a abrigou durante a juventude, para viver em outro lar, onde lhe prometiam ser a “rainha”. Porém, quem sabe, por não ser o novo lar motivo de tão boas lembranças como as do seu primeiro lar, essa saudade do antigo lar continuava torturando as mulheres cruelmente.

É ainda por *ele* que as crianças, esses seres descuidados e alegres, que passam a vida a rir, têm lágrimas de verdadeiro pesar ao encetarem a sua *trabalhosa* peregrinação da escola.
 E é por *ele* que verte amargurados prantos a ditosa noiva, no momento em que tendo junto de si o escolhido de sua alma ajoelhado diante do altar.
 Ela sabe que não perde o amor da família; sabe que vai gozar nova aventura, mas... vai deixar o lar, o berço de seus primeiros cismares; e essa lembrança tortura-a cruelmente.
 Cantam-no os poetas, os felizes predestinados a exprimem de uma forma mais terna, mais suave, os seus mais íntimos sentimentos:
 Longe da Pátria, sob um céu diverso,
 Onde o sol como aqui tanto não arde,
 Chorei saudades do meu lar querido,
 Ave sem ninho que suspira à tarde.
 E quem melhor que os poetas poderão compreendê-lo e amá-lo se ele é o verdadeiro sacrário da poesia?!

Julieta de Mello Monteiro – Rio Grande – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO 1899, p. 221).

5.2 O QUE PARA ELAS SIGNIFICAVA “SER MÃE”?

O amor materno é o único capaz de todos os sacrifícios.

Andradina de Oliveira – Pelotas – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p. 177).

Como vimos no primeiro subcapítulo do capítulo anterior, a exaltação do amor materno como algo intrínseco às mulheres intensificou-se a partir do século XVIII. Assim, de acordo com Badinter (1985, p. 238), “As mulheres mais realizadas em sua condição de mãe aceitaram com alegria carregar esse terrível fardo. Mas, as outras, mais numerosas do que se podia supor, não puderam, sem angústia e culpa, distanciar-se do novo papel que lhes queriam impor”.

Os discursos enclausuravam as mulheres no seu papel materno e essas não mais poderiam evitá-lo sob pena de condenação moral. Esse enclausuramento das mulheres foi, durante muito tempo, uma causa importante das dificuldades do trabalho feminino, bem como a razão pelo desprezo ou piedade pelas mulheres que não tinham ou não queriam ter filhos, conforme o subcapítulo dedicado às “Tias ou solteironas”.

Assim, ao mesmo tempo em que se exaltava a grandeza das tarefas executadas pelas mães, condenavam-se todas aquelas que não conseguiam realizá-las com perfeição. Enclausuradas num discurso constante e intenso, “Ou tentavam imitar o melhor possível o modelo imposto, reforçando com isso sua autoridade, ou tentavam distanciar-se dele, e tinha de pagar caro por isso” (BADINTER, 1985, p. 238-9). Visto que ser uma boa mãe era o que delas se esperavam, muitas escreveram exaltando o amor maternal que sentiam. Assim, pode-se pensar que isso significou tanto a necessidade de externar o amor que lhes foi ensinado a sentir, como também uma necessidade de mostrar para os homens que elas faziam parte daquelas que haviam aceitado de boa vontade a condição maternal e buscavam assim seu reconhecimento perante a sociedade.

O texto escrito por Caroline Albuquerque, retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1892, enfatiza que o vocábulo mãe, por si só, representa um mundo de ideias, o mistério insondável dos tempos, o sopro divino de Deus, a sua mais bela e perfeita criação. No texto, a autora destaca que por trás dos grandes homens da história sempre teve uma grande mulher: a mãe. Afirma que se não foram elas as produtoras dos grandes inventos atuais, foram as que educaram seus autores. Ressalta estar a influência materna, portanto, determinando sentimentos, paixões e prazeres, tanto no presente

quanto no futuro. Carolina Albuquerque enaltece as relações de poder e influência exercidas pelas mães sobre seus filhos e sobre a sociedade, principalmente através da educação.

Mãe

À Exma. Sra. D. Carolina Belles de Mattos

Mãe! Nome que por si só representa um mundo de ideias, sintetiza em si um mundo de afetos! Mãe! Primeiro balbuciar dos lábios da criança, vocábulo terno, que nos enche o coração de alegria e, às vezes, de ternas saudades e melancólicas recordações.

À mãe é o mistério insondável dos tempos, é o sopro divino de Deus, a sua mais bela e perfeita criação. Ella existiu com o primeiro gérmen que se animalizou e acompanhará a humanidade em sua carreira vertiginosa pelos espaços e pelo tempo. Não foi Clóvis, foi Clothilde quem fundou a monarquia francesa: bela, modesta e cristã fez a educação do povo e do rei pelo Evangelho; subjugou vencedores e vencidos.

Se não foram elas que confeccionaram a *Iliada*, a *Jerusalém Libertada*, o *Hamleto*, a *Phedra*, *O Paraíso Perdido* ou o *Tartufo*: se não foram as produtoras dos grandes inventos atuais, foram elas incontestavelmente que educaram seus autores. Ahí está a história que nos ensina que a “influência materna existe por toda parte; por toda a parte determina os nossos sentimentos, as nossas opiniões e os nossos prazeres; por toda a parte faz o nosso destino e o nosso futuro.

Vede o que foram as mães de Lamartine, de Bryon, de Carlos IX, Henrique IV, Luiz XIII e Luiz XIV. O que foram os Gracchos e os Corneilles? Quem foi Barnave e a quem devem a sua intrepidez na hora extrema? Esses filhos são o retrato de suas mães. “Nunca me esquecerei, dizia Kant, que foi minha mãe quem fez germinar o bem que sinto na alma”.

E foi pensando em vós, senhora, que peguei na pena, curtindo saudades, para traçar as linhas que ahi ficam como prova do amor e do respeito que vos dedico.

D. Carolina de Albuquerque – Santa Cruz.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 290).

Na poesia abaixo, encontrada no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, Cândida Abreu Soares Pereira tenta mostrar ao marido o que significa ser mãe. Nota-se, portanto, a necessidade de enfatizar e valorizar o sentimento expresso pelas mulheres enquanto mães. A dedicatória ao marido talvez revele uma incompreensão deste com relação ao sentimento maternal existente na autora.

Ao meu esposo

Ser mãe é sentir no peito
um ninho cheio de amor;
sentir a alma embalada
por um sonho encantador;
o coração palpitante
por ventura sem igual;
é divisar no horizonte
o mais risonho phanal,
é fitar um céu de nuvens,
ter a fronte aureolada;
é viver entre perfumes
pelo Eterno abençoada;

é viver doce enleio,
 se o filhinho une-se ao seio.
 ser mãe é sentir no peito
 o mais agudo punhal:
 ter a alma espedaçada
 do destino ao vendaval;
 o coração transbordando
 da mais cruel amargura;
 é viver sempre envolvida
 no manto da desventura;
 fitar um céu tormentoso,
 viver em pranto banhada,
 olhar tudo indiferente,
 pela dor petrificada;
 é qual átomo viver
 se viu seu filho morrer.

Cândida Abreu Soares Pereira – Pelotas – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
 1895, p. 215).

O texto que apresentamos a seguir, encontrado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1896, refere-se a uma carta enviada por D. Anna Aurora do Amaral Lisboa à sua irmã Palmyra Lisboa de Figueiredo. No texto, a autora concorda que ser mãe é o papel mais importante a ser desempenhado pelas mulheres. Ana Aurora recorda um diálogo com a irmã Palmyra travado ainda na juventude, comentando sobre a morte de um indivíduo, reflete o quão triste e desesperador deveria ser, ao final da existência, escutar a voz da consciência dizendo que você teria sido um ser inútil, que nada haveria feito pela família, pela humanidade, pela pátria e que, portanto, ninguém sentiria sua falta. Nesse momento, Palmyra interagia no diálogo dizendo que também era um ser inútil visto que nada fazia para ajudar os outros.

Anna Aurora assinala, no entanto, que a irmã era ainda muito jovem e egoísta, mas, após alguns anos, casada e mãe de cinco filhinhos, essa situação teria se modificado. Ao ser mãe, Palmyra teria sido obrigada a substituir a propensão para o egoísmo pela abnegação e sacrifício “comuns” às boas mães. Palmyra, passado muito tempo e após de haver mudado sua condição, pergunta à irmã se ainda a poderão chamá-la de inútil, retomando o diálogo travado pelas duas, ainda na juventude. Anna Aurora afirma que agora era mãe de cinco lindos filhinhos, e sua vida seria preciosa.

A mãe de família

À minha irmã Palmyra Lisboa de Figueiredo

Faz alguns anos já que, conversando ambas nós a respeito de um indivíduo que acabara de falecer, disse-te eu:

– Eis um homem que desaparece da cena do mundo sem deixar após de si uma saudade! Deve ser triste chegar aquela hora tremenda em que nos despedimos da

vida e ouvir a voz da consciência dizer-vos: *_ Foste um ente inútil; nada fizeste pelo bem comum; a família, a pátria e a humanidade nada te devem, podes desaparecer, que ninguém sentirá tua falta.*

E tu entre séria e zombeteira, disseste-me:

_ Eu também sou um ente inútil, pois nada faço em benefício dos outros!

Eras então muito jovem ainda e eu acusava-te de seres um pouco egoísta. Lembras-te?

Hoje eis-te casada e mãe de cinco filhinhos, de cinco lindas crianças, a quem adoras, a quem consagras a tua vida, que te obrigaram a substituir a tua propensão para o egoísmo pela abnegação e sacrifício de que são modelo as boas mães.

Um dia, surpreendendo-me tu a contemplar-te quando, rodeada dos teus cinco anjos, repartias com eles os teus ternos desvelos, e recordando-te das minhas dissertações sobre a inutilidade de certas existências, perguntaste-me sorrindo:

_ E agora, minha irmã, ainda poderão chamar-me de inútil?

_ Não, repliquei; a tua vida agora é preciosíssima.

Anna Aurora do Amaral Lisboa – Rio Pardo – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1896, p.145-6).

Contudo, ser mãe por si só não bastava, a tarefa da mulher não estaria completa. Assumindo o discurso tão difundido no período, a autora concorda que tão importante quanto ter filhos era educá-los para serem “cidadãos úteis à pátria ou boas mães de família”. Ressalta assim, a importância da mulher no papel de educadora dos filhos e filhas, pois sua tarefa poderia ser útil, inútil e até mesmo nociva para a sociedade. Enfatiza que as mães que educavam bem seus filhos prestariam à humanidade um serviço de maior alcance do que o do legislador promulgando leis. Assim, nesse texto, Anna Aurora apresenta uma posição que não diverge do que se esperava das mulheres nesse então final de século XIX, no entanto, o papel de educar filhos/as é então enaltecido como um instrumento de poder e influência feminina na sociedade.

Porém, querida Palmyra; a tua obra não está completa; de ti depende que ela se torne útil ou inútil e até nociva, conforme legares à sociedade membros dignos ou indignos dela. A tua tarefa é de uma importância incalculável e, se for bem desempenhada, os seus benéficos efeitos não ficarão limitados no estreito círculo do teu lar.

Educa bem os teus filhos; inocula-lhes na alma, desde os mais verdes anos, os santos princípios da moral e da virtude e não meças sacrifícios quando se tratar da sua instrução. Procura fazer dos homens cidadãos úteis à pátria e prepara as mulheres para boas mães de família, transmitindo-lhes as virtudes que herdaste de nossa boa e santa mãe.

Já mais de uma vez tenho-te exposto este meu modo de pensar: - As mães que educam bem seus filhos prestam à pátria e à humanidade um serviço de maior alcance do que o legislador promulgando leis, cuja aplicação é, em muitos casos, de um resultado nulo pela falta de instrução e preparo do povo.

Eis o que tinha a responder à tua pergunta sobre a utilidade de tua vida, e agora acrescentarei que será para mim motivo de prazer ouvir, no futuro, merecidos louvores aos teus filhos e que, ouvindo-os, para participar um pouco de tua glória, não deixarei de dizer: - São meus sobrinhos.

Anna Aurora do Amaral Lisboa – Rio Pardo – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1896, p.145-6).



Figura 6: Ilustração que acompanha o texto “As mães de família”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. (Rio Pardo – Rio Grande do Sul)

Fonte: Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1896, p.145.

Contrariando os textos que apontam apenas as visões positivas sobre a maternidade, nas páginas do *Almanaque Popular Brasileiro* de 1896 encontramos um texto de Julia Lopes de Almeida que apresenta os sentimentos contraditórios provocados por ela. O texto denominado “Os Porcos” conta a história de Umbelina, uma cabocla grávida, cujo pai havia dito que daria o neto aos porcos assim que ele nascesse. Umbelina, ao mesmo tempo em que não podia conceber a ideia de ver seu filho entregue aos porcos, também não conseguia nutrir nenhum tipo de amor pelo bebê, e pensava, inclusive, em outras maneiras de acabar com ele.

Onde se esconderia o Grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre falava na missa do arraial em termos que ela não atingia, mas que a faziam estremecer?

Essas coisas lhe rolavam pelo espírito, indeterminadas e confusas. A raiva e o pavor estrangulavam-na. Não queria bem ao filho, odiava nele o amor enganoso do homem que a seduzira. Matá-lo-ia, esmagá-lo-ia mesmo, mas lançá-lo aos porcos... isso nunca! E voltava-lhe à mente, num arrepio, aquele bracinho solto, que ela tivera entre os dedos, indiferente na sua bestialidade de cabocla matuta.

(...)

A sua ideia era ter o filho na porta do amante, matá-lo ali, nos degraus de pedra, que o pai havia de pisar pela manhã, quando descesse para o passeio costumado.

Uma vingança doida e cruel aquela, que se fixava havia muito em seu coração selvagem.

A criança tremia-lhe o ventre, como se pressentisse que estraria na vida para entrar no túmulo, e ela apressava os passos nervosamente sobre as folhas da trapoeiraba maninha.

... Deixaria a criança viver alguns minutos, fá-la-ia mesmo chorar, para que o pai lá dentro, entre o conforto do seu colchão de paina, que ela desfiara cuidadosamente, lhe ouvisse os vagidos débeis e os guardasse sempre na memória, como um remorso. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1896, p.109-113).

Esse foi o único texto encontrado nos almanaques onde aparece de maneira bastante explícita o sentimento desconfortante que a maternidade poderia provocar em uma mulher. Um filho indesejado, um pai que queria jogar o bebê aos porcos, um amante que se casaria com outra... tudo isso fazia com que a cabocla Umbelina sentisse desprezo e até mesmo ódio pelo filho que crescia em ventre. Esse ódio, no entanto, não impediu Umbelina de, ao sentir as dores do parto, começar a nutrir um sentimento de afeição pelo filho que chegaria em breve, como vemos na passagem a seguir.

A cabocla abaixou-se tolhida, suspendendo o ventre com as mãos. Toda a sua energia ia fugindo espavorida com a dor física, que se aproximava em contrações violentas. A pouco e pouco os nervos distenderam-se, e o quase bem estar da extenuação fê-la deixar-se ficar ali imóvel, com o corpo na terra e a cabeça erguida para o céu tranquilo.

Uma onda de poesia invadiu-a toda: eram os primeiros enleios da maternidade, a pureza inefável da noite, a transparência lúcida dos astros, os sons quase imperceptíveis e misteriosos, que lhe pareciam vir de longe, de muito alto, como um feito fugitivo da música dos anjos, que diziam haver no céu sob o manto azul e flutuante da Virgem Mãe de Deus....

Umbelina sentia uma grande ternura tomar-lhe o coração, subir-lhe os olhos.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1896, p.109-113).

Após o nascimento da criança, Umbelina sentia seu corpo esvair-se e em meio a uma profusão de sentimentos confusos. Quando já não tinha mais forças e a morte estava próxima, Umbelina avistou um vulto negro que se aproximava e ouviu um gemido que lhe estremeceu a alma: era a porca que agora tinha em seus dentes pedaços de carne do pequeno bebê. Como podemos observar, o conto “Os Porcos” é bastante emblemático, pois expressa de maneira forte e real as pressões, os anseios e as angústias de uma maternidade indesejada.

5.3 EM DEFESA DA PRIMEIRA MULHER

Numa passagem retirada do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1899, encontramos um texto no qual a autora, Andradina de Oliveira, sai em defesa das mulheres, uma vez que estas eram comumente relacionadas a pecados e crimes, pois a primeira delas teria se deixado levar pelas tentações do diabo comendo do fruto proibido.

Como vimos no terceiro capítulo, diversos textos dos almanaques mencionam essa

associação das mulheres ao diabo e a todos os adjetivos negativos a ele relacionados. Vimos ainda, no quinto capítulo, um texto escrito por Pedro Antonio Miranda afirmando que, ao comer do fruto proibido, teria a mulher aberto o caminho das descobertas na árvore das ciências, questionando assim, se realmente seriam elas herdeiras de todo o mal. Andradina também sai em defesa das mulheres, escrevendo um texto que versava sobre as motivações que levaram a primeira mulher, Eva, a comer do fruto proibido e acabar cometendo um ato que pesaria negativamente sobre todas as mulheres ao longo dos tempos. Inicia seu texto destacando a vida maravilhada de Eva junto ao seu companheiro Adão, contemplando todas as maravilhas do paraíso. Andradina imagina e descreve com detalhes esse paraíso: com um sol esplendoroso que iluminava o manto azul do céu, árvores em perenes primaveras; flores de mil aromas, pássaros que en(cantavam); aves formosas, etc.. Eva contemplava tudo, admirada.

A primeira mulher

No Éden, ao lado do formoso mancebo de quem era terna e amante companheira, Eva contemplava inebriada e feliz todas aquelas maravilhas que a rodeavam.

O esplendor do sol no manto azul do céu; os soberbos agrupamentos de nuvens cor de purpurinas rosa com que enfeitava os lindos cabelos. A palidez do astro meigo da noite; os rutilantes pontos cavados na vastidão intérmina do firmamento; a fresca e aveludada relva em que repousava ao lado do juvenil o esposo; as árvores em perene primavera no verdor das folhas; os saborosos frutos pendentes dos flexíveis ramos; o perfume de mil flores saturando a aragem que lhe aflagava a puríssima fronte; o deslizar sonoro dos regatos, serpenteado gracioso até perderem-se no macio dos prados; os indefiníveis murmúrios, cheios de mistérios, de encantos, ao cair da tarde; a infinita variedade dos pássaros belos, uns pelos melodiosos gorjeios, outros pela viveza das penas, saudando em divinal concerto o aparecimento do dia; as aves formosas, mirando a beleza e elegância do porte no cristal dos lagos azuis; a majestade das feras nas bizarras formas e nos rugidos medonhos; tudo, tudo comovia de uma maneira inexplicável a primeira mulher, arrastando-a a admirar em toda a pureza de sua alma, em toda a poesia do sentimento, o Autor de todas as coisas!

Andradina de Oliveira

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1899 p. 171-2)

Eis que, num dia qualquer, teria aparecido o diabo a Eva, sedento de vingança, uma vez que eles estavam maravilhados com todas as grandiosas criações de Deus. De acordo com a autora, conhecendo o diabo a sensibilidade do coração juvenil, soube exatamente convencer Eva. Persuadiu-a dizendo que ao comer do fruto proibido poderia ser igual ao Ser que criou todas as coisas.

Quem não gostaria ou almejaria ser igual a Deus? – afirma Andradina. E assim, segundo a autora, a mulher não deveria ser julgada ou culpada como sendo a primeira criminosa, mas antes, a primeira adoradora e amante do belo, do sublime, da perfeição.

Um dia, o demônio, sedento de vingança, conhecendo a sensibilidade do coração juvenil, suscetível a todos os levantamentos, toma a forma de uma lindíssima serpente, a voz de um anjo e, em dulcíssimas inflexões, diz-lhe:

- Comei do fruto da árvore do bem e do mal; dai-o a comer ao vosso esposo, que sereis iguais a este Ser que criou todas as coisas.

Ser igual a Deus!

Haverá mais soberba, mais sublime aspiração do que ser igual ao único Ente perfeito?

Eva sem hesitar come do fruto e exorta o adorado esposo a come-lo também, pensando orgulhosa na glória que fluiria o idolatrado companheiro ao adquirir a sabedoria onipotente!

Eva não foi, portanto a primeira criminosa! Não! Foi sim, a primeira amante do belo e do sublime, a primeira sacerdotisa do ideal.

Andradina de Oliveira

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1899, p. 171-2).

5.4 “DESPREZO POR NÓS MESMAS”: UMA EDUCAÇÃO SUPERFICIAL

De acordo com Badinter (1985), o século XIX ampliou as funções maternas; além de nutrir os filhos/as, as mães passam a ser responsáveis por educá-los/as. Assim, o amor materno não consistiria em apenas amamentar os filhos/as, mas, sobretudo, em bem educá-los/as.

Dentro desse contexto de transformações que assinalamos ao longo dessa dissertação, a educação tinha um papel crucial: era apregoada como um instrumento civilizador indispensável. Neste sentido, passou a mulher-mãe a ser responsável pela educação das futuras gerações do país. Uma obrigação que lhe pesava sobre os ombros.

Algumas das mulheres que assumiram essa responsabilidade começaram, no entanto, a questionar como poderiam elas ser as educadoras dos futuros “homens” da nação se elas possuíam uma educação “superficial”, nas próprias palavras de Julia de Almeida. Começaram então, a reivindicar, em nome do perfeito desempenho de suas tarefas maternas, uma melhor educação e, sobretudo instrução, para as mulheres.

Selecionamos três textos significativos, escritos por mulheres, que versam sobre a educação feminina. O primeiro texto, escrito por Julia Lopes de Almeida, foi publicado no *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1897. Assumindo o papel de mãe como educadora dos filhos, Julia enfatiza que o ensino dos filhos, ao menos os primeiros passos de leitura, escritas, contas, um pouco de geografia e desenho, é uma tarefa que nenhuma mãe deveria declinar-se de si. Segunda a autora, essa era a missão que deveria induzir as moças a ler e estudar: para ensinar maternalmente com inteligência e alegria os filhos.

A criança precisa de tudo isso para ser feliz. E nós, as mães, do que precisamos mais neste mundo do que da sua felicidade. Ver gozar um filho é ver gozar duplamente. É um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar-se de si – o ensino dos filhos, ao menos os primeiros passos de leitura, escritas, contas, um pouco de geografia e desenho. Já não falo em outras matérias como geometria, línguas, etc., porque desgraçadamente a nossa instrução é em geral de uma pobreza pasmosa e não permitiria acompanhar até mais longe o estudo de uma criança nem dirigi-lo convenientemente.

E é principalmente essa missão que deve induzir as moças a ler e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com inteligência, alegremente, maternalmente.

Julia Lopes de Almeida

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 270).

No entanto, Julia denuncia que cumprir essa tarefa não era tão simples, uma vez que a educação superficial e decorativa não permitia responder às curiosas perguntas dos pequenos. Simples perguntas que, segunda ela, faziam-nas sentirem-se avergonhadas, humilhadas, frustradas e com profundo desgosto delas mesmas. Eram os lábios de uma criança que as fazia perceber o tempo perdido ao se dedicarem a aprender notas musicais, aprender a fazer sala e outras coisas que não lhe entravam na alma, mas que eram obrigadas a aprender contra suas próprias vontades. Denunciava que o elemento decorativo na educação feminina continuava a perdurar, sem nem ao menos lhes consultarem sobre suas vontades.

No final do texto, sublinha que poderia parecer ridículo aos olhos da sociedade que as mulheres pudessem ter seu próprio gabinete para estudar matemática, física, línguas ou história natural, unicamente para poder transmitir isso aos filhos. Seria visto como uma vaidade imperdoável daquelas que só poderiam se ocupar do labor das agulhas e receitas de cozinha. Mas, a autora afirma que não, que não era vaidade, e que isso poderia sim se tornar viável, uma vez que o tempo não seria tão curto para não poderem fazer o que tinham para fazer e ainda poder fazer muito mais, se tivessem incentivo, força de vontade e diligência. Cada hora deveria ser aproveitada ao extremo e com coisas que realmente as fizessem se sentir bem.

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite certamente responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Ahi a nossa desgraça! Se eles nos perguntam sobre os fenômenos da natureza, os primeiros a atraírem a sua atenção, que resposta lhes damos? Eles querem saber o que é o calor, o vento, a chuva, o frio; se a lua está pregada no céu, de que é feita a luz, como e porque lampejam as estrelas, porque se une no horizonte a terra e as nuvens, e o que é a terra, a pedra, o movimento, a água, o sol, o som, a vaga, a flor, o inseto, a montanha, o fogo, o aroma, tudo, e nós, a quem isso não foi nitidamente ensinado, ficamos avergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas.

Então é que nos vem à mente o desprezo pela instrução ornamental, aparatosa, com quem conquistamos nas salas, o prestígio e o renome! São os lábios inocentes e roses de uma criança que nos infligem o castigo do velho tempo perdido a dedilhar exercícios e músicas, onde na maior parte das vezes não entrava em nossa alma, a

nossa vocação, mas simples e meramente o desejo de brilhar.

A nossa desgraça está, portanto, em que o elemento decorativo continua a predominar, quer se trate de adorno do corpo, quer das conquistas de espírito.

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se em geral, que todas as moças toquem piano, saibam fazer sala e falar francês.

Não nos passa pela ideia que uma senhora se possa dedicar a um estudo sério e ponderoso, no doce recolhimento do seu gabinete, com o mero intuito de transmitir um dia aos filhos as suas observações e os seus trabalhos, dando-lhes uma educação despreziosa e sólida.

Isso é que nos pareceria ridículo! Uma mulher interessada por botânica, uma mulher dada ao estudo das línguas, da matemática, da física ou da história natural!

Pedantismo imperdoável, na doce criatura nascida para o labor rotineiro da agulha e das receitas culinárias! Não nos lembramos que o tempo, afinal, não é tão pouco que nos não dê ocasião para tudo que fazemos e para muito que faríamos se tivéssemos incentivo, força de vontade e diligência! Cada hora que passa deve deixar-nos alguma coisa de útil.

A vida é curta e é tão bonito saber aproveitá-la.

Julia Lopes de Almeida

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 270).

O segundo texto, escrito por Anna Aurora do Amaral Lisboa para o *Almanaque Popular Brasileiro* de 1898, também reivindica para as mulheres o direito à educação; No texto, enfatiza que a educação da mulher teria como objetivo principal dispensar as mulheres do amparo masculino caso fosse necessário. Anna Aurora faz questão de frisar que não estava reclamando outros direitos civis ou políticos, até então, privilégio do outro sexo; afirma até estar a mulher perfeitamente bem no plano secundário ocupado na sociedade. Talvez essa atitude da autora, frisar que não reivindicava nenhum outro direito civil ou político, refletia a sensibilidade de perceber que para conquistar esses outros direitos era preciso antes que as mulheres conquistassem o direito básico de poderem estudar. Instruídas, logo passariam a perceber sua condição social e a reivindicar esses outros direitos. Era preciso assim, recuar alguns passos para poder conquistar um direito fundamental que lhes serviria de degrau para conquistar todos os outros direitos.

Educação da mulher

Em poucas palavras anunciaremos o nosso modo de pensar e de sentir sobre este eterno tema.

A educação da mulher deve, o mais possível tender, tender a colocá-la no caso de poder dispensar em qualquer situação o amparo do homem.

Não reclamamos para o sexo a que pertencemos nenhum dos direitos civis e políticos que até aqui têm sido privilegio do outro sexo; não procuramos reivindicar a pretensa igualdade de aptidões intelectuais entre o homem e a mulher. Achamos, pelo contrário, que ela fica perfeitamente bem no plano secundário em que a colocam os preconceitos sociais.

Anna Aurora do Amaral Lisboa - Rio Pardo – Rio Grande do Sul.

(ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 108).

Seguia afirmando, porém, ser injusto que as possuidoras de uma inteligência superior

fossem impedidas de aproveitar tal inteligência e de utilizá-la para seu próprio interesse e da sociedade. Destaca ainda que repudiava a atitude dos pais de se preocuparem mais com a educação dos filhos do que com a das filhas. A autora enfatiza que, para os pais, essa atitude se justificaria pelo fato dos homens serem os responsáveis por prover o sustento e a proteção das mulheres e, por isso, elas não precisariam de tanta instrução, pois seriam eternas dependentes dos homens que as rodeassem.

No entanto, esse pensamento estaria equivocado, segundo a autora, uma vez que deveriam os pais pensar justamente ao contrário. Se elas conseguissem encontrar um marido ideal que as sustentasse e protegesse seria ideal, mas e se não chegassem a encontrá-lo? O que seria delas? Assim, destaca que a educação das meninas/mulheres mereceria mais atenção, justamente para que estivessem preparadas para enfrentar qualquer circunstância que a vida lhe apresentasse, contando com suas próprias forças, podendo dispensar qualquer ajuda masculina. Anna Aurora conclui afirmando que elas não deixariam de ser boas esposas, mães, filhas e irmãs pelo fato de poderem estudar.

Entretanto, seja-nos permitido dizê-lo, julgamos justo que não se negue àquelas que, que por exceção da regra, receberam da natureza uma inteligência superior e aptidões incontestáveis, o direito de aproveitá-las e de tirar delas todas as vantagens possíveis para seu interesse próprio e da sociedade.

O que combatemos, e cada vez mais convictamente, é o erro em que laboram muitos pais, entendendo que a educação intelectual, aquela que melhor prepara o indivíduo para a luta da existência, merece menos cuidados, quando se trata das filhas do que dos filhos.

Justificam tão lamentável modo de pensar, afirmando que a mulher – esposa, mãe ou filha - está por natureza colocada sob a guarda e proteção do homem que tem o dever de prover-lhe a subsistência e velar pela sua honra e segurança.

Na verdade, se isso devesse suceder *sempre* assim, não exigiria grandes cuidados a educação da mulher: _ algumas noções de civilidade e boas maneiras e as prendas domésticas indispensáveis a uma dona de casa, e ela estaria apta para desempenhar sua missão social, como a compreendem os intransigentes adversários da instrução da mulher.

Mas, senhores que assim argumentais, quem vos assegura que vossa filha encontrará esse protetor natural que contaís? Que presciência tendes do futuro que vos garanta que essa filha não se verá um dia só no mundo, entregue à sua própria direção neste pélago de provações e enganos?

Não temeis que, vendo-se assim sem um guia, sem discernimento algum, sem as luzes que o desenvolvimento intelectual ministra ao ser humano, sucumba na luta, pobre vítima de incúria paterna? Nunca se vos apresenta à imaginação o espetáculo doloroso de vossa filha implorando a estranhos um agasalho, vivendo na dependência, sujeitando-se a humilhações, porque não tem o preparo indispensável para dirigir-se na luta da existência?

Se refletísseis maduramente, talvez chegásseis à conclusão de que, na incerteza do futuro, a educação das filhas merece cuidados mais solícitos do que a dos filhos.

Daí, pois, a vossas filhas uma instrução sólida, habilitai-as, preparai-as convenientemente para que elas possam em caso de necessidade, encarar com animo resoluto as vicissitudes da vida, contando com suas próprias forças e dispensando o amparo e proteção do homem.

E, ficais certo, a instrução em nada lhes diminuirá o encanto suave das virtudes

domésticas que tanto amais em vossas esposas, e venerais em vossas mães.
 Anna Aurora do Amaral Lisboa – Rio Pardo – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 108).

O terceiro texto, escrito por Cândida de Abreu para o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1895, versa sobre três marcos, três anjos que teriam aparecido na vida da autora: a inteligência, o primeiro; a instrução, o segundo; e a ignorância, o terceiro. Conta a autora que primeiramente atraiu-lhe o terceiro, a ignorância, mas que logo sua alma sentiu tédio em nada saber e tudo ignorar. Assim, com a ternura infantil, sorriu-lhe o primeiro, a instrução, e ela a abraçou. Com ela, aprendeu o “abc” e a superar a ignorância. Com a dedicação dispensada ao segundo, sorriu-lhe o primeiro, a inteligência. Ela nos conta que teve a ambição de possuí-la, mas ela, zombeteira, fugia. Mesmo assim, para ela estavam dedicados os sonhos mais dourados e todo o esforço seria recompensado caso lhe estendesse a mão.

Na aurora da minha vida
 a três marcos encontrei,
 e três anjos reclinados
 sobre eles divisei.
 Da inteligência, o primeiro,
 Com pena e ouro escrevia;
 Da Instrução, o segundo,
 Um belo livro entreabria.
 Da ignorância, o terceiro,
 Se mostrava tão gentil,
 Na bela destra empunhando
 Um lindo brinco infantil!
 Pelo primeiro e segundo
 Indiferente passei,
 Mas o terceiro atraiu-me,
 Em seus braços me lancei.
 Mas, bem depressa, minha alma
 O tédio dele sentiu
 E com ternura infantil
 Para o segundo sorriu.
 Que esse afeto era sincero
 Em meu semblante ele lê,
 E por brinco dá-me um livro:
 Era a carta do abc.
 Para vencer o terceiro
 Com amor me dedicava
 A esse brinco tão belo,
 Que só prazeres me dava.
 Sorriu-me então o primeiro
 (Oh! Talvez fosse ilusão);
 Amei-o de possuí-lo,
 Ó meu Deus! Tive ambição.
 Fugiu-me o anjo...Que importa?
 Corri, corri sem cessar;
 E o anjo sempre fugindo,
 E eu sem nunca parar.

E sem cansar ainda o busco,
 Mas, se um momento o diviso
 O fugitivo, zombando,
 Me oferta um breve sorriso.
 Por ti tesouros dourados
 Despreza meu coração;
 Para, ó anjo; por piedade
 Dá-me ao menos tua mão!

D. Cândida de Abreu – Pelotas – Rio Grande do Sul.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
 1895, p. 85).

5.5 SERIAM AS MULHERES FELIZES?

Auta de Souza tem um poema intitulado “Feliz” publicado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1904, três anos após sua morte. No poema, a autora questiona a tão propagada felicidade. Seria a felicidade algo natural? Seriam todos/as contemplados com ela? Seriam as mulheres, vivendo no aconchego do lar com a família, teoricamente, aos olhos da época, longe de perigos e preocupações, felizes? A autora afirma não acreditar em tal premissa. Não se convencia de que a alma jamais choraria e que a vida fosse sempre sorrisos e venturas. Justifica que ninguém na terra pode ser feliz, existiria um quê de dor em todas as coisas. Dentro de outros exemplos não mencionados aqui, cita as aves do céu que voam aparentemente felizes, mas que na realidade choram as companheiras que teriam ficado pelo caminho.

Finaliza seu texto mencionando a infelicidade feminina. Relata que as moças também sofriam, choravam, martirizavam-se, mas precisariam encobrir essas dores. Dentre as que mais sofreriam, segunda a autora, estavam aquelas consideradas mais puras, ou seja, mais submissas aos papéis de gênero desejados para elas.

Feliz

Dizes-me que a ventura te foi dada
 E contente tua alma jamais chora,
 Vive sorrindo à luz de uma alvorada
 E a noite para ela é cor de aurora...

Não creio nessa dita, me perdoa;
 Ninguém na terra pode ser feliz;
 Até o sino que na terra soa
 Tem sua dor, nem sempre ele bendiz.

Longe. .bem longe... pelo céu voejando
 A modular uns hinos tão suaves
 Pombas aos centos lá se vão cantando...
 Mas...tu crês na ventura dessas aves?

Repara bem naquela que ficou
 Pousada lá no cimo da aroeira:
 Ela chora, coitada, pois deixou
 Muito longe, perdida companheira.
 [...]
 A moça também sofre,,. Um áureo (...texto ilegível)
 Guarda-lhe os prantos e o martírio (...texto ilegível)
 E, de todas, aquela que mais sofre
 É a que tem o coração mais puro.

Auta de Souza – Rio Grande do Norte.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
 1904, p. 134).

Em outro poema, também retirado do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1894, a autora, Francisca de Sá Viana, já manifestava as tristezas e inquietudes vividas pelas mulheres.

Sempre tristeza

Ai! Quem me dera, mocidade ingrata,
 Que te trocasses, um momento só,
 Por essa quadra que passou ligeira,
 Que a sós lamento com pesar e dó!
 Ai! Minha infância, meu prazer e gozo,
 Dias felizes de folgar e rir,
 Que nem minha alma de inocência pura,
 Sondava arcanos de cruel porvir!

Ingrata musa que inspirou-me cantos
 E converte-me em inditoso ser,
 Empunho lira, lamento mágoas
 E o mundo zomba cruel do meu sofrer!
 Bem cedo ainda, no verdor dos anos
 Eu vi sumir-se minha estrela além!
 Triste fadário me confirma a sorte,
 Que o mundo priva de gozar um bem!

D. Francisca Sá Viana Montenegro – Piauí.
 (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,
 1894, p. 153-4).

6 QUEM ESCREVE? DE ONDE ESCREVE? AS VOZES FEMININAS NOS ALMANAQUES

Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias (escrever), e ao mesmo tempo um vago desejo que meu pai sorrisse e achasse bom (JÚLIA LOPES DE ALMEIDA).¹⁵

Atualmente, assistimos a um crescente interesse pelas temáticas: mulheres e literatura, mulheres e escrita feminina e mulheres e escrita feminista, não somente no Brasil, mas também na Europa e Estados Unidos. Mas esse interesse é recente e, no Brasil, tem como uma das principais motivações, recuperar a presença feminina como escritoras, sobretudo no século XIX, momento em que muitas começam a se aventurar pelo mundo das letras, a expressar suas ideias, a reivindicar direitos, mas que, durante muito tempo, tiveram essa participação silenciada ou reduzida e classificada como literatura de segunda ou terceira categoria.

Conforme Muzart (2004), existem muitas lacunas a serem preenchidas a respeito da história literária das mulheres no Brasil do século XIX. A autora destaca que ao ser convidada para dirigir a mesa-redonda de abertura do I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas, intitulada “Panorama das publicações feministas no Brasil: do século XIX ao século XXI”, promovido pela *Revista Estudos Feministas* em Florianópolis 2002, deu-se conta de como essas mulheres foram e são ignoradas e subestimadas, pois:

[...] o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas... (MUZART, 2004, p. 225).

Ainda segundo a autora, no Brasil, as mulheres só passam a ser respeitadas no meio literário na primeira metade do século XX. Até então, a presença de mulheres escritoras ficou excluída da historiografia literária, mas, segundo Muzart, mesmo estando à margem “a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias” (2004, p. 225-6). Uma produção nada desprezível, mas que, estranhamente foi colocada em escanteio e algumas poucas mulheres ganharam destaque e reconhecimento como as escritoras: Josefina

¹⁵ Citação retirada de um trecho de uma entrevista de Julia Lopes de Almeida realizada em 1904-1905), citada em RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994, p. 29.

Álvares de Azevedo, Corina Coaracy, Carmem Dolores e, já no século XX, Gilka Machado e Maria Lacerda de Moura.

Silveira (2011) também enfatiza, ao recuperar a história das mulheres escritoras de Santa Catarina, que grande parte dos Dicionários de História da Literatura de até metade do século XX e mesmo posteriores a esse período, minimiza ou praticamente anula a presença feminina na história da literatura nacional. Se o preconceito com relação à escrita feminina persistiu durante tantos anos, pode-se imaginar que no momento em que essas primeiras mulheres se atreveram a adentrar no mundo da escrita, até então um mundo tipicamente masculino, o preconceito tenha sido ainda maior. De acordo com Schmidt, a chance de serem consideradas “sérias” neste período era mínima, uma vez que:

[...] não se enquadravam, do ponto de vista dos críticos, na linha de continuidade instaurada pelas obras modelares, de autoria masculina — o que se poderia chamar de tradição ocidental — nem pelo critério de verdade nem pelo critério de valor. Esses não são critérios sexistas *per se* mas como suporte de uma máquina judicativa nas condições de uma cultura que sempre interpretou o ponto de vista masculino como sinônimo de universal e, portanto, verdadeiro, e o ponto de vista feminino como sendo particular e de valor menor, periférico (SCHIMIDT, 1997, p. 83-90).

Algumas mulheres chegaram a escrever criticando as dificuldades que tinham para divulgar suas ideias e, principalmente, sobre o preconceito que sofriam por pensarem que elas eram incapazes de produzir textos significativos, de que seus escritos eram sobre temas tolos, sentimentais ou de menor importância que os escritos masculinos.

Podemos ter uma ideia de que sensações experimentavam as autoras daquele período em terem e verem seus textos publicados em jornais, revistas e almanaques observando as palavras escritas por Anna Aurora do Amaral Lisboa para o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1893. No texto, a autora questiona que nome se dava aos sentimentos aos quais associamos às recordações agradáveis e felizes. Pergunta-se se seria amor ou gratidão. A autora enfatiza que duas coisas a faziam sentir essas sensações (deixando de lado às que se referiam à família): A escola Normal e o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*:

Ao Almanaque Literário

Que nome há de dar ao sentimento indefinível que experimentamos por certas coisas, as quais associamos uma multidão de recordações agradáveis e felizes?

É o amor? É a gratidão? Não sei. Mas, entre outras coisas que me inspiram esse sentimento de que falo, há duas que se destacam mais (não se tratando de objeto de família) pela intensidade das sensações que me despertam, sensações doces e consoladoras: são a Escola Normal e a o *Almanaque Literário*.

“Recorda-se – consolar-se”, disse Alexandre Herculano, e assim é! Quando se vive

num presente ermo de incentivos e se antevê um futuro igualmente despedido de esperanças, volve-se os olhos ao passado e procura-se viver recordações.

Quão remoto já me parece o tempo em que cursei a Escola Normal, pela completa diferença entre aquela e a época atual de minha vida! Então, povoam-me o espírito e o coração sonhos de glória, esperanças de felicidade; hoje desilusões e desalentos! Mas a Escola Normal tem o mágico poder de transportar-me ao passado e durante alguns momentos faz-me esquecer este presente desolador.

D. Anna Aurora do Amaral Lisboa – Rio Pardo.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 125-6).

Após destacar as sensações maravilhosas que foram proporcionadas pela Escola Normal, a autora ressalta as sensações provocadas pelo *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Segunda ela, ainda recordava-se da primeira circular que lhe enviaram solicitando a sua colaboração no almanaque e, ainda mais, da ansiedade de esperar, ano a ano, seu nome entre os colaboradores do mesmo. Confessava que o que sentia era um misto de satisfação e amor próprio.

O Almanaque Literário exerce uma influência semelhante em mim. Recordo-me ainda do sentimento de Satisfação, talvez de amor próprio, que experimentei, quando recebi a primeira circular de seu redator, solicitando a minha obscura colaboração; acostumei-me a ver desde o seu primeiro volume o meu nome figurando na lista de colaboradores; e, mais que tudo, habituei-me a esperar, com impaciente sofreguidão, o seu reaparecimento todos os anos, antegozando o prazer de sua amena leitura.

D. Anna Aurora do Amaral Lisboa – Rio Pardo.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 125-6).

A autora faz essas revelações porque se encontra num momento delicado de sua vida. Acabava de perder sua mãe que considerava um grande apoio e inspiração. Depois da morte da mãe, pensou em abandonar a carreira literária, mas, relata que, recebendo a circular do *Almanaque* daquele ano, deixou-se levar por esse sentimento de satisfação e amor próprio e resolveu contemplar os leitores com os seus desabafos. Aproveitou para desejar votos de prosperidade ao *Almanaque* que tantas felicidades lhe proporcionou. Vale destacar que a autora teve seus textos publicados durante muitos anos no *Almanaque*.

Hoje, que o desalento mais completo apossou-se de mim, depois que a mão impietosa da fatalidade desfechou-me o golpe mais tremendo, roubando-me a minha santa mãe, que era o esteio de minha coragem, porque era o alvo de minha atividade; hoje, fora talvez de esperar que esse desalento me fizesse dizer um eterno adeus ao convívio da literatura, e assim julguei que sucederia.

Mas, não sei por que, recebendo a circular desse ano, um vago sentimento de saudade invadiu-me o coração; pareceu-me que despedir-me assim do *Almanaque*. Que sempre me acolheu com requintada benevolência, seria uma ingratidão. Figurou-se-me que o não ver o meu nome em alguma de suas páginas equivaleria a vê-lo riscado dos vivos, e então, não pude resistir, e eis aqui o *Almanaque*,

recebendo a confiança de minhas tristezas e desconfortos.

Os votos que faço, em retribuição da caridade com que ele acolhe e consola tantas tristezas, são que em sua luminosa carreira o aguarde sempre uma messe abundante de prosperidade e glórias!

D. Anna Aurora do Amaral Lisboa – Rio Pardo.

(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 125-6).

Como vimos, foi ainda durante o Império, que as mulheres começaram a figurar como consumidoras de impressos, colaboradoras e até mesmo editoras. Muitas vezes mantinham-se no anonimato, algumas escrevendo temas ainda muito impregnados pela cultura patriarcal a que estavam submetidas, mas outras, ao mesmo tempo, já impregnavam a pena e o papel com pensamentos críticos, com ideias inovadoras e até mesmo transgressoras.

Com a crescente expansão dos impressos pelo país, novos gêneros foram sendo criados, dentre eles a imprensa feminina e depois feminista. A variedade de títulos e gêneros de impressos possibilitou acesso a públicos até então praticamente excluídos do mundo das letras, como as mulheres. A importância dada à educação como meio para se atingir ao tão desejado “progresso”, em grande parte, incentivado pelos positivistas, também possibilitou que um número maior de mulheres tivesse acesso à leitura e algumas delas, à escrita.

Pensando em responder a duas das perguntas que faziam parte da nossa problemática de pesquisa: “Qual a importância da voz feminina nos almanaques? As mulheres têm um papel distinto dos homens?” é que passamos a analisar a presença feminina nos almanaques, analisar quem eram essas mulheres, de onde eram, que profissões exerciam, o que escreviam, que ideias defendiam. Também pretendemos colaborar, de alguma maneira, em tornar essas mulheres visíveis, uma vez que concordamos com Duarte (2003) quando assinala que, apesar das grandes e incalculáveis vitórias do feminismo, é possível também elencar algumas derrotas e, uma delas, reside no fato de que as novas gerações desconhecem a história das conquistas femininas, o nome das pioneiras que lutaram de peito aberto, denunciando através de textos, poesias, crônicas as discriminações sofridas pelas mulheres. Assim, tentamos nesse texto, tornar visíveis algumas delas e destacar suas participações nas páginas desses dois almanaques importantes que constituem as fontes dessa pesquisa.

Nos almanaques é possível evidenciar a significativa presença de mulheres como colaboradoras e ou escritoras de textos, poesias, crônicas, que versavam sobre temas variados, presentes nos dois almanaques aqui analisados. Assim, no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* encontramos a presença, segundo os índices de autores, de mais de 130 e no *Almanaque Popular Brasileiro* a presença de 98 mulheres. Obviamente, se compararmos com o número de homens autores que constavam nesses índices, a desproporção é muito

grande¹⁶, mas, nesse caso, é preciso deter-nos mais nos números que revelam a presença de mais 228 mulheres¹⁷ como autoras ou colaboradoras dos almanaques num período em que, embora estivesse ocorrendo mudanças, a ordem social masculina ainda prevalecia e era reforçada com a intenção de controlar essas mudanças sociais, “civilizar” o país e conduzi-lo ao progresso.

Nos deparamos com trajetórias de mulheres que tiveram significativa produção no mundo das letras, que resistiram aos padrões culturais, que defenderam e lutaram por direitos sociais e por direitos das mulheres, que fizeram um uso político de sua escrita. É significativo o fato de que muitas mulheres escritoras presentes nas páginas dos almanaques, também constam entre as mulheres presentes no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* (2000) o que reflete a importância das escritoras presentes no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Popular Brasileiro*, uma vez que nesse dicionário estão reunidas mulheres, cujas ideias e ações foram importantes para a sociedade brasileira e para a conquista de espaço e direitos femininos.

A significativa presença feminina também reforça nossa ideia de que os almanaques se configuravam não só como um espaço de fixação de conduta, mas também um espaço intenso de disputa de poder, onde as mulheres começavam a versar não só sobre temas intimamente ligados à sua condição social, mas também a posicionar-se criticamente sobre diversos assuntos sociais tidos como “públicos” e até então, discutidos predominantemente por homens.¹⁸

¹⁶ Citamos como exemplo as proporções entre colaboradores homens e colaboradoras mulheres encontradas nas edições do Almanaque Popular Brasileiro de 1897: 17 mulheres para 161 homens e de 1903: 13 mulheres para 176 homens.

¹⁷ Esse número é aproximado, uma vez que não foi possível verificar os índices de todos os almanaques.

¹⁸ Nos almanaques, é possível encontrar um grande número de poesias escritas por mulheres. Algumas discorrem sobre as inquietudes da vida e da alma e outras, como vimos, discorrem sobre os anseios e aflições da vida das mulheres. Pode-se ter uma ideia do conteúdo dos textos e poesias observando os títulos que se encontram nas tabelas em anexo a este trabalho. No entanto, não só sobre as inquietudes da vida e da alma escreveram essas mulheres nos almanaques; citamos, por exemplo, alguns textos com posicionamentos políticos escritos por Anna Aurora do Amaral Lisboa, como é o caso do texto “Ao dia 14 de julho”, em comemoração ao aniversário da tomada da Bastilha, onde a autora relembra os fatos ocorridos e destaca os ventos de mudança e liberdade que foram despertados após esse episódio. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1889, p. 130-131); o texto “A imprensa!” onde Anna Aurora posiciona-se em relação ao alcance positivo e negativo da imprensa. No texto, lamenta o fato de que muitas vezes ela fosse utilizada para propagar o erro, a calúnia, para denegrir reputações, incensar a tirania, perseguir os oprimidos, defender o crime e acusar a inocência, porém, acredita na missão sublime da imprensa que seria a de guiar a humanidade à perfeição, de transmitir de um extremo ao outro do mundo, doutrinas capazes de melhorar a condição humana. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1904, p. 75-76). Já no texto “Instrução e Progresso”, Anna Aurora versa sobre a noção de progresso tão propagada naquele período, aliando-a à necessidade de atrelá-la à popular instrução. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1904, p. 215). Josephina Alvarez de Azevedo escreveu o texto “Paz Internacional” onde questiona os prejuízos provocados pelas guerras ou pela violência de “homens armados e fardados numa espetacular encenação”. Lamenta ainda que toda “essa gente destinada à incrível missão de matar e ser morta

Não foi possível desvendar quem eram todas as mulheres cujos nomes figuram no índice de autoras dos almanaques, talvez por que algumas delas usassem pseudônimos. Aquelas cujas biografias não foram desvendadas foram igualmente citadas, para serem lembradas e também para futuros cruzamentos de dados com pesquisas que também se interessam por escritoras do século XIX.

As biografias das autoras que aqui apresentamos foram baseadas em biografias já existentes, sendo aqui somente comentadas. Devemos ainda ressaltar que nossa intenção neste capítulo é a de resgatar essas mulheres escritoras, apresentá-las, ainda que de maneira breve, destacar suas contribuições para a história das mulheres, para a história da imprensa e da literatura e refletir sobre a importância de suas escritas nos almanaques aqui estudados.

6.1 AS MULHERES NO ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL

São apresentadas aqui algumas trajetórias de vidas das mulheres que tinham seus textos publicados no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Como vimos, o almanaque reunia mais de 130 mulheres no índice de autoras, no entanto, só conseguimos encontrar a biografia de algumas.

Alice Lins Azevedo¹⁹ (1894 - 1940): Alice nasceu em 23 de fevereiro de 1894, em João Pessoa, Paraíba. Era filha de Leopoldina Lins de Azevedo e de Norbertino Pereira de Azevedo. Coursou o Normal e diplomou-se professora na escola Normal Pinto Junior no Recife. Ingressou no magistério público em 1918, passando a dirigir a Escola Noturna Feminina João Tavares. Recebeu a incumbência, em 1921, do governador Solon de Lucena, de estudar no Rio de Janeiro a proposta sobre os jardins de infância. Em 1932, funda o primeiro jardim da infância do Estado da Paraíba, recebendo do interventor federal Antenor Navarro, um prédio público para a escola funcionar. Em 1934, quando o governo do Estado cria o primeiro jardim da infância da Paraíba, Alice foi nomeada a primeira diretora.

em nome de um princípio falso e hipócrita, está convencida de que representa na sociedade um papel glorioso e alevantado!”. Destaca também que caberia às mulheres a missão de acabar com a carnificina que envergonhava o século através de suas influências como mães, esposas, filhas e irmãs. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1896, p. 118-119).

¹⁹ O texto, que contém a biografia de Alice Lins de Azevedo, foi adaptado do verbete que consta no dicionário *Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 30-31. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora da seguinte fonte: Adalzir Bittencourt. Dicionário bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil.

Alice fundou, junto com outras mulheres, em 1933, a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino, filiada à Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Fazia parte da Associação Paraibana de Imprensa e era colaboradora assídua de diversos periódicos, sobretudo do Recife. Em 1935, fundou e tornou-se diretora da agremiação Ilustração Artística do Brasil. No mesmo ano ingressou no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e lhe foi confiada a Campanha Nacional pelo Bom Cinema no Estado. Engajou-se também em trabalhos sociais tendo fundado, em 1923, a Liga Paraibana contra a Tuberculose, além de ter sido por diversas vezes presidente da Assistência aos Lázaros. Faleceu em Natal em 1940.

Alice Moderno²⁰ (1867 - 1946): Alice Moderno nasceu em Paris em 1867. Foi poetisa, prosadora, jornalista, escritora, agricultora e comerciante. Alice soube conjugar todas estas atividades com os seus ideais republicanos e feministas. Nasceu em Paris, mas logo cedo foi morar em Açores. Atenta às questões sociais, revelou particular sensibilidade pela natureza e pelos direitos ao trabalho e à educação das mulheres. Segundo Alice Moderno, a mulher passava, facilmente, do lugar de deusa inspiradora do apaixonado ao de cozinheira hábil ou governanta útil, quando não era “atirada ao monturo das coisas velhas”, quando se apagava o fogo da paixão dos sentidos.²¹ Alice também defendia o direito ao voto das mulheres, afirmando que muitos homens também não estavam preparados para votar, mas que nem por isso o direito ao voto era-lhes negado. Faleceu em 1946.

Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues²² (1861 - 1926): Amélia Rodrigues nasceu em Santo Amaro da Purificação, Bahia, em 26 de maio de 1891. Era filha de Maria Raquelina Rodrigues e de Félix Rodrigues. Foi educadora, escritora, teatróloga, jornalista e poetisa. Seus estudos primários foram realizados com o padre Alexandrino do Pardo. Aos 12 anos, já escrevia seus primeiros poemas e, aos 18, publicava-os em periódicos da Bahia. No concurso para professora primária, classificou-se em primeiro lugar, começando a lecionar em Arraial da Lapa. Em 1883, de volta a sua cidade natal, escreve seu primeiro grande poema: *Filenila*. A partir de então, uma intensa atividade literária toma conta de sua rotina diária. Escreveu artigos, poemas, peças teatrais, romances e ensaios.

²⁰ As informações para compor a biografia de Alice Moderno foram retiradas do site: <<http://www.cdofeminista.org/index.php/pt/biografias-de-feministas/46-alice-moderno-1867-1946>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

²¹ De acordo com VILHENA, Maria da Conceição. *Uma mulher pioneira. Ideias, Intervenção e Acção de Alice Moderno*, Lisboa, Edições Salamandra, 2001, p. 100.

²² O texto, que contém a parte biográfica de Amélia Rodrigues, foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* p. 46. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Lizir Arcanjo Alves (org.) *Mulheres escritoras na Bahia. As poetisas (1822-1918)*; 5.5.1934; A tarde, 27.5.1961, 11.8.1998 e 29.11.1998; colaboração especial de Maria Júlia Alves de Souza. Também foram utilizados dados do site: <<http://www.jacuipe Noticias.com/Historia/amelia.htm#mulher>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

Em 1891, foi nomeada para o magistério público de Salvador. Na cidade, criou o Instituto maternal e publicou a obra *Bem-me-quer* (1906) e textos infantis. Já aposentada, fundou, com um editorial composto somente de mulheres, a Revista *A Paladina* e o periódico *A voz*, da Liga das Senhoras Católicas, de projeção nacional. Também contribuiu em revistas como *O Pantheon*, *O álbum*, *A renascença*, *O Livro*. Colaborou em alguns jornais, utilizando o pseudônimo de Juca Fidelis.

Morreu em Salvador, em 22 de agosto de 1926, aos 65 anos de idade. Em homenagem à autora, o governo da Bahia criou em 20 de outubro de 1961, através da lei n.º 182, o município de Amélia Rodrigues.

Anna Aurora do Amaral Lisboa²³ (1860 - 1951): Ana Aurora do Amaral Lisboa nasceu em Rio Pardo, em 24 de setembro de 1860. Atuou durante toda a sua vida como educadora, escritora. Anna Aurora fez seus estudos primários em escolas de Rio Pardo e, com o consentimento dos pais, saiu de casa para estudar em Porto Alegre, formando-se em 1881, na Escola Normal da Província de São Pedro. Depois de formada lecionou no distrito de Couto, Rio Pardo e Vila Rica (hoje Júlio de Castilhos). Anna escreveu peças de teatro infantil, fundou um curso noturno para adultos, ministrando aulas de alfabetização gratuita, uma inovação para a época. A autora também desenvolveu uma poesia com um tom de liberdade, o que fica transparecido na coletânea *Preitos à Liberdade*, onde aparece o tom injustiçado de sua lírica. Faleceu em 22 de março de 1951.

Andradina de Oliveira²⁴ (1864 - 1935): Andradina nasceu em Porto Alegre, em 12 de junho de 1864. Era filha de Joaquina Pacheco de Andrade e Carlos Montezuma de Andrade. Recebeu esmerada educação, tendo estudado na escola de Luciana de Abreu e depois na Escola Normal de Porto Alegre, hoje Instituto de Educação General Flores da Cunha. Andradina casou-se com o oficial do exército Augusto Martiniano de Oliveira e teve dois filhos. Durante oito anos, lecionou em escolas públicas nas cidades de Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Porto Alegre. Ficou viúva muito cedo, mas conseguiu sustentar a família com seu talento como escritora e com a carreira do magistério.

Em 1898, morando na cidade de Bagé, dedicou-se ao jornalismo e fundou, em 1898, o jornal *Escrínio*, cujo lema era “Pela Mulher”. No primeiro número do periódico,

²³ As informações para compor a biografia de Anna Aurora do Amaral Lisboa foram extraídas do site: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/anaAurora_vida.html>. Acesso em: 11 mai. 2011.

²⁴ O texto, que contém a biografia sobre Andradina de Oliveira, foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até hoje*, p. 72-3. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre Andradina de Oliveira dos seguintes livros: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 50 anos de literatura – perfil das patronas; Miriam S. Vieira, Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul; um estudo do periódico *Corymbo*, 1885-1925; Pedro Maia Soares, Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945).

apresentava-o da seguinte forma:

Surge também como um incentivo à mulher rio-grandense, convidando-a a romper o denso casulo de obscuridade e vir à tona do jornalismo trazer as pérolas de sua cultivada inteligência! *O Esdrínio* aparece como um verdadeiro propagandista da instrução, do cultivo do espírito feminino. A mulher deve ser instruída, deve ser educada para melhor cumprir sua missão na Terra – ser mãe (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 72).

O Esdrínio foi editado durante nove anos, primeiramente em Bagé e depois em Santa Maria. Por um período, a publicação ficou interrompida, pois a morte de um de seus filhos deixou-a muito abalada. Em 1909, a publicação reapareceu em Porto Alegre sob a forma de uma revista ilustrada. Andradina publicou sete livros e depois outros inéditos. Suas obras mais importantes foram um livro de contos, que recebeu medalha na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, intitulado *Cruz de Pérolas* (1908), o romance e *Divórcio?*, de 1912, obra que teve grande repercussão por conta do assunto polêmico. No livro, destacava o direito à felicidade e o divórcio como uma forma de evitar tragédias nas famílias. Vinte e seis cartas compunham o livro, cada uma delas com diferentes argumentos, baseados em casos reais, denunciando a hipocrisia da sociedade quanto à indissolubilidade do matrimônio. Em algumas cartas, Andradina faz um elogio ao feminismo que, segundo ela “Abrirá os olhos de todas as mulheres. E elas não de no futuro, que não está longe, conquistar a sua verdadeira posição na família, na sociedade e na pátria, a mulher deixará de ser a escrava, a serva, a besta de carga, o objeto de prazer do homem, o animal procriador, o bibelô das salas”.

Em 1920, foi para São Paulo, onde continuou a sua carreira literária, até falecer em 1935.

Auta de Souza²⁵ (1876 - 1901): Auta nasceu no ano de 1876, em Macaíba, Rio Grande do Norte. Negra, era filha de Henriqueta Leopoldina e Eloi Castriciano de Souza, próspero comerciante local e líder do Partido Liberal. Seus pais morreram antes dela completar seis anos de idade e, por isso, foi criada pela avó materna, Silvina de Paula Rodrigues. Auta frequentou o Colégio São Vicente de Paula, de freiras francesas, em Recife, onde se destacou como primeira aluna da turma, recebendo diversos títulos escolares. Era

²⁵ O texto, que contém biografia sobre Auta de Souza, foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 94. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Afrânio Coutinho, *Enciclopédia de Literatura Brasileira*; Luís da Câmara Cascudo, *Vida de Auta de Souza, 1876-1901*; Maria Lúcia de Barros Mott, “Escritoras Negras resgatando nossa história”. *Papéis Avulsos* n 13; Maria T.C. Crescenti Bernardes, *Mulheres de ontem?*. Além disso, informações também foram retiradas do site: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/auta_vida.html>. Acesso em: 11 mai. 2011.

bastante culta, apreciava a leitura de clássicos como Boussuet, Fénelon, Victor Hugo, Chateaubriand e Lamartine.

Contraiu tuberculose com 14 anos de idade e, a partir daí, sua vida virou uma peregrinação em busca de bons ares para curar a doença.

Na adolescência, começou a escrever versos e manifestar interesse pela produção literária. Em 1894, iniciou a colaboração na revista *Oásis*, editada em Natal, assinando seus versos com os pseudônimos de Ida Salúcio e Hilário das Neves. Escreveu também para a revista *A República*, em 1896, e assiduamente para o jornal *A Tribuna*, órgão do Congresso Literário. Em 1898, colaborou com as revistas *Oito de Setembro* e *Revista do Rio Grande do Norte*, ambas em Natal. Em 1900, seleciona algumas de suas melhores poesias e publica o único livro de sua vida, intitulado *Horto*. A primeira versão teve o prefácio de Olavo Bilac. A obra ganhou ainda outras duas versões publicadas depois da morte da autora, uma em 1911 e outra em 1936. Seus poemas também foram publicados em jornais como *A Gazetinha* – Recife e *o Paiz* – Rio de Janeiro.

Auta é considerada a poetisa que mais ficou conhecida fora do Estado do Rio Grande do Norte. Sua poesia romântica com traços simbolistas circulou nas rodas literárias do país sempre com muito interesse. Faleceu no dia 07 de fevereiro de 1901, vítima da doença que tanto lhe afligiu: a tuberculose, com apenas 24 anos de idade.

Cândida de Oliveira Fortes²⁶ (1862 - 1922): Cândida nasceu em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, em 1862. Foi poetisa, ficcionista, jornalista e professora de grande prestígio e atuação no seu meio cultural. Formou-se professora em 1885 e atuou na profissão durante 37 anos. Foi diretora do colégio Antônio Vicente Fontoura, em Cachoeira do Sul. Cândida também escreveu textos poéticos, crônicas e reflexões para diversos periódicos gaúchos como *O Correio do Povo* e *o Jornal do comércio*, de Porto Alegre; *o Corymbo*, de Rio Grande e *o Almanaque de Pelotas*, de Pelotas. Dentre suas publicações, podemos citar: *Fantasia* (1897), *Aniversário da Pátria* (1912) e *Cachoeira (s/d)*, *Última Prova*, *Joaquina*, *Cartas à minha irmã* e *Clarindinha* (todos s/d). Sua estética literária passou do parnasianismo ao romantismo. Faleceu no Rio de Janeiro em 1922.

Carlota do Amaral Lisboa²⁷ (?) - Irmã de Anna Aurora do Amaral Lisboa e de

²⁶ Para compor a biografia de Cândida de Oliveira Fortes Brandão foram retiradas informações do livro COELHO, Nelly Novaes (2002), *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras 1711-2001*, São Paulo: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 2002. Disponível no site: <http://books.google.com.br/books?id=hn8f_Vs-mZAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 jan. 2013.

²⁷ Para compor a biografia de Carlota do Amaral Lisboa foram retirados dados do site: <<http://www.projelopassofundo.com.br/principal.php?modulo=5&acao=detalhe&chaveCategoria=18&nomeCat>>

Zulmira do Amaral Lisboa. Dedicou-se às letras e à educação. Juntamente com suas irmãs, fundou o colégio Amaral, estabelecimento de ensino marcante na vida social e cultural de Rio Pardo.

Delfina Benigna da Cunha²⁸ (1791-1857): Delfina nasceu no Rio Grande do Sul, em 1791. É a patrona da Academia Literária Feminina Rio-Grandense, ocupando a cadeira número 01. Alfabetizou-se na forma possível às contingências da época e aos 12 anos; em 1803, já começava a declamar seus talentosos primeiros versos. Delfina foi a primeira mulher a publicar uma coletânea de versos, com várias dezenas de páginas, intitulada *Poesias*, que dedicou às senhoras rio-grandenses, publicada em 1834. Delfina era cognominada de “A musa Cega”.

Ficou órfã de pai, em 1826, e de mãe, em 1833. Após esses acontecimentos, seu senso literário redobrou, aliado à força da necessidade de prover seu sustento. Passou a ser conhecida mais por uma série de livros editados do que por publicações esparsas na imprensa. Dom Pedro I foi seu ídolo e grande protetor. Em muito contribuiu para a profissionalização da mulher.

Na edição do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para o ano de 1900 aparece um de seus poemas, intitulado “Cegueira”, no qual reflete sobre a amargura de não poder enxergar.

Cegueira*

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro o rosto seu mostrado havia,
Quando terrível mal que já sofria
Me tornou pra sempre desgraçada.

De ver o sol e o céu sendo privada,
Cresceu a par de mim a mágoa ímpia;
Desde então a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.
Sensível coração deu-me natura
E fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou toda a sorte e ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo.
Só, para terminar minha amargura,
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo.

[egoria=Literatura&chaveSubCategoria=6&nomeSubCategoria=Texto%20do%20Autor&chaveSubSubCategoria=182&nomeSubSubCategoria=Enciclop%C3%A9dia&chaveAutor=167&nomeAutor=Ant%C3%B4nio%20Carlos%20Machado%20&chaveConteudo=36701&nomeConteudo=AMARAL%20LISBOA'>](#). Acesso em: 08 fev. 2012.

²⁸ As informações para compor a biografia de Delfina Benigna da Cunha foram retiradas do site da Academia Literária Feminina do RS. Disponível em: <http://www.alf-rs.org.br/web/1_patrona.html>. Acesso em: 08 fev. 2013.

Delfina Benigna da Cunha

*Delfina Benigna da Cunha, poetisa de merecimento, nasceu na estância do Pontal, S. José do Norte (Rio Grande do Sul) em 17 de junho de 1791. Aos vinte meses, atacada de bexigas, cegou completamente.
(ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1900, p. 203).

Delminda Silveira de Souza²⁹ (1854 - 1932): Delminda nasceu em Desterro, Santa Catarina, em 16 de outubro de 1854. Foi professora e escritora de destaque na história da literatura de seu estado. Estudou francês, latim e português. Lecionou durante muitos anos no Colégio Coração de Jesus, tradicional colégio católico. Delminda escreveu poesias e crônicas. Foi assídua colaboradora da revista *A mensageira* e do jornal *Crepúsculo*. Era profundamente religiosa, característica que transparecia em seus versos, mas, apesar de sua ideologia conservadora também reivindicou mais direitos às mulheres. Escreveu *Lises e martírios* (1908), *Cancioneiro* (1914), *Indelévels versos*, edição póstuma. Ocupou a primeira cadeira da Academia Catarinense de Letras, já com 77 anos de idade. Faleceu em 12 de março de 1932.

Elvira Gama³⁰ (?): Elvira da Gama nasceu no Rio de Janeiro, capital. Foi jornalista e poetisa. Começou escrevendo sonetos para o jornal *O Mineiro*. Elvira foi redatora do *Jornal do Brasil*, sendo responsável pela seção “Kinetescópio” e colaboradora assídua do jornal a *Gazeta de Notícias*. Sob o pseudônimo de Sinhá Miquelina publicou uma série de cartas no prestigiado jornal carioca *O país*. Publicou poemas também nos jornais *A Gazetinha*, *Jornal do Recife*, *Pequeno Jornal*, *Diário de Pernambuco* e *Gazeta da Tarde* durante o período de 1896 a 1901.

Emília Mundi Brandão³¹ (?): Não foi possível resgatar muitos dados sobre Emília. O que sabemos é que era mãe de Abel Silva Pereira, fundador da Academia de Letras de Ilhéus e casada com Felisberto da Silva Pereira.

Eugênia Brandão³² (1898 - 1948): Eugênia Brandão nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1898. Desde os 16 anos de idade, já manifestava um posicionamento político claro. Era contrária ao governo de Hermes da Fonseca e, logo após iniciar sua carreira no jornal carioca *Última Hora*, passou a trabalhar como repórter num jornal anti-hermista, o

²⁹ As informações para compor a biografia de Delminda de Souza foram retiradas do site: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/delminda_vida.html> Acesso em: 11 mai. 2011.

³⁰ O texto, que contém a parte biográfica sobre Elvira da Gama, foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 196. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Pelayo Serrano, “Ainda um assunto feminino”, *A Mensageira*, 15.2.1898; Luzilá Gonçalves Ferreira, *Em Busca de thargélia*.

³¹ As informações sobre Emília Mundi Brandão foram retiradas do site: <http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/bahia/abel_pereira.html>. Acesso em: 08 fev. 2013.

³² As informações para compor a biografia de Eugênia Brandão foram retiradas do site: <<http://primeirareporter.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

jornal *A Rua*, onde ganhou popularidade com suas reportagens. Eugênia é considerada a primeira repórter do Brasil, saía a campo disfarçada para fazer investigações jornalísticas, já que, neste período, ser repórter era apenas uma profissão masculina e considerada perigosa para mulheres.

Na década de 1930, participou de inúmeras passeatas e comícios em defesa dos direitos da classe operária. Passa a ter simpatia pelo Partido Comunista e por Luiz Carlos Prestes. Assim como Olga Benário, Eugênia torna-se datilógrafa dos movimentos do partido.

Em 1935, foi presa pelo Governo Vargas, permanecendo na prisão juntamente com outras mulheres, todas elas comunistas, entre elas, Olga Benário. Ao sair da prisão, faz campanhas e protestos pela libertação de Olga Benário e seu bebê, que nasce no campo de concentração nazista. Não conseguem libertar Olga, que acaba morrendo em uma câmara de gás, mas o bebê, sim, Anita Leocácia, criado pela avó.

Eugênia foi casada e mãe de oito filhos. Escandalizava a sociedade da época por ser boêmia na juventude, por andar em companhias masculinas, mas, principalmente, pelos cabelos curtos e trajes masculinos. Eugênia foi comunista, sufragista e defensora dos direitos femininos. Morreu em 1948, preocupando-se até os últimos dias com questões políticas.

Francisca Julia da Silva³³ (1871 - 1920): Francisca Julia da Silva nasceu em Eldorado Paulista, São Paulo, em 1871. Sua estreia literária foi em 1891 no Jornal *O Estado de São Paulo*. Depois disso, publicou textos e poemas em diversos jornais e revistas, destacando-se pela qualidade de seus versos. Francisca colaborou com o *Correio Paulistano* e com o *Diário Popular*, também trabalhou em *O álbum*, de Artur Azevedo, fazendo muitos acreditar que não era mulher quem compunha os versos. Sua poesia refletia o estilo parnasiano, mas também, em alguns momentos, simbolista. Escreveu quatro livros: *Mármore* (1895), *O livro da infância* (1889), *Esfinges* (1903) e *Alma Infantil* (1912) junto com seu irmão Júlio da Silva. Francisca Júlia suicidou-se em 01 de novembro de 1920, um dia após a morte, por tuberculose, de seu marido Filadelfo Edmundo Munster, com quem havia se casado em 1909.

Julia Lopes de Almeida³⁴ (1862 - 1934): Julia Lopes de Almeida nasceu no Rio de

³³ As informações para compor a biografia de Francisca Júlia foram retiradas dos sites: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/373>> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisca_J%C3%BAlia_da_Silva>. Acesso em: 08 fev. 2013.

³⁴ O texto que contém a parte biográfica de Julia Lopes de Almeida foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 305-306. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Arquivo da FBPF; Enciclopédia Nosso século; A mensageira, 15.06.1899; Henriqueta Galeano, *Mulheres admiráveis*; Maria T.C. Crescenti Bernardes, *Mulheres de ontem? Mulher. Opinião Feminina Organizada*, maio-jun/1934; Taís Florinda, “Júlia Lopes de Almeida” in *Academia Literária Feminina no Rio Grande do Sul – 50 anos de literatura – perfil das patronas*.

Janeiro, em 24 de setembro de 1862. Era filha de Antônia Adelina Pereira e Valentim Lopes, ambos portugueses. Ainda bem jovem aprendeu a ler com a mãe. Na cidade de Campinas, São Paulo, iniciou sua carreira literária no jornal *A Gazeta de Campinas*. Também teve a oportunidade de estudar na Europa. Julia casou-se com o poeta Felinto de Almeida e voltou a residir no Rio de Janeiro, mas dividia seu tempo entre Portugal e Brasil. Com seu esposo teve seis filhos.

No Rio, participou de vários movimentos políticos do período, contribuindo para jornais influentes como o *Jornal do Comércio*. Em Portugal, editou o livro *Traços e Iluminuras*. Na década de 1890, escreveu para jornais de grande circulação e para periódicos produzidos e distribuídos somente para mulheres, como é o caso de *O Jornal de Senhoras*. Escreveu alguns romances como: *A família Medeiros*, *Correio da Roça* e contos, como *Reflexões de um marido*, onde discutia a condição feminina. Julia condenava a supremacia dos homens, a negação dos votos para as mulheres, a exploração do trabalho, a escravidão dos negros e as violências sexuais contra as mulheres. Os assuntos que escrevia eram, em sua maioria, voltados para o público feminino, resistindo sempre aos preconceitos de ser mulher, escritora e com ideias inovadoras.

Dedicou-se à literatura infantil, publicando o livro *Contos Infantis*, aprovado pelas autoridades de ensino e adotado pelas escolas primárias do país. A obra de Julia de Almeida acabou por incorporar-se no cotidiano de uma geração de mulheres brasileiras, sobretudo através do livro *Livro das Noivas*, de 1896.

Julia, a convite de Bertha Luz, participou da comissão de Relações Internacionais e Paz do I Congresso Internacional Feminista promovido pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Em 1931, no II Congresso Internacional Feminista, evento em que as mulheres se organizaram para obter o tão esperado direito ao voto feminino, o discurso de abertura foi de Julia Lopes de Almeida, que era, então, a mulher de maior prestígio cultural, em todo o país. Julia faleceu no Rio de Janeiro, a 31 de maio de 1934.

Julieta de Mello Monteiro³⁵ (1863 - 1928): Julieta de Melo Monteiro foi escritora e editora de um jornal feminino. Nasceu em Porto Alegre, em 21 de outubro de 1863. Julieta era filha da professora, escritora e poetisa Revocata Passos Figueirôa e Melo, conhecida nos

³⁵ O texto que contém a parte biográfica sobre Julieta de Melo Monteiro, foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 308. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 50 anos de literatura – perfil das patronas; Maria T.C. Crescenti Bernardes, *Mulheres de ontem?*; Miriam Steffen Vieira, *Atuação Literária de escritoras do Rio grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*; Raimundo Meneses, *Dicionário literário brasileiro ilustrado*; Sacramento Bake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Também foram extraídas informações do site: <http://www.alf-rs.org.br/web/2_patrona.html>. Acesso em: 11 mai. 2011.

círculos literários gaúchos com o pseudônimo de Americana. Sua mãe também era membro da Sociedade do Partenon Literário de Porto Alegre. O pai, João Corrêa de Melo, era negociante. O vínculo da família com as letras acabou por influenciar Julieta e sua irmã Revocata Heloísa de Mello, que também será mencionada aqui por sua contribuição para os almanaques.

Em Rio Grande, casou-se com o jornalista Francisco Guilherme Pinto Monteiro e, com apenas 22 anos de idade, junto com sua irmã Revocata, fundou, em 1885, o periódico *Corymbo*, primeiro órgão literário da imprensa do sul do país, que circulou por mais de 50 anos na cidade de Rio Grande. O jornal, de apenas quatro páginas e de periodicidade variada, tratava de assuntos literários e serviu como uma fonte de divulgação para novas escritoras. Além disso, serviu como uma rede para as mulheres literatas, ajudando-as a combater os preconceitos referentes à presença feminina na literatura. Julieta criou ainda a revista *A Violeta* e também participou da Sociedade do Partenon Literário.

Com relação a suas obras, aos 19 anos publica seu primeiro trabalho *Prelúdios*, livro que busca a forma perfeita dos versos e tenta manter-se impassível diante das próprias emoções. Seu segundo livro de sonetos é *Oscilantes* (1892), no qual faz inúmeras homenagens à família, ao marido. Escreve ainda um livro de contos *Alma e Coração* e dois dramas *Coração de Mãe* e *O Segredo de Marcial*, os dois em parceria com a irmã Revocata Heloísa de Melo. Julieta de Melo Monteiro é a Patrona da cadeira número 2 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Faleceu em novembro de 1928.

Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona³⁶ (1868 - 1956): Nascida em Friburgo, Rio de Janeiro, em 1868, foi poetisa e integrante da Associação Fluminense de Letras. Formou-se em Humanidade, em Florianópolis, e foi uma exímia pianista. Casou-se com o jornalista e escritor Francisco Cardona dos Santos, passando a morar em Mogi Mirim, SP. O apego aos livros, de ambos os lados, acabou por separar o casal, que continuou a viver sob o mesmo teto, cada qual com suas leituras e escritas.

Ibrantina ajudou na administração do jornal *A Comarca*, do seu marido Francisco Cardona. Escrevia também para o jornal *Crepúsculo*, dirigido por Sabbas Costa. Publicou *Plectros* (1897), *Heptacórdio* (1922), *Cleópatra* (1923), *Primavera de Amor* (1935), *Asas Rubras* (1939) e *Cosmos* (1950). Foi a primeira mulher a ingressar numa academia de letras

³⁶ Para compor a biografia de Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona foram utilizadas informações de SILVEIRA, Cláudia Regina. *Dicionário de Escritoras Catarinenses*. Doutorado em Teoria Literária. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2011. (Tese de Doutorado) Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95012/297509.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 fev. 2013. E dos sites: sites:<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio40.html>. e <<http://www.jcholambra.com.br/jconline/index.php?noticia=299>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

da América do Sul. Faleceu em 1956. Em São Paulo, uma escola leva seu nome.

Revocata Heloísa de Melo³⁷ (1862-1944): Revocata Heloísa de Melo nasceu em Porto Alegre, em 31 de dezembro de 1862. Foi escritora, editora e abolicionista. Era filha dos já citados, professora, poetisa e escritora Revocata Passos Figueirôa e Melo e do comerciante João Côrrea de Melo, e irmã da também escritora já citada aqui, Julieta de Melo Monteiro. A influência familiar na área das letras acabou por despertar o interesse de Revocata em seguir o mesmo caminho. Aos 22 anos, em Rio Grande, junto com sua irmã Julieta, fundou a revista *Corymbo*, em 1885, primeiro órgão da imprensa feminina no sul do país e que se manteve por mais de meio século em circulação na cidade de Rio Grande; extinguiu-se por ocasião da morte de Revocata, em 1944.

O jornal, de apenas quatro páginas e de periodicidade variada, tratava de assuntos literários e serviu como fonte de divulgação para novas escritoras. Além disso, serviu como uma rede para as mulheres literatas, ajudando-as a combater os preconceitos referentes à presença feminina na literatura. Grande parte da produção literária das duas irmãs foi veiculada por essa revista.

Revocata também diplomou-se professora e foi uma abolicionista militante. Com o dinheiro de suas conferências comprava escravos e os alforriava. Também arrecadou dinheiro com vistas a angariar donativos para os que sofriam com a seca no nordeste do país. Participou da Sociedade do Parthenon Literário e colaborou, usando pseudônimos (Sybilla e Hemenguarda) em várias publicações, dentre as quais *O contemporâneo*, o jornal *Diário de Pelotas*, a revista *Violeta*, que ajudou a criar, e *A Ventarola*. Em 1901, fundou uma organização feminina em Rio Grande, o Clube Beneficente Senhoras que existiu até sua morte. Nunca publicou um livro inteiro de poesias, apenas obras soltas, dentre elas: *Folhas errantes* (1882), *Coração de mãe* (1893), *Berilos* (1911). Faleceu em Rio Grande, em 23 de fevereiro de 1944.

Rosalia Sandoval³⁸ (1876? - 1956): Rosalia Sandoval nasceu em 1876, no estado de Alagoas. Era filha do Major Felício Santiago de Abreu e de Epifânia de Pontes Abreu. Era

³⁷ O texto que contém a parte biográfica Revocata Heloísa de Melo foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 478. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 50 anos de literatura – perfil das patronas; Dulcília Helena Schoroeder Buitoni, *Mulher de papel*; Maria T.C. Crescenti Bernardes, *Mulheres de ontem?*; Miriam Steffen Vieira, *Atuação Literária de escritoras do Rio grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*; Raimundo Meneses, *Dicionário literário brasileiro ilustrado*; Sacramento Bake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*.

³⁸ Para compor a biografia de Rosalia Sandoval foram utilizadas informações dos sites: <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/rosalia.html>>. e <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/rosalia_vida.html>. Acesso em: 08 fev. 2013.

também Irmã do poeta Sebastião de Abreu. Era mestiça e sua família muito pobre. Apesar de tudo, conseguiu vencer todos os preconceitos e construir uma carreira como educadora e escritora. Publicou durante mais de 50 anos em jornais, revistas, e almanaques, também publicou alguns livros, dentre os quais livros didáticos, no entanto suas obras deixaram poucos vestígios de sua biografia.

Através da literatura, Rosalia se questionou e rompeu com valores tradicionais que eram fortemente transmitidos na sociedade alagoana do período. Faleceu em 1956, em Alagoas.

Zalina Rolin³⁹ (1869 - 1961): Maria Zalina Rolin Xavier nasceu em Botucatu, São Paulo, em 1869. Foi professora, educadora e poetisa. Em 1893, passou a viver em São Paulo. Escreveu para diversos jornais e revistas femininas, entre eles: *A Mensageira*, *O Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo*. Entre suas obras destacam-se: *O Coração* (1893), *O Livro das Crianças* (1897) e o *Livro da Saudade* (organizado em 1903 para publicação póstuma.). Faleceu em São Paulo, em 1961.

Zulmira do Amaral Lisboa⁴⁰ (1856 - 1944): Zulmira nasceu em 1856, na cidade de Rio Pardo. Era irmã de Anna Aurora e Carlota do Amaral Lisboa. Dedicou-se às letras e à educação, fundando, juntamente com suas irmãs, o colégio Amaral, estabelecimento marcante para a cidade de Rio Pardo.

Observa-se que, dentre as autoras citadas, temos: seis gaúchas, três cariocas, duas paulistas, uma paraibana, uma baiana, uma catarinense, uma norte-rio-grandense, uma alagoana e uma francesa.

As informações sobre as biografias citadas neste subcapítulo foram organizadas numa tabela. Ver apêndices: Tab.1. Mulheres no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. As informações sobre outras mulheres que aparecem nos índices de autoras do almanaque, mas que não foi possível localizar suas biografias, foram organizadas em outra tabela. Ver apêndices: Tab.2. Outras mulheres no *Almanaque Literário e Estatístico da do Rio Grande do Sul*.

³⁹ Para compor a biografia de Zalina Rolin foram extraídas informações do site Ensaio de Literatura Infantil da Unicamp, disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/LiteraturaInfantil/zalina.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁴⁰ Para compor a biografia de Zulmira do Amaral Lisboa foram retirados dados do site: <<http://www.projetoportunidade.com.br/principal.php?modulo=5&acao=detalhe&chaveCategoria=18&nomeCategoria=Literatura&chaveSubCategoria=6&nomeSubCategoria=Texto%20do%20Autor&chaveSubSubCategoria=182&nomeSubSubCategoria=Enciclop%C3%A9dia&chaveAutor=167&nomeAutor=Ant%C3%B4nio%20Carlos%20Machado%20&chaveConteudo=36701&nomeConteudo=AMARAL%20LISBOA>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

6.2 AS MULHERES NO ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO

No *Almanaque Popular Brasileiro*, evidenciamos a presença de 98 mulheres, sendo que algumas são as mesmas que têm seus textos publicados no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Seguem algumas trajetórias de vidas dessas mulheres.

Albertina Paraizo⁴¹ (1864 - 1964): Albertina nasceu em Portugal, foi poetisa, jornalista e feminista. Dirigiu a seção feminina da revista *Contemporânea*, de Lisboa, e o *Almanaque das Senhoras Portuenses*.

Anna Aurora do Amaral Lisboa: Mencionada anteriormente

Amélia de Oliveira⁴² (1865 - 1965): Amélia de Oliveira era de família simples. Nasceu, provavelmente, no estado do Rio de Janeiro, em 1865. Era irmã do poeta Alberto de Oliveira e foi a eterna noiva de Olavo Bilac.

Adelaide de Castro Alves Guimarães⁴³ (1854 - 1940): Adelaide nasceu em Salvador, Bahia, em 1854. Era filha do cirurgião e professor de Medicina Dr. Antônio José Alves e de Clélia Brasília de Castro Alves e irmã do poeta e abolicionista Castro Alves. Casou-se com o jornalista e político baiano Augusto Álvares Guimarães, com quem teve uma filha, a também poetisa Glória de Castro Alves Guimarães. Foi musicista, pintora, desenhista e poetisa. Adelaide viveu à sombra de homens ilustres, cumpriu a sina de muitas mulheres do século XIX que, imbuídas da "sagrada missão de mães e esposas", dedicaram-se à glória dos homens de suas famílias. Viveu no ineditismo, tendo seus poemas reconhecidos somente no século XX com a iniciativa de publicá-los por parte das filhas. Faleceu em 1940.

Adelina Amélia Lopes Vieira⁴⁴ (1850-?): Adelina nasceu em Lisboa, Portugal, em 20 de setembro de 1850. Veio para o Brasil com os pais, quando tinha pouco mais de um ano. Formou-se professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro, atuou como professora e também se dedicou à literatura. Escreveu livros de poemas para adultos, livros para crianças e peças de teatro, além de ter sido tradutora e colaboradora em jornais e revistas brasileiras, dentre os quais o jornal *O Tempo*, que defendia a política do presidente Floriano Peixoto.

⁴¹ Para compor a biografia de Albertina Paraizo foram utilizados dados do site da hemeroteca digital de Lisboa: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AlImprensa.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁴² Para compor a biografia de Amélia de Oliveira foram utilizados dados do site: <http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/amelia_de_oliveira.html>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁴³ Para compor a biografia de Adelaide de Castro Alves Guimarães foram utilizadas informações do site: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/adelaide_vida.html>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁴⁴ Para compor a biografia de Adelina Lopes Vieira foram utilizadas informações extraídas de: STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira *Uma leitura de contos infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida*. Trabalho de Conclusão de curso, UNESP, 2001. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/93/94>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

Alice Moderno: Mencionada anteriormente

Anna Teófila Filgueiras Autran⁴⁵ (1856 - 1933): Nasceu em Salvador, Bahia, em 1856, no seio de uma família de elite. Foi pioneira na defesa dos direitos femininos na Bahia. Sua produção literária encontra-se dispersa na imprensa. Anna Autran colaborou intensamente para a imprensa, escrevendo em jornais baianos, cariocas e portugueses com espírito aguerrido e de agitadora. Republicana e abolicionista convicta, ela se revelou uma das pioneiras na luta pelos direitos sociais da mulher na Bahia. Faleceu em 1933.

Anna Nogueira Babtista⁴⁶ (1870 - 1967): Ana Nogueira Batista nasceu em 22 de outubro de 1870, em Icó, Ceará. Era a caçula dos nove filhos de Teresa de Albuquerque Melo Nogueira Rabelo e João Nogueira Rabelo. Perdendo a mãe muito cedo, aos dois anos de idade, passou a ser cuidada por uma ex-escrava. Seu pai foi presidente da Sociedade Libertadora dos Escravos e a segunda esposa dele, a presidente do setor feminino da associação. Em 1883, a cidade de Icó foi uma das primeiras cidades do país a libertar-se do trabalho escravo e toda a família Nogueira Rabelo empenhou-se na causa da abolição, especialmente as mulheres. Sua madrasta era rígida com sua educação. Ensinou-lhe o francês que usava para ser intérprete dos parques viajantes que visitavam aquela região e para traduzir obras de autores franceses. Em 1883, morando em Fortaleza, frequentava as rodas literárias. Colaborou com a revista *A quinzena* e com o *Almanaque do Ceará*. Na década de 1890, Ana conheceu os fundadores do movimento literário *A Padaria Espiritual*, cujos membros eram os “padeiros” e o jornal fundado pela associação chamava-se *O Pão*. Ana era frequentadora dos saraus promovidos pela associação e era colaboradora ativa do jornal. Foi lá que conheceu seu marido, Manuel Sabino Batista, um dos fundadores do movimento. Casou-se aos 26 anos e ficou viúva três anos depois, grávida de seis meses e com dois filhos pequenos. Acabou perdendo o bebê e sua vida passou a ser mais difícil. Morando em Recife, Pernambuco, tentou retomar a vida aos poucos, tornou-se professora e fundou, junto com outras escritoras, a revista *O Lyrio*, na qual destacava que as mulheres não eram o sexo frágil. Colaborou com a revista até 1903, momento em que deixou o mundo da escrita. Como professora, atuou até 1920. Na década de 1960, seus poemas foram, por fim, reunidos em um livro intitulado *Poesias*. Faleceu em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 22 de maio de 1967, aos 96 anos de idade.

⁴⁵ Informações retiradas do trabalho de LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Educação Feminina na Bahia: História e Memória (séculos XIX e XX)*. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/428MarciaMariaLeite.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

⁴⁶ O texto, que contém a parte biográfica de Ana Nogueira Batista foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 61, 62. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Antônio Sales, *Almanaque do Ceará*; G. Studart, *Dicionário Bibliográfico cearense*; J.F. Sobrinho, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*; Colaboração especial de Luís Eduardo Nogueira Lerina.

Andradina de Oliveira: Mencionada anteriormente.

Auta de Souza: Mencionada anteriormente.

Cândida de Oliveira Fortes: Mencionada anteriormente

Cláudia de Campos⁴⁷ (1859? - 1916): Cláudia de Campos nasceu em Sines, Portugal, em 1859. Era filha de Maria Augusta Palma de Campos e de Francisco Antônio de Campos. Casou-se aos 16 anos com Joaquim D'Ornelas e Matos. Frequentou academias e salões literários da alta sociedade de Lisboa. Cláudia escreveu diversos ensaios sobre a condição da mulher. Foi escritora e feminista, integrou os movimentos pacifistas e feministas do início do século XX e foi diretora da Seção Feminista da Liga Portuguesa da Paz em 1906. Algumas de suas obras são: *Rindo, O Último Amor, Mulheres: ensaios de psicologia feminina, A esfinge, A baronesa de, Staël o Duque de Palmela e Ele*. Na obra *Ele* retrata locais e pessoas de seu convívio, porém, atribuindo-lhes diferentes nomes. Cláudia interessou-se pelos estudos franceses, alemães e ingleses.

Elvira Gama: Mencionada anteriormente.

Francisca Clotilde⁴⁸ (1862 - 1935): Francisca Clotilde Barbosa Lima nasceu em Tauá, Ceará, em 1862. Era filha de Anna Maria Castelo Branco e João Correia Lima. Foi poetisa, escritora, educadora e abolicionista.

Estudou em Baturité e foi a primeira mulher a lecionar na cidade. A partir de 1880, passou a colaborar com o jornal *A Evolução*, além das revistas *A Quinzena, O Domingo, O Libertador, Almanaque do Ceará*, no Ceará; *Almanaque das Senhoras Alagoanas; O Lyrio*, de Recife; *A Família*, de São Paulo. Publicou, em 1889, *Noções de Aritmética* para a Escola Normal, *Coleção de Contos* e o romance *A Divorciada*, sua principal obra. Em Fortaleza, fundou o externato Santa Clotilde, fechado três anos depois por conta do preconceito que sofria por ser abolicionista e por defender a igualdade entre homens e mulheres. Em 1906, em Aracati, Ceará, fundou a revista *A Estrela* que circulou durante 15 anos e era destinada ao público feminino. Em Aracati, não sofreu o mesmo preconceito por suas ideias como em Fortaleza.

Participou também do movimento pioneiro pela libertação dos escravos no Ceará,

⁴⁷ Para compor a biografia de Cláudia de Campos foram retiradas informações do site: <<http://www.sines.pt/PT/concelho/personalidades/clauidiacampos/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁴⁸ O texto, que contém a parte biográfica de Francisca Clotilde foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 61, 62. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Gisela Paschen Schimmelpfeng, *A mulher e a abolição*; Raimundo Girão e Maria Conceição Souza, *Dicionário de Literatura Cearense*. Também foram retiradas informações do site Recanto das Letras. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/biografias/1789435>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

integrando a sociedade abolicionista Cearenses Libertadoras, composta somente por mulheres. Faleceu em 08 de março de 1935.

Francisca Júlia da Silva: Mencionada anteriormente

Gracia Hermelinda da Cunha Mattos⁴⁹ - Segundo consta, foi a primeira filósofa brasileira e por isto apelidada de “a filosofinha”.

Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona : Mencionada anteriormente.

Josephina Alvarez Azevedo⁵⁰ (1851 -?): Josephina Alvarez de Azevedo nasceu em Recife, Pernambuco, em 1851. Era prima do poeta Alvarez de Azevedo.⁵¹ Josephina foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil. Não se tem registros sobre quem eram seus pais, nem sobre possíveis matrimônios e filhos. Era professora, jornalista, escritora e feminista. Sua obra foi uma militância pela conquista de direitos femininos.

Morando em São Paulo desde 1877, funda em 1888 o jornal de cunho feminista *A Família* que, depois seis meses após a sua fundação, foi transferido para o Rio de Janeiro circulando até 1897-8. *A Família* constitui-se um periódico importante para a discussão de temas ligados a condição feminina na sociedade. A autora defendia a educação como condição *sine qua non* para a construção da independência feminina. Após a Proclamação da República, *A Família* tornou-se um veículo importante de propaganda do direito ao voto feminino. Ela mesma publicou diversos artigos defendendo que sem esse direito estendido às mulheres, a igualdade prometida pelo novo regime não passaria de utopia.

Josephina também escreveu a peça de teatro *O voto feminino* (1890) que se tornou uma obra importante para as discussões em torno do direito ao voto feminino na Constituição de 1891 e, posteriormente, uma obra de referência dentro do movimento pela conquista do voto feminino. Também escreveu *Retalhos* (1890), *A Mulher Moderna* (1891), *Galeria Ilustre: (Mulheres Célebres)* (1897) e *Solidariedade Feminina* (1897).

Julia Cavalcanti⁵² (1872 - 1890): Segundo as indicações do próprio *Almanaque Popular Brasileiro*, foi um dos mais esperançosos talentos femininos do Rio Grande do Sul. Faleceu em Pelotas, em 24 de abril de 1890, com apenas 18 anos de idade.

⁴⁹ Para compor a biografia de Gracia Hermelinda da Cunha Mattos foram retiradas informações da página de Heloísa Buarque de Holanda. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/letras-armas-e-virtudes/>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

⁵⁰ Para compor a biografia de Josephina Alvares de Azevedo foram retiradas informações dos sites: A mulher na literatura da UFSC. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/josefina_vida.html>. Acesso em: 17 jan. 2013; do trabalho de OLIVEIRA, Karine da Rocha. *Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional, 2009. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine_da_Rocha.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2013; e do *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 301.

⁵² Informações retiradas do *Almanaque Popular Brasileiro* para o ano de 1897, p.181.

Julia Cortines⁵³ (1863 - 1948): Julia Cortines, nasceu Rio Bonito, Rio de Janeiro, em 1863. É considerada uma das mais virtuosas poetisas fluminenses. Junto com Francisca Julia, representa o melhor da poesia parnasiana feminina brasileira. Era filha de Júlia e de João Batista Cortines Chaves. Seus estudos primários foram com a avó e já aos 13 anos passou a escrever seus primeiros poemas. Após retornar de uma temporada na Europa, passou a ter uma coluna no jornal O País, intitulada “Através da vida”.

Algumas de suas obras são: *Versos* (1894) e *Vibrações* (1905). Julia chegou a ser lembrada para compor a Academia Brasileira de Letras, mas foi afastada por ser mulher. Em 1919, porém, foi homenageada pela Academia Fluminense de Letras. Julia empresta seu nome a uma série de ruas escolas do estado do Rio de Janeiro. Faleceu em 19 de março de 1948, no Rio de Janeiro.

Julia Lopes de Almeida: Mencionada anteriormente.

Julieta de Mello Monteiro: Mencionada anteriormente.

Maria Amália Vaz de Carvalho⁵⁴ (1847 - 1921): Maria Amália Vaz de Carvalho nasceu em Lisboa, Portugal, em 1847. Foi casada com o poeta Gonçalves Crespo. Foi uma poetisa consagrada pelos intelectuais da época. Escreveu crônicas para jornais como *O Diário Popular*, *Jornal do Comércio*, *Repórter*, *Artes e Letras*, *Diário de Notícias*, *Novidade e Ocidente e Comercio do Porto*. Dedicou-se a questões relacionadas à educação e condição da mulher. Entre as suas obras destacam-se: *Uma Primavera de Mulher* (1867), *A Arte de Viver em Sociedade* (1895), *Cérebros e Corações* (1903), *Carta a uma Noiva* (1911).

Maria Augusta Meira de Vasconcellos⁵⁵ (1872 - ?): Maria Augusta nasceu em Pernambuco, em 1872. Era filha de Joaquina Coelho Meira de Vasconcellos e do capitão Ascênio Minervino Meira de Vasconcellos. Em 1889, formou-se na tradicional Faculdade de Direito de Recife, faculdade onde, desde a sua criação em 1827, somente outras três mulheres tinham sido diplomadas. Embora pioneira no Direito, provavelmente não exerceu a profissão. Em 1892, casou-se com o intelectual Mário Freire e acabou por dedicar-se integralmente à literatura. Seus conhecimentos jurídicos, no entanto, a ajudaram a problematizar temas

⁵³ O texto, que contém os dados biográficos de Julia Cortines, foi retirado do livro *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 303-4. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Henriqueta Galeano, *Mulheres admiráveis*; Mariana Coelho, *a Evolução do feminismo*; Sílvia Paixão, *A fala-a menos. A repressão do desejo na poesia feminina*.

⁵⁴ Para compor a biografia de Maria Amália Vaz de Carvalho foram retiradas informações do site Portal da Literatura. Disponível em: <<http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=200>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁵⁵ O texto, que contém a parte biográfica de Maria Augusta Meira de Vasconcellos foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 368. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Arquivo da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife; Luzilá Gonçalves Ferreira, *Em busca de Thargélia*.

políticos e sobre os direitos das mulheres. Escreveu em diversos jornais e revistas do país, reivindicando direitos para as mulheres, em especial, o direito ao voto. Maria Augusta também foi uma das principais redatoras da revista feminina *O Lyrio*, entre 1902-1904.

Maria Torres Frias⁵⁶ (1883 - 1953): Nasceu em 1883, na Argentina, e faleceu em 1953. Foi escritora, sua produção ganhou reconhecimento crítico no país e no exterior. Suas obras publicadas são: *Camino Del Ensueño* (1923), *Fosforescências* (1930), *Aurora Boreal* (1934), *Ritmo Sonoro* (1941), *Hontanar* (1941).

Narcisa Amália de Campos⁵⁷ (1852 - 1924): Narcisa nasceu em São João da Barra, Rio de Janeiro, em 03 de abril de 1852. Filha da professora primária Narcisa Inácia de Campos e do poeta Jacome de Campos. Foi poetisa e jornalista. Em Resende, Rio Janeiro, casou-se com apenas 14 anos de idade com um artista ambulante, mas o casamento, por sua vez, não durou muito tempo.

Seu primeiro e único livro de poesias *Nebulosas* foi publicado em 1872. Casou-se novamente com Francisco Cleto da Rocha. Narcisa colaborou para diversos periódicos como os jornais *A Imprensa*, e *A República*. Dirigiu o periódico *A Gazetinha: folha dedicada ao belo sexo*. Foi precursora ao escrever na imprensa local sobre a luta pelos direitos das mulheres e sobre a abolição da escravidão. O imperador D. Pedro II, em visita a Resende, fez questão de ouvir pessoalmente os poemas da Narcisa.

Seu segundo casamento também não deu certo e Narcisa passou a viver no Rio Janeiro onde fez um novo círculo de amizades e foi uma das primeiras mulheres a se profissionalizar como jornalista. Faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de junho de 1924.

Ninon de Lenclos⁵⁸ (1620 - 1705): Ninon de Lenclos nasceu em Paris, em 17 de novembro de 1620. Foi escritora, patrona de artes. Ninon manteve um salão literário em Paris desde 1667. Era o símbolo da mulher livre, culta e independente, representava a evolução dos costumes na França e precursora da mulher livre e independente. Escreveu diversas obras, inclusive peças teatrais. Faleceu em 1705.

⁵⁶ Para compor a biografia de Maria Torres Frias foram retiradas informações do site Portal de Salta, Argentina. Disponível em: <<http://www.portaldesalta.gov.ar/torresfrias.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

⁵⁷ O texto, que contém a parte biográfica de Narcisa Amália de Campos foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 437. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Heloísa Buarque de Holanda e Lúcia Nascimento Araújo, *Ensaístas Brasileiras*; Sílvia Paixão, *A fala-a-menos*. Zahidé L. Muzart, *Escritoras brasileiras no século XIX*, Maria T.C. Crescenti Bernardes, *Mulheres de ontem?* Também foram retiradas informações do site a mulher na literatura da UFSC. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/narcisa_vida.html>. Acesso em: 12 mai. 2011.

⁵⁸ Para compor a biografia de Ninon de Lenclos foram retiradas informações do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ninon_de_Lenclos>. Acesso em: 17 jan. 2013.

Presciliana Duarte de Almeida⁵⁹ (1867-1944): Presciliana nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, em 03 de junho de 1867. Começou sua carreira literária ainda na sua cidade, dedicando-se à poesia e à literatura. Sua carreira jornalística iniciou com a fundação do quinzenário manuscrito *O Colibri*, junto com sua amiga Maria Clara da Cunha Ramos. Em 1890, publicou seu primeiro livro de poesias, intitulado *Rumorejos*, seguido de outro, intitulado *Pirilampos*. Contribuiu com o periódico *Imprensa Liberal* e *A Família*. Casou-se com o professor Sílvio de Almeida, em 1892, e mudou-se para São Paulo, onde, em 1897 lançou um periódico exclusivamente voltado para o público feminino: *A Mensageira*. O periódico veiculava notícias sobre a situação feminina no país e sobre o movimento feminista no exterior. Criticava os preconceitos enfrentados pelas mulheres e defendia maiores direitos para elas. Em 1898, publicou o livro didático *Páginas Infantis* e, em 1914, *O livro das Aves*. Faleceu em 1944.

Revocata Heloísa de Melo: Mencionada anteriormente.

Zalina Rolin: Mencionada Anteriormente.

Observa-se que, dentre as autoras citadas, temos: quatro portuguesas, duas francesas, uma argentina, seis gaúchas, uma norte-rio-grandense, duas cearenses, duas pernambucanas, seis cariocas, duas baianas, duas paulistas, uma mineira e uma que não teve sua origem identificada.

As informações sobre as biografias citadas nesse subcapítulo foram organizadas numa tabela. Ver apêndices: Mulheres no *Almanaque Popular Brasileiro*. As informações sobre outras mulheres que aparecem nos índices de autoras do almanaque, mas que não foi possível localizar suas biografias foram organizadas em outra tabela. Ver apêndices: Outras mulheres no *Almanaque Popular Brasileiro*.

6.3 SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS VOZES FEMININAS NOS ALMANAQUES

Como observamos, todas as biografias apresentadas aqui revelam mulheres com trajetórias de vidas bastante interessantes, que romperam barreiras, preconceitos e se dedicaram a escrever, lecionar, lutar pela educação das mulheres, pelo direito ao voto feminino, pela liberdade dos escravos, dentre outras causas. É interessante notar que praticamente todas essas mulheres eram provenientes de famílias que tinham algum tipo de

⁵⁹ O texto, que contém a parte biográfica de Presciliana Duarte de Almeida foi adaptado do verbete que consta no *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, p. 468. O texto apresentado no dicionário, por sua vez, retira as informações sobre a autora das seguintes fontes: Jan-Korybut-Woroniecki, Eles construíram a grandeza de São Paulo; Mari T.C. Crescenti Bernardes, Mulheres de ontem?; A mensageira.

contato com as letras ou artes.

As biografias citam jornais, revistas e almanaques nos quais estas mulheres publicaram seus escritos, no entanto, nenhuma das biografias pesquisadas menciona o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* ou o *Almanaque Popular Brasileiro*, como locais nos quais publicavam seus textos e, como já sabemos, todas deixaram seus textos impressos neles. Alguns textos, em particular, muito significativos sobre a condição feminina, como veremos no próximo capítulo. Por se tratar de almanaques importantes no período analisado e de alcance nacional, acreditamos que o fato de todas elas escreverem neles seja bastante significativo, pois essas mulheres publicaram em distintas publicações, femininas, feministas ou destinadas ao público geral, e também nos almanaques, que tinham um caráter popular e um propósito de servir como guia, como um manual, o que evidencia que essas mulheres faziam com que seus escritos chegassem a públicos e locais distintos, alcançando assim, maior abrangência para suas ideias.

Depois de apresentar essas biografias, reiteramos nossa afirmativa de que o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque Popular Brasileiro* configuravam-se como espaços de disputa de poder de gênero. Neles encontramos textos de autores nacionais e internacionais, alguns de reconhecida importância que enalteciam as mulheres através da poesia e as desqualificam através da ironia, como vimos no capítulo anterior. Repetiam representações sobre as mulheres como seres dóceis, passivos, maternais, mas também como seres associados ao diabo e a tudo a ele relacionado: inveja, maldade, tagarelice, cobiça, orgulho. Contudo, também encontramos nos almanaques representações sobre as mulheres tecidas por elas próprias e que começam a divergir das que a cultura patriarcal preconizava.

Sem dúvida, esse embate de representações acerca das relações entre os gêneros e, sobretudo sobre as mulheres, engendrou reflexões nos leitores e leitoras, provavelmente, ajudando a construir novas representações sobre os papéis de gênero na sociedade.

7 ALMANAQUES: UM ESPAÇO DE FIXAÇÃO DE CONDUTA E DISPUTA DE PODER

Seriam então os Almanques, *“Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras”*? Ao término dessa pesquisa, podemos afirmar que, se por um lado, os almanques se constituíam sim, por uma série de textos disciplinadores da conduta feminina; por outro, notamos que as leitoras/escritoras não eram tão ingênuas como eram descritas, uma vez que participaram ativamente das publicações e, muitas delas, questionaram a condição social das mulheres e reivindicaram, sobretudo, o direito à educação e instrução feminina.

Para tecer as considerações finais da pesquisa é preciso recordar a problemática que norteou o trabalho, composta por uma série de questões: “Somente esse tipo de leitura “saudável” para as mulheres, existia nas páginas desses almanques? Seriam os almanques disciplinadores da postura das mulheres na sociedade? Teriam como base o pensamento masculino da época? Que tipo de comportamentos de gênero é mencionado nos almanques? Qual a importância da voz feminina nos almanques? As mulheres têm um papel distinto dos homens?”.

Nas próximas linhas, nosso objetivo é responder essas questões com base nas análises e conclusões que tecemos ao longo do trabalho, resultado do cotejamento das fontes.

É possível afirmar que a grande maioria dos textos escritos por homens nos almanques, tinha o objetivo de transmitir leituras “saudáveis” e disciplinadoras da conduta feminina na sociedade. Como vimos, uma grande quantidade de poesias e textos elevava a figura feminina, exaltando comportamentos e papéis de gênero esperados para as mulheres da época.

Enfatizavam-se nesses textos a passividade e fragilidade das mulheres como virtudes: “Perante a razão humana, o que haverá na natureza mais digno de admiração que esses entes queridos, cuja força está na própria fraqueza” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 120). Que suas existências estavam sempre atreladas aos homens, com o objetivo de servir-lhes e dar-lhes alegrias: “Ela é a companheira do homem, é a irmã dos anjos do céu, para acompanhá-lo na solidão da vida, como para iluminar-lhe o trânsito” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 144). Caracterizando-se como o desejo e sonho de todos os homens: “a mulher: esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as nossas esperanças, de todos os nossos desejos” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1907, p.142). Que como mães desempenhariam o seu mais nobre e

importante papel social, uma vez que: “O amor materno é verdadeiramente um reflexo da divindade. Digo da divindade, porque Deus somente é suscetível de tantas bondades” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1894, p. 247-8).

Além dos textos que pretendiam enaltecer as “qualidades” femininas esperadas para a época, foi possível encontrar nos almanaques uma série de textos que repreendia e ironizava certas atitudes femininas. Muito comuns eram as piadas e textos que atrelavam as mulheres à figura do diabo: “Deus fez o homem, enfim, belo e sublime escravo da razão... Bravo! Urrou Satã – Bravo! É mister, que eu faça agora igual... E , por seu turno, bravo! Deus exclamou: Satã tinha feito a mulher!” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1904, p.220-1). Eram representadas também como sendo tagarelas, vaidosas, mesquinhas, maldosas, teimosas, ignorantes e pouco confiáveis: “Querei fazer prevalecer uma opinião? Dirigi-vos às mulheres. Elas recebê-la-ão de bom grado, porque são ignorantes; espalhá-la-ão prontamente, porque são tagarelas; sustentá-la-ão, porque são teimosas” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 147).

As que não aderiam ao matrimônio sofriam severas críticas nas páginas dos almanaques, sendo ridicularizadas e tratadas como um problema social: “Os moços não querem casar-se com velhas, no que fazem muito bem; os velhos não estão para aturar noivas da sua idade, no que procedem ainda melhor. “E sempre iludidas, mas esperançadas, sempre vaidosas, mas feridas no seu orgulho, sempre ridículas e tolas, mas julgando-se muito assisadas não querem estas heroínas de comédia convencer-se de que hão de morrer *tias*. *Tias!* Que horror!” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1897, p.161-7).

Dos textos escritos por homens, apenas dois, do mesmo autor, mencionavam positivamente as lentas conquistas femininas na sociedade e acreditavam em um futuro promissor para as mulheres: “A mulher não é ainda o que dela espera a criação. Foi a primeira delas quem abriu o caminho das descobertas na árvore das ciências, e, como a Bíblia fez da sua curiosidade um crime, as outras até hoje não têm querido afrontar-se a procurar no seio do desconhecido a luz das verdades eternas” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1889, p. 132). “Os bancos acadêmicos já sentem o alvorecer de suas glórias no roçar das gazes que os frequentam; a imprensa tem apontado no século de hoje talentos invejáveis que aparecem divinizados pelo aplauso publico” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1901, p. 161).

Assim, em relação aos escritos masculinos é possível afirmar que a grande maioria deles tinha como base o pensamento masculino da época e buscava disciplinar a conduta feminina, ora por meio de elogios, ora por meio de ironias.

Essa grande quantidade de textos disciplinadores da conduta feminina nos poderia fazer crer que os almanaques apenas continham esse tipo de texto e que não haveria espaço para as mulheres. No entanto, ao analisar detalhadamente, almanaque por almanaque, descobrimos uma significativa presença feminina como escritoras e colaboradas dos mesmos. Foram encontrados mais de 130 nomes de autoras e colaboradoras no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, e mais de 98 no *Almanaque Popular Brasileiro*, totalizando mais de 228 mulheres escritoras e colaboradoras nos dois almanaques. Esse número, que embora comparado com o número de homens cujos nomes figuram na lista de autores e colaboradores dos almanaques seja pequeno, representa uma intensa participação feminina na imprensa naquele final do século XIX e início do século XX.

As autoras dos textos publicados no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e *Almanaque Popular Brasileiro* eram mulheres do Rio Grande do Sul, de diversos outros estados brasileiros e mesmo do exterior. Muitas delas foram educadoras, editoras, escritoras, poetisas, feministas, abolicionistas. Em nossa pesquisa, limitamo-nos a analisar o que essas mulheres escreviam em relação à condição das mulheres na sociedade e sobre as relações de gênero, no entanto, essas mulheres escreveram sobre temas diversos que apenas foram mencionados aqui, mas que futuramente renderiam interessantes pesquisas.

A grande presença feminina nos almanaques, como autoras e colaboradas, enfatiza a ideia de que os almanaques se constituíam não somente como espaços de disciplinarização da conduta feminina na sociedade, mas também como importante espaço de disputa de poder. Através das análises dos escritos femininos foi possível perceber qual a importância, para uma mulher de ter seus textos publicados na imprensa. Especificamente, estamos falando do texto de Anna Aurora do Amaral Lisboa sobre a importância de ver seus escritos no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*:

Recordo-me ainda do sentimento de Satisfação, talvez de amor próprio, que experimentei, quando recebi a primeira circular de seu redator, solicitando a minha obscura colaboração; acostumei-me a ver desde o seu primeiro volume o meu nome figurando na lista de colaboradores; e, mais que tudo, habituei-me a esperar, com impaciente sofreguidão, o seu reaparecimento todos os anos, antegozando o prazer de sua amena leitura (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 125-6).

Alguns textos femininos refletem o modo como as mulheres assumiram os papéis de

gênero desejados para elas. Assim, são comuns os textos que versam sobre o amor dispensado ao lar, o espaço de poder feminino por excelência: “Ó lar! Doce e casto ninho de felicidade, pretensioso erário de nossas mais santas aspirações, eu te bendigo!” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 221). Textos que exaltam os sentimentos maternos e a importância social das mães na educação dos filhos que, talvez numa tentativa de reconhecimento das funções maternas perante a sociedade, e, ao mesmo tempo, um alerta para as mulheres sobre a influência que as mães podem ter sobre a educação dos filhos e sobre toda a sociedade: “Mãe! Nome que por si só representa um mundo de ideias, sintetiza em si um mundo de afetos!” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 290). “As mães que educam bem seus filhos prestam à pátria e à humanidade um serviço de maior alcance do que o legislador promulgando leis, cuja aplicação é, em muitos casos, de um resultado nulo pela falta de instrução e preparo do povo” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1896, p. 145-6). É possível perceber, assim, como as mulheres transformavam esses “papeis” de mãe, esposa, filha e irmã que lhes eram reservados em estratégias de poder. Já o texto “Os porcos”, de Julia Lopes de Almeida, narra de maneira dramática os sentimentos ambíguos e incertos da maternidade.

Os textos que denunciam a educação superficial recebida pelas mulheres: “A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite certamente responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Aí a nossa desgraça!” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 270). “O que combatemos, e cada vez mais convictamente, é o erro em que laboram muitos pais, entendendo que a educação intelectual, aquela que melhor prepara o indivíduo para a luta da existência, merece menos cuidados, quando se trata das filhas do que dos filhos” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 108)”, apresentam, como justificativa para reivindicar o direito à educação e à instrução, a ideia de que, melhor instruídas, as mães poderiam desempenhar melhor seu papel de responsáveis pela educação dos futuros cidadãos da nação. Aqui, mais uma vez fica evidente que essas mulheres transformavam os papéis de gênero a que eram submetidas em estratégias de poder.

Nos seus textos, as mulheres apenas reivindicam o direito à educação e algumas deixam claro não ter a pretensão de reivindicar nenhum outro direito reservado até então aos homens. “Não reclamamos para o sexo a que pertencemos nenhum dos direitos civis e políticos que até aqui têm sido privilégio do outro sexo; não procuramos reivindicar a pretensa igualdade de aptidões intelectuais entre o homem e a mulher” (ALMANAQUE

POPULAR BRASILEIRO, 1899, p. 108) Essa atitude talvez revele a sensibilidade das autoras em compreender que, antes de tudo, o direito básico da educação deveria ser estendido ao maior número possível de mulheres, uma vez que acreditavam ser a educação o primeiro passo para a emancipação feminina. Era preciso saber avançar com calma e garantir os meios básicos para essa emancipação.

Nos almanaques também foi possível encontrar textos que serviam de exemplo e disciplina para as relações amorosas, filiais e conjugais.

Através da análise de textos, poesias, crônicas e anedotas foi possível perceber como os almanaques construíram imagens idealizadas de mulheres, disciplinaram suas condutas e como elas resistiram e subverteram aos modelos impostos, em duas publicações importantes para o estudo da História Social, Cultural e de Gênero no sul do Rio Grande do Sul, numa cidade que se pensa cosmopolita em um momento de intensas transformações sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Historiadores rio-grandinos**. Rio Grande: FURG, 2001. (Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense; 7).

_____. Alfredo Ferreira Rodrigues e uma notícia histórica do Rio Grande do Sul. **Biblos**, Rio Grande, 16: 97-106, 2004.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. **Tramas femininas na imprensa do século XIX: Tessituras de Iñez Sabino e Délia**. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ASSIS, Machado de. **Como se inventaram os almanaques**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000079pdf.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e as relações homens homem-mulher (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BOEIRA, Nelson Fernando. O Rio Grande de Augusto Comte. In: GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: Cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (p. 34-59).

BROTEL, Jean-François. Catálogo Almanak dos Almanques. In: Marlyse Meyer (org.), **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina/Ateliê Editorial, 2001. (p. 17-18). (Pr).

_____. Para una bibliografía de los almanaques y calendarios. **Elucidario**, n.1, p. 35-46, marzo de 2006. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1984281>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CABRAL Blanca. Elisa. & GARCÍA Carmen. Teresa. **El género**. Una categoría de análisis crítico para repensar las relaciones sociales entre los sexos. 2005. Disponível em: <http://www.fongdcam.org/manuales/genero/datos/docs/1_ARTICULOS_Y_DOCUMENTOS_DE_REFERENCIA/A_CONCEPTOS_BASICOS/El_genero_como_categoria_de_analisis_critico.pdf>. Acesso em: 11 out. 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras 1711-2001**, São Paulo: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=hn8f_Vs-mZAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 dez. 2012.

CORREIA, J. David Pinto; GUERREIRO, Manuel Viegas. Almanques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. **Revista ICALP**, vol.6, Agosto/ Dezembro de 1986, p.43-52. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camões.pt/bdc/revistas/revistaicalp/almanques.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República**: momentos decisivos. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. **A formação do sistema literário de Pelotas**: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p 35.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DELUMEAU, Jean. O medo da mulher. In: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

DOSSE, François. **A História à prova do tempo**: da História em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo, Editora da UNESP, 2001.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. Sept./Dec. 2003, vol.17, n.49, p.151-172. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext> Acesso em: 10 dez. 2012.

ECO, Humberto. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYRER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, Verônica, F. Entre emancipadas e Quimeras – Imagens do feminismo no Brasil. **Cadernos AEL**, N. 3/4, p. 153-200, 1995, 1996. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/acl/website-acl_publicacoes/cad-3/Artigo-5-p153.pdf>. Acesso em 22 mar. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976, p.89.

_____. **História da loucura na Idade Clássica**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FRAISE, E.; POUMPOUGNAC, J.-C.; POULAIN, M. **Representações e imagens da leitura**. São Paulo: Ática, 1997, p. 62.

FREITAS, Claudia Fernanda de Barros. **Aspectos da história e da literatura na primeira década do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**. (1889-1900). 2007. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Fundação Universidade Federal do Rio

Grande, Rio Grande, 2007. Disponível em: <<http://www.ppgletras.furg.br/disserta/claudiafernanda.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: a moral e o imaginário: 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 120 p. (Coleção história; 7).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Educação Feminina na Bahia: História e Memória (séculos XIX e XX)**. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/428MarciaMariaLeite.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

LUCA, Tania Regina de.; MARTINS, Ana. Luiza. (Org.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO Lia Zanotta. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina de Oliveir; BRUSCHINI, Cristina. (Org) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lucia. Recônditos do Mundo Feminino. In: NOVAES, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (p. 367 – 421).

MARINHO, Ernandes Reis. As relações de poder segundo Michel Foucault. **E Revista Facitec**, v.2 n.2, Art.2, dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

MARRONI, Fabiane Villela. **Pelotas (re)vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa**. Tese. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de; ALVES, Gisele. “A nova mulher” educando as futuras mães. São Paulo 1850-1900. **Caderno Espaço Feminino**, v.15, n.18, p. 173-196. Jan./Jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//CEF/PDF/v15n18/Matos-Alves.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2012.

MEYRER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/Ateliê Editorial /Ateliê Editorial, 2001.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. Feminismo, imprensa e poder no Brasil contemporâneo. **MÉTIS: história & cultura** – v. 6, n. 12, p. 269-288, jul./dez. 2007.

MOREIRA, Maria Eunice (Org). **Narradores do Partenon Literário**. Vol. 3. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). **História da Literatura, teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. (p. 267-278).

_____. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: **Revista Estudos Feministas**. Santa Catarina: [s.n.], p. 225-226. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 16 dez. 2012.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o Século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional, 2009. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine_da_Rocha.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2013.

PAIM, Antônio. **Plataforma política do positivismo ilustrado**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e Leituras do Almanaque no Brasil**. Campinas, Mercado das Letras, 1998.

_____. Leituras de almanaques: **O cordãozinho e o Jeca**. 2000. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/mememoria/ensaios/almanaque.ht>>. Acesso em: 10 out. 2012.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1,p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

_____. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary del (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. (p. 278-321).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. (p. 167-234).

_____. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, Michelle et.al (org.). **História da Vida Privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1991. (p. 287-303).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Positivismo: um projeto político alternativo** (RS: 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986.

_____. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 dez. 2012.

_____. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

QUEIRÓS, EÇA. Prefácio para o Almanaque Enciclopédico (1896). In: **Notas Contemporâneas**, círculo de Leitores, Lisboa, 1981, p. 835.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O Processo Político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (p. 89 - 120).

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso** - A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Cultura e dominação: o discurso crítico do século XIX. **Letras de Hoje** – Revista do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras – PUCRS, Porto Alegre, n.109, p. 83-90, set. de 1997.

SCHUMAHER, Schuma, BRAZIL, Érico Vital (Org.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade** biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99. jul./dez. 1995. Disponível em: <http://ia600308.us.archive.org/21/items/scott_gender/scott_gender.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2013.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9 - **Diásporas, diversidades e Deslocamentos**. 2010, Florianópolis, UFSC.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando (org.) **História da Vida privada no Brasil**, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (p. 7-48).

SILVA; José Cláudio Sooma. Foucault e as relações de poder: O cotidiano da sociedade disciplinar tomado como uma categoria histórica. **Revista Aulas** - Dossiê Foucault N. 3 – dezembro 2006/março 2007. Organização: Margareth Rago & Adilton Luís Martins, p.19. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/17.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Dicionário de Escritoras Catarinenses**. Tese. (Doutorado em Teoria Literária) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2011.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (p. 278-283).

_____. Pisando no “sexo frágil”. **Nossa História**. Diadema, SP, ano 1, n.3, p.14-20, janeiro de 2004.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. (Org). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. (p. 15-23).

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira **Uma leitura de contos infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida**. Trabalho de Conclusão de curso, UNESP, 2001. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/93/94>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

THÉBAUD, Françoise. Género e historia en Francia: los usos de un término y de una categoría de análisis. **Cuadernos de Historia Contemporánea**. 2006, vol. 28, p. 41-46.

VALE, Rony. P. G. **A mulher nas piadas de almanaques: estratégias discursivas e representações sociais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2009.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA** vol.21 n. spe, p. 207-238. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502005000300012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2012.

VILHENA, Maria da Conceição. **Uma mulher pioneira**. Ideias, Intervenção e Acção de Alice Moderno. Lisboa: Edições Salamandra, 2001.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Sites:

Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul:

http://www.alf-rs.org.br/web/1_patrona.html

http://www.alf-rs.org.br/web/2_patrona.htm

Memória Unicamp:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio40.html>

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/zalina.htm>

Hemeroteca Digital de Lisboa:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AImprensa.pdf>

Antonio Miranda:

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/amelia_de_oliveira.html
http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/bahia/abel_pereira.html

A Mulher na literatura UFSC:

http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/anaAurora_vida.html
http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/auta_vida.html
http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/adelaide_vida.html
http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/narcisa_vida.html
http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/delminda_vida.html
<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/rosalia.html>
http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/rosalia_vida.html

Município de Sines, Portugal:

<http://www.sines.pt/PT/concelho/personalidades/claudiadecampos/Paginas/default.aspx>

Recanto das Letras:

<http://www.recantodasletras.com.br/biografias/1789435>

Heloísa Buarque de Holanda:

<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/letras-armas-e-virtudes/>

Wikipédia:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ninon_de_Lenclos
http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisca_J%C3%BAlia_da_Silva

Portal da Literatura:

<http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=200>

Portal de Literatura Infantil UNICAMP:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/zalina.htm>

Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães:

<http://www.cdofeminista.org/index.php/pt/biografias-de-feministas/46-alice-moderno-1867-1946>

<http://www.jacuipe Noticias.com/Historia/amelia.htm#mulherwww.crioula.org.org>

Projeto Passo Fundo:

<http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=5&acao=detalhe&chaveCategoria=18&nomeCategoria=Literatura&chaveSubCategoria=6&nomeSubCategoria=Texto%20do%20Autor&chaveSubSubCategoria=182&nomeSubSubCategoria=Enciclop%C3%A9dia&chaveAutor=167&nomeAutor=Ant%C3%B4nio%20Carlos%20Machado%20&chaveConteudo=36701&nomeConteudo=AMARAL%20LISBOA'>

<http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=5&acao=detalhe&chaveCategoria=18&nomeCategoria=Literatura&chaveSubCategoria=6&nomeSubCategoria=Texto%20do%20Autor&chaveSubSubCategoria=182&nomeSubSubCategoria=Enciclop%C3%A9dia&chaveAutor=167&nomeAutor=Ant%C3%B4nio%20Carlos%20Machado%20&chaveConteudo=36701&nomeConteudo=AMARAL%20LISBOA'>

Blogs:

<http://primeirareporter.blogspot.com.br/>

Brasiliiana USP:

<http://www.brasiliana.usp.br/node/373>

Jornal da cidade de Holambra:

<http://www.jcholambra.com.br/jconline/index.php?noticia=299>

Calandriers Saga:

<http://www.louisg.net/almanachs.htm>

Diário Popular de Pelotas:

http://srv-net.diariopopular.com.br/31_08_03/mario_osorio_magalhaes.html

Fontes utilizadas:

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul

1889

- Texto “O almanaque deve ser um livro que se possa, sem escrúpulos, confiar às mais inocente e à mais pura das leitoras” *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* de 1889.
- Texto “Todos os povos da antiguidade conheceram os almanaques...”. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1889, p.2.
- Texto “A mulher”. Pedro Antonio de Miranda (Santa Maria – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1889, p. 132.
- Texto “Mulher cadáver”. César Franco (Minas Gerais). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1889, p. 38.
- Texto “Ao 14 de julho”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1889, p. 130-131.

1892

- Texto “A mulher”. João M. de Araújo Filho. (Alegrete – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1892, p.144.
- Texto “A mulher”. Carlos Miller. (Rio Grande – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1892, p.120.
- Texto “Mãe”. Carolina de Albuquerque (Santa Cruz). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1892, p. 290.

1894

- Texto “Engano”. Nihil. (Pelotas – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1894, p .219.

- Textos sugeridos por Diderot – São Paulo. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1894, p.186.
- Texto “A invejosa”. A. S. Pires. (Rio Grande – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1894, p. 229.
- Texto “Amor Sem par”. Luiz E. Souza. (Maragogipe - Bahia). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1894, p. 247, 248.
- Texto “Sempre tristeza”. D. Francisca Sá Viana Montenegro (Piauí). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1894, p. 153, 154.

1895

- Texto “Grandes e incontestáveis vantagens oferece o anúncio...” *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895.
- Texto “Ao meu esposo”. Cândida Abreu Soares Pereira. (Pelotas – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, p.215.
- Texto “As mulheres”. Andradina de Oliveira. (Pelotas - Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, p.210.
- Texto “As mulheres”. (São Leopoldo – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, p.147.
- Texto “Não casar é melhor”. Leodegario. (Varejão, Pernambuco). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, p. ?
- Texto “Amor filial”. Tomé Gonçalves Ferreira Mendes (Passo Fundo – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, p.179-180.
- Texto “O meu ideal”. Cândida de Abreu. (Pelotas – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895, p. 85.

1896

- Texto “Ao meu primeiro filho”. Lucio de Mendonça. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1896, p. 153.
- Texto “A mulher”. Vivente Lucas de Lima. (Bagé – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1896, p.123.
- Texto “As mães de família”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. (Rio Pardo – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1896, p.145-146.

1897

- Texto “As solteironas”. Francelio Marques. (Vassouras – Rio de Janeiro). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1897, p.161-167.
- Texto “O amor materno é o único capaz de todos os sacrifícios”. Andradina de Oliveira. (Pelotas- Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1897, p. 177.

1898

- Texto “A mulher”. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. 1898, p.84.
- Texto “A mulher” (Jose Palmella). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1898, p.195.

1899

- Texto “A mulher”. Andradina de Oliveira. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1899 p. 171, 172.

1900

- Texto “Pobre Pai”. Alfredo F. Rodrigues. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1900, p. 203.

1901

- Texto “A mulher”. Pedro Antonio de Miranda. (Pelotas – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1901, p.161.

1904

- Texto “Charada”. Innonimado (Rio Grande – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1904, p.137.
- Texto “Feliz”. Auta de Souza. (Rio Grande do Nortel). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1904, p. 134.
- Texto “A imprensa”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1904, p. 75-76.
- Texto “Instrução e Progresso”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1904, p. 215.

1906

- Texto “A boneca”. Victor Hugo. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* de 1906, p.144.

1907

- Texto “A mulher”. Alexandre Herculano. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1907, p.142.

1908

- Texto “O casamento”. Jader de Carvalho. (Bagé – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, p. 1908, p. 116.

Anos não precisados

- Texto “Amor de pai”. Germano Pedroso Lobato. (São Gabriel – Rio Grande do Sul). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, Ano? p.?.
- Texto “Amor materno”. Antonio da Silveira Carvalho. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Ano? p.105.
- Texto “A mulher”. Reynaldo Casimiro (Conquista – BA). *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, Ano? p 221.

Almanaque Popular Brasileiro**1896**

- Texto “A paz internacional”. Josephina Alvarez de Azevedo. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1896, p. 118-119.
- Texto “Os Porcos”. Júlia Lopes de Almeida. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1896, p. 109-113.

1897

- Texto “Filosofia popular”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1897, p.129.
- Texto “Ser Pai”. Alexandre Dumas Filho. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1897, p. 126.
- Texto “Amor materno”. Wenceslau de Queiroz (São Paulo). *Almanaque Popular Brasileiro*, 1897, p. 266.
- Texto “Aos que tem mãe”. Frederico Lisboa. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1889, p. 106.
- Texto “Educação”. Julia Lopes de Almeida. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1897, p.270.

1898

- Texto “Desnecessário é encarecer a utilidade do anuncio numa publicação como esta...”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1898.
- Texto “Educação”. Sebastião Keneipp. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1898, p. 245.

1899

- Texto “A mulher”. Fagundes Varela. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p. 214, 215.
- Texto “Dialoga Conjugal”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p.232.
- Texto “O lar”. Julieta de Mello Monteiro (Rio Grande – Rio Grande do Sul). *Almanaque Popular Brasileiro* 1899, p. 221.
- Texto “Como eu te amo”. Gonçalves Dias (Maranhão). *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p. 106.
- Texto “Aos que tem mãe”. Frederico Lisboa. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p. 106.
- Texto “Cena doméstica”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p. 179.
- Texto “Banalidades e Paradoxos”. Urbano Duarte (Rio de Janeiro). *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p.115.
- Texto “Educação da mulher”. Anna Aurora do Amaral Lisboa. (Rio Pardo – Rio Grande do Sul). *Almanaque Popular Brasileiro*, 1899, p. 108.

1901

- Texto “Amor materno”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1901, p. 246.
- Texto “Mater”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1901, p. 282.

1903

- Texto de Urbano Duarte (Rio de Janeiro). *Almanaque Popular Brasileiro*, 1903, p.101.
- Texto “Amar”. Ricardo Azamor. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1903, p. 203.
- Texto “Dia seguinte do amor”. Vicente de Carvalho. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1903, p. 177.

1904

- Texto “O trabalho do diabo”. Tradução corrigida e adaptada para o almanaque. Raymundo Corrêa. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1904, p.220-221.

1905

- Texto “Olhar de filha”. Silvestre de Lima. (Barretos- São Paulo). *Almanaque Popular Brasileiro*, 1905, p.103.

1907

- Texto “A beleza masculina”. *Almanaque Popular Brasileiro*, 1907, p.115.

Anos não precisados

- Texto “A uma Dama”. Antonio Peregrino Maciel- Visconde Itamaracá- (Pernambuco). *Almanaque Popular Brasileiro, Ano? p. 238.*
- Texto “A mulher tem a cara do diabo”. Ferdinando Martiro (Suspiro). *Almanaque Popular Brasileiro, Ano? p. 152, 153.*
- Texto “Eras do amor”. Luiz Delfino (Rio de Janeiro). *Almanaque Popular Brasileiro, 1907 – 1905?, p. 90.*
- Texto “Os pais”. (Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul? Almanaque Popular Brasileiro? Ano? p.?)

APÊNDICES

Tabela 1: Mulheres no Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul

Nº	Nome	Ano em que aparecem nos almanaques	Título textos publicados	Locais de origem e locais de onde escrevem	Caracterização
1	Alice Lins Azevedo (1894-1940):	1895	Charada	João Pessoa – Paraíba	Educadora e feminista
2	Alice Moderno (1867 - 1946)	1889 1892 1893 1894 1896	A tua voz Logogrifo A tua carta O ator – Margarida e Fausto Lirismo, Pensamentos, Seu nome	Paris, França, Açores, Portugal	Poetisa e prosadora, jornalista, escritora, agricultora, comerciante
3	Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues (1891 - 1926)	1901	Ao 02 de julho	Santo Amaro da Purificação – Bahia Salvador-Bahia	Educadora, escritora, teatróloga, jornalista e poetisa
4	Anna Aurora do Amaral Lisboa (1860 - 1951)	1889 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1904	A prisão e a escola – O dia 14 de julho A justiça da história O médico: verso e reverso – Ao Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul A imprensa A guerra As mães de família Instrução e progresso Os amaraes	Rio Pardo – Rio Grande do Sul Porto Alegre – Rio Grande do Sul	Escritora, poetisa
5	Andradina de Oliveira (1864 - 1935)	1892 1895 1899	Ante o cadáver de uma criança Pensamentos – As mulheres A primeira mulher	Porto Alegre - Rio Grande do Sul Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, Bagé - Rio	Educadora, escritora e feminista

				Grande do Sul	
6	Auta de Souza (1876 - 1901)	1902 1904	Caminho do sertão – Ao luar Feliz	Macaíba – Rio Grande do Norte Recife - Pernambuco	Poetisa
7	Cândida de Oliveira Fortes (1862 - 1922)	1889 1893 1895 1899 ?	Charada O Palhaço (contos à minha irmã) Esperança Cromo estival A surdina Confiança Conjugal	Cachoeira do Sul – Rio Grande do Sul	Poetisa, jornalista e escritora
8	Carlota do Amaral Lisboa ?	1892 1893 1895	Recordações Saudade Amor de Mãe	Rio Pardo- Rio Grande do Sul	Escritora, educadora
9	Delfina Benigna da Cunha (1791-1857)	1901 1903	Cegueira Biografia de Delfina	São José do Norte - Rio Grande do Sul	Escritora - feminista
10	Delminda Silveira de Souza (1894 - 1932)	1889	Vesper	Desterro - Santa Catarina	Professora, escritora
11	Elvira Gama (?)	1905 1906	Enigma Se é preciso	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro	Escritora, poetisa
12	Emília Mundi Negrão	1896	Charada	Bahia	?
13	Francisca Júlia da Silva (1871 - 1920)	Completar		Eldorado Paulista – São Paulo	Poetisa, professora e escritora.
14	Julia Lopes de Almeida	1903	As Rosas	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro Campinas-São Paulo	Escritora-feminista
15	Julietta de Mello Monteiro (1863 - 1928)	1893 1894 1896 1889 1900 1901 1902 1903	Teu nome A chegada do inverno Interrogação Aquela noite A Saldanha da Gama Tarde de junho Gutemberg As rosas	Porto Alegre – Rio Grande do Sul Rio Grande – Rio Grande do Sul	Escritora e poetisa, editora de jornal feminino
16	Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona (1868 - 1956)	1899 1906	Ideal artístico- Antinarbi Ave-Maria	Friburgo, Rio de Janeiro Mogi Mirim – São Paulo	Poetisa

17	Revocata Heloísa de Melo (1862 - 1944)	1894 1902	Lazzarone Sofre e viver	Porto Alegre, Rio Grande do Sul Rio Grande – Rio Grande do Sul	Escritora, editora, abolicionista
18	Rosalia Sandoval (1876 - 1956)	1900	Abril	Alagoas	Escritora
19	Zalina Rolin (1869 – 1961)	1896 1903	Criança Morta De volta	Botucatu - São Paulo São Paulo – São Paulo	Poetisa, educadora, escritora
20	Zamira do Amaral Lisboa (1856 - 1944)	1895	A tua voz	Rio Pardo – Rio Grande do Sul	Educadora-escritora

Tabela 2: Outras mulheres no Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul

Nº	Nome	Ano em que aparecem no almanaque	Título dos textos publicados no almanaque
1	A.A. Beny	1898	Enigma
2	Adalgisa	1892 1893	Avihica
3	Adelaide M. da Silva	1889 1894	Logogrifo Enigma
4	Adelia Bonfim	1902 1905	Logogrifo Charada
5	Agar	1894	Enigma
6	Albertina	1895 1896	Logogrifo Macau
7	Alcina Cordeiro Meira	1906 1908	Charada Charada
8	Alice M. Mendes	1900	Charada
9	Almerinda Ribeiro	1901	Charada
10	Amanda V.B. Guimarães	1892 1894 1895	Enigma ? Charada
11	Anna Amélia Dantas	1894	O que eu amo
12	Anna E. R. O. Martins	1894 1895 1896	Charada Charada Charada
13	Anna Fonseca Teixeira Palha	1894	Enigma
14	Anna Jardelina da Conceição	1889 1994	Logogrifo Charada
15	Anna T. dos Santos	1892	Charada
16	Anezia Afonso Monteiro	1901	Logogrifo
17	Antonietta Moraes	1899	charada
18	Aura Lis	1892	Os dois cortejos
19	Aurea Pires	1901 1903	Contraste Impossível
20	Beatriz Sandoval	1895	Charada
21	Caçadora baiana	1889	Charada
22	Camponesa (Teimosa)?	1896 1903	Enigma Charada
23	Caçadora Paraense	1892	Logogrifo
24	Cândida Almeida?	1892	Meu ideal
25	Cândida de Abreu Soares Pereira	1895	Ser mãe O meu ideal
26	Cândida de Menezes Ribeiro	1889	Charada
27	Carmelitana de Arantes	1893 1894 1895 1896	Logogrifo -Charada Logogrifo Logogrifo Enigma

		1897 1898 1899 1900 1902	Logogrifo Charada Logogrifo-Charada Logogrifo Logogrifo
28	Carmem de Azevedo	1900	Charada
29	Carmem de Barros	1898	Charada
30	Carmita	1894	Charada
31	Carolina de Albuquerque	1892 1894	Mãe Charada
33	Carolina Ramos	1896 1897	Charada Charada
34	Celina de Aguiar	1896	Logogrifo
35	Chiquinha de Lima	1895 1898	Enigma Logogrifo
36	Constança Alves de Souza	1897 1901	Charada Charadas
37	Danlites	1893	Sonhando
38	E. O. de Castro	1904 1905	Charada Charada
39	Ecilia	1898	Charada
40	Edelweis	1895	Charada
41	Elisa F. Mattos. Grintenn	1902 1903 1904	Charada Logogrifo Charada
42	Elvira Cândida Ramos	1899	Charada
43	Ernestina	1892 1893	Logogrifo ?
44	Ester Mello	1900	Logogrifo
45	Esthefania Perpetua B. Fernandes	1896 1897	Saudade Enigma
46	Etelvina F. da Silva	1894	Logogrifo
47	Eugênia Brandão	1901 1904 1905 1906	Charada Charada Logo – Charada Charada
48	Eugênia de Sousa Costa	1902	A beira mar
49	Euthalia Freire	1895	O canto da escrava
50	Fernandina Drumond	1889	Morrer
51	Francisca Sá Viana Montenegro	1892 1894 1895	Logogrifo e Dedicatória a D. Carolina Albuquerque Sempre Tristeza Saudades do Passado
52	Geldipa Guimarães	1893	Saudações
53	Guiomar de Castro	1898 1900	Charada Enigma
54	Hermelinda B. de Faria	1897	Uma flor
55	Herminia P. Façanaro	1904	No campo do filho morto

56	Hulda Josephina Siedler	1893 1900 1901	Logogrifo Logogrifo Logogrifo
57	Ida L. Sttat	1893	A infância
58	Iná	1892	Desesperanças-Always
59	Irene Eloy de Sequeira	1904	Charada
60	Isaurinha de Castro	1905	Ao cair da noite
61	Iveta	1893	Charada
62	Joana Darc de Abrantes	1893	Charada
63	Joaninha B.	1892 1893 1896	Charada Enigma Charada
64	Josephina Lemos	1892	Charada
65	Julia Marinho de Campos	1893 1894	Enigma Ao amanhecer - Logogrifo
66	Julia Portela	1900	Logogrifo
67	Lavínia Leandrina Trevisani	1894	No campo
68	Leda Brasil	1906 1908	? Enigma
69	Letícia R. O. Martins	1895	Enigma
70	Lindoia Brasileira de Moraes	1893 1894	Logogrifo Logogrifo
71	Luiza Amália	1892 1893 1894 1895 1896 1897	Logogrifo D. Pedro Alcântara ? Fiasco D, Pedro Alcântara - O poder do Gênio Amor - A rameira
72	Luiza Marieta de Miranda	1893	Charada
73	Marcia M. da Cunha	1908	Logogrifo
74	Marcionilla de Souza	1906	Logogrifo
75	Maria A . Holanda Chacon	1900	Charada
76	Maria Anathilde	1894	O meu tormento
77	Maria Antonieta Perpetua Bandeira Fernandes	1897	Charada
78	Maria Cândida de Souza	1897 1898	Logogrifo Charada
79	Maria da Glória R. O. Martins	1894 1895 1896	Charada Charada Logogrifo
80	Maria Emilia Accete	1894	Logogrifo
81	Maria Feijó Jetahy	1893	Logogrifo
82	Maria Iveta de Araújo	1893	Agradecimento

		1894	Charada
83	Maria Joana da Cunha	1906	Charada
84	Maria José de Jesus	1898	Charada
85	Maria Lilia de Araújo	1893	Abandonada
86	Maria Joaquina S. Fernandes Chaves	1893 1906 1908	Charada Enigma Charada
87	Maria José de Brito	1893	Charada
88	Maria Ramos	1896 1897	Charadas Charada
89	Maria R. da Conceição	1894	Logogrifo
90	Maria Ribeiro de Menezes	1892 1889 1893	Charada Charada Charada
91	Mariana de Veneza	1902	Charada
92	Marianinha N.	1894	Charada
93	Marieta G. N Lins	1906 1908	Logogrifo Charada
94	Maricota	1902	Charada
95	Matuta	1894	Charada
96	Nene Marques	1904	Charada
97	Nininha Chaves	1901 1902	Charada Charada
98	Olga Rios	1908	?
99	Pepita	1906 1908	Logogrifo Charada
100	Rachel R. O. Martins	1894	Enigma
101	Rosalia Roble	1895 1902	Charada Charada
102	Rosalia Rosalva Rodrigues	1902	?
103	Semiramis	1983 1895	Logogrifo Charada
104	Sensitiva do Recife	1893	Enigma
105	Silvana J. de Matos Faria	1893	Logogrifo
106	Sinhá Ribeiro	1905	Charada
107	Teteia	1895	A prisioneira de Marceau (Tradução do texto de Alexandre Dumas)
108	Úrsula Garcia	1902 1903 1904 1905 1906	Recordações- Bela –Sobre o túmulo e Bela Bela Morta Maria Celina Bela
109	Úrsula Maria Correia de Souza	1894	Aos distintos clubes dos Gansos Pretos da Bahia e Teimosos de Pelotas
110	Urze	1903	Logogrifo

111	Venencia L. A. Barros	1894 1895	Adelina Ribeiro de Oliveira Logogrifo
112	Violeta	1894	Logogrifo
113	Zoé de Castro Magalhães	1899	Logogrifo
114	Zulmira Cândida de Oliveira	1893	?

Tabela 3: Mulheres no Almanaque Popular Brasileiro

Nº	Nome	Ano em que aparecem no almanaque	Título dos textos publicados no almanaque	Locais de origem e locais de onde escrevem	Caracterização
1	Albertina Paraizo (1864 - 1964)	1896	Vergis Mein Nicht	Lisboa-Portugal	Poetisa, jornalista e feminista
2	Amelia de Oliveira (1865 - 1945)	1901	Não Vem	Rio de Janeiro	----
3	Anna Aurora do Amaral Lisboa (1860 - 1951)	1889	A educação da mulher	Rio Pardo – Rio Grande do Sul Porto Alegre - Rio Grande do Sul	Escritora, poetisa
4	Adelaide de Castro Alves Guimarães (1854 - 1940)	1904	Sic est	Salvador - Bahia e Rio de Janeiro – Rio de Janeiro	Poetisa
5	Adelina Amélia Lopes Vieira (1850 - ?)	1896 1899 1906	Adeus A jornada É tarde	Lisboa - Portugal Rio de Janeiro – Rio de Janeiro	Professora, escritora, poetisa
6	Alice Moderno (1867 - 1946)	1898 1901	Jugar com Fuego As borboletas	Paris, França, Açores, Portugal	Poetisa , prosadora, jornalista, escritora, agricultora, comerciante
7	Anna Teófila Filgueiras Autran (1856 - 1933)	1901	Teus olhos	Salvador, Bahia	Escritora, abolicionista
8	Anna Nogueira Babtista (1870 - 1967)	1897 1898 1899 1908	Logogrifos Sobre as ondas Versos ao Luiz Passado	Icó, Ceará	Poetisa, abolicionista
9	Andradina de Oliveira (1864 - 1935)	1897	Pensamentos	Porto Alegre - Rio Grande do Sul Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, Bagé - Rio Grande do Sul	Educadora, escritora e feminista
10	Auta de Souza (1876 - 1901)	1901 1903 1906	Regina Mary Rum Ao pé do túmulo Biografia da autora - A agonia do coração	Macaíba – Rio Grande do Norte Recife - Pernambuco	Poetisa

11	Cândida de Oliveira Fortes Brandão (1862 - 1922)	1896	Suprema desilusão	Cachoeira do Sul – Rio Grande do Sul	Poetisa, jornalista e professora
12	Cláudia de Campos (1859 - 1916)	1905	Conselhos às mães	Sines - Portugal Lisboa - Portugal	Escritora, poetisa, ensaísta
13	Elvira Gama (?)	1897 1898 1899	Magna flor Felizes Felizes	Rio de Janeiro - Rio de Janeiro	Escritora e poetisa
14	Francisca Clotilde (1862 - 1935)	1889	Padre Angelo	Tauá - Ceará	Professora, escritora, abolicionista
15	Francisca Julia da Silva (1871 - 1920)	1897 1899 1901 1903 1904 1905	Intermezzo Vênus Inverno Rainha das Águas A noite Musa impossível	Eldorado Paulista - São Paulo	Poetisa, professora e escritora
16	Gracia Hermelinda da Cunha Mattos ?	1899	A esperança	?	Escritora, filósofa
17	Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona (1868 - 1956)	1899 1903 1907 1908	Marinha Ao Rio Grande do Sul Deus Ondas	Friburgo, Rio de Janeiro Mogi Mirim – São Paulo	Poetisa
18	Josephina Alvarez Azevedo (1851 - ?)	1896	A paz internacional	Recife – Pernambuco	Escritora, jornalista, feminista
19	Julia Cavalcanti (1872 - 1890)	1896 1897	Chimeras Ficção Frases Aéreas	Pelotas – Rio Grande do Sul	Escritora
20	Julia Cortines (1863 - 1948)	1899 1901 1903 1904 1905 1906 1907 1908	O deserto Depois da Batalha Soledade A vingança de de cambyses Dilúvio Heroes O anoitecer Esfinge –	Rio Bonito – Rio de Janeiro Rio de Janeiro-Rio de Janeiro	Poetisa, escritora

			Versos de uma Suicida		
21	Julia Lopes de Almeida (1862 - 1934)	1896 1897	Os porcos Educação	Rio de Janeiro – Rio de Janeiro Campinas-São Paulo	Escritora, feminista
22	Julietta de Mello Monteiro (1863 - 1928)	1897 1898 1899	Carta a Damasceno Vieira Alda O lar	Porto Alegre, Rio Grande do Sul Rio Grande - Rio Grande do Sul	Escritora e poetisa, editora de jornal feminino
23	Maria Amalia de Vaz Carvalho (1847-1921)	1896	A mulher	Lisboa - Portugal	Escritora, poetisa
24	Maria Augusta Meira de Vasconcellos (1872 -)	1901 1903 1905	Charadas Charadas Charadas	Pernambuco	Bacharel em Direito, escritora
25	Maria Torres Frias – (1883 - 1953)	1904 1906 1907 1905	Única flor Realidades Los Alamos – A mi querido padre Oh tristeza!	Argentina	Escritora
26	Narcisa Amália de Campos (1852 - 1924)	1899 1903 1905	Recordação fatal Crepúsculo de Abril Confissão	São João da Barra - Rio de Janeiro Resende - Rio de Janeiro	Escritora, poetisa, jornalista
27	Ninon de Lenclos	1896	Pobreza Moral	Paris – França	Escritora
28	Prescilina Duarte de Almeida (1867 - 1944)	1899	As cartas	Pouso Alegre – Minas Gerais	Escritora, poetisa
29	Revocata Heloisa de Mello (1862 – 1944)	1898	Um guerreiro	Porto Alegre, Rio Grande do Sul Rio Grande – Rio Grande do Sul	Escritora, editora, abolicionista
30	Zalina Rolin (1869 – 1961)	1897 1898 1896 1901 1905	Quadro simples Sono de moça Pomba ferida A uma menina A meu filho	Botucatu - São Paulo São Paulo – São Paulo	Poetisa, educadora, escritora

Tabela 4: Outras mulheres no *Almanaque Popular Brasileiro*

Nº	Nome	Ano em que aparecem no almanaque	Título dos textos publicados no almanaque
1	Adelaide M. Forland	1897 1898 1999 1903 1908	Enigma Enigma Charada Enigma Metagramas
2	Adelia Bonfim	1905	As aves na geografia do Brasil
3	Adelia Castel	1907	El infiel
4	Adelia M. L. Dorea	1903	Enigma
5	Albertina	1896	Charadas
6	Alice Alves Freitas	1904	Charadas
7	Alice Menezes Dorla	1907	Charadas
8	Alice S. Rodrigues	1908	Charadas
9	Almerinda Ribeiro	1901 1907 1908	Charadas Charadas Charadas
10	Ana Martins	1896	—
11	Ana Palha	1896	Logogrifo
12	Anna Pamplona	1905 1906	Perguntas históricas Perguntas históricas
13	Anna Queiroz	1897	A noite de São João
14	Aurea Pires	1896	Impossível
15	Aurora Gypsophila Costa	1905 1906	Enigma Charadas
16	Baronesa de Mamanguape	1896	A lágrima
17	Carmelitana de Arantes	1896 1897 1898	Logogrifo Charadas Charadas
18	Carmem Sylvia	1898 1899	A felicidade A política
19	Clotilde Ramos	1907	Trovas
20	Cordelia Murat	1901	Charadas
21	Delminda Silveira	1896	Saudades de minha terra
22	Dolores de Lima	1907	Perguntas Históricas

23	Elmira Fiori	1901 1903 1906	Charadas Charada Enigma
24	Elisa F.Mattos Grintem	1903 1904 1905	Charadas Charadas Logogrifo
25	Emilia Cerqueira de Oliveira	1898 1904 1908	Charadas Enigma Charadas
26	Emilia Mundi Negrão	1898	Logogrifo
27	E. O. Castro	1896 1897	Charadas Charadas
28	Esther Tavares	1904	Charadas
29	Etelvina Ferreira	1896 1898	Logogrifo logogrifo
30	Flôr de Liz	1896	Enigma
31	Flora de Almeida	1898 1899 1901 1905	Enigma Charadas Charadas Charadas
32	Francisca de Góes	1907	Charadas
33	Gaches Sarrante	1901	---
34	Georgina Teixeira	1899	Eterna História
35	Gigia	1907	Charadas
36	Guiomar de Castro	1896	Charadas
37	Heloisa Padilha	1905	Perguntas históricas
38	Henriqueta Queiroz	1897	Charadas
39	Hulda Josephina Siedler	1907 1908	Enigma Enigma
40	Irene Ely Siqueira	1901 1904	Enigma Logogrifo
41	Iria de Souza	1908	Logogrifo
42	Jocarmo	1901	Charadas
43	Jovem Laura	1904	Charadas
44	Josephina B.	1896	Charadas
45	Lavinia Correa	1904	Charadas
46	Leonor Pontes	1903	Charadas
47	Letícia London	1898	A felicidade
48	Lia	1904	Charadas

49	Lizalia	1896	Charadas
50	Luana Lopes Carrilho	1903 1904	Umbrã Costumbres Campesinas Argentinas
51	Luiza Amalia	1898	Buscando um nome
52	Madame Agout	1898	-----
53	Maria C. Guerra Jucá	1897 1905	Flores da Alma A lágrima e o sorriso
54	Maria Joaquina Chaves	1896	Charadas
55	Maria Joaquina de Souza Fernandez	1897 1898	Charadas Charadas
56	Maria Martins	1896	Charada
57	Maria Queiroz da Motta Silveira	1897	Charadas
58	Maria Ramos	1897	Charadas
59	Marieta N.G. Lins	1904 1905 1906 1908	Charadas Charadas Charadas Charadas
60	Mariquinha	1896	Charadas
61	Matuta Pernambuco	1903	Charadas
62	Nair Autran	1908	Charadas
63	Pequenina Misteriosa	1907 1908	Charadas Charadas
64	Philomena Serpa	1899	Crianças
65	Rosalia Roble	1896 1899	Enigma Charadas
66	Tercilia Lobo	1896	Saudade
67	Vera de Lima	1908	Sonhando
68	Zefina	1906	Charadas

ANEXO

Anexo 1: Normas de atualização dos textos

Os textos retirados dos almanaques para compor essa dissertação foram transcritos e atualizados ortograficamente. Na sequência, alguns critérios utilizados na atualização ortográfica:

1. A grafia original do título dos almanaques é : *Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul e Almanach Popular Brasileiro*.
2. A ortografia de todos os textos será atualizada segundo as normas vigentes.
Exemplo: (litterário > literário; almanach/ almanak > almanaque; pae > pai; annos > anos; ella/elle> ela/ele; compreende > compreende; creança > criança; martyrio > martírio; céo > céu; instinctos > instintos; etc.)
3. A acentuação também é corrigida segundo as normas vigentes.
Exemplo: (crudelissimas > crudelíssimas; proprio > próprio)
4. Os nomes estrangeiros e nacionais se mantêm conforme a grafia que consta nos almanaques.
Exemplo: (Victor Hugo > Victor Hugo; Luthero > Luthero)
5. Mantêm-se a pontuação original.
6. Erros tipográficos evidentes: corrigem-se.
7. Corrigem-se apóstrofos: (Exemplos: p'ra > pra; E' > É)
8. Estrofação e paragrafação: mantêm-se conforme o original;